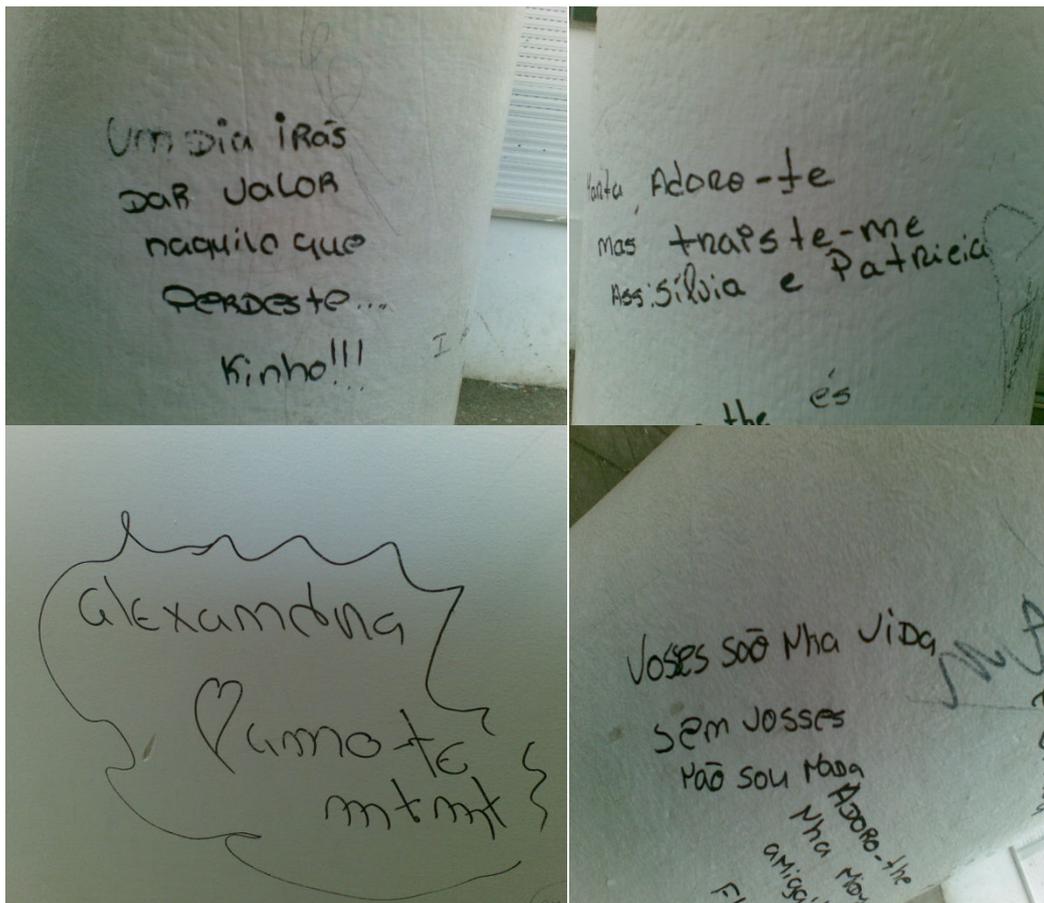


**CIES / ISCTE - IUL**

# **Adolescência, Violência e Género no Concelho de Cascais**

**Relatório Final**



**Coordenador:** João Sebastião

**Equipa:** Alice Alexandre, Jorge Horta Ferreira

Estudo promovido pela **Câmara Municipal de Cascais**

2010

## **Agradecimentos**

O Centro de Investigação e Estudos de Sociologia gostaria de agradecer a todos/as os/as que contribuíram de forma inestimável para a realização deste estudo, nomeadamente os/as Alunos/as, Directores/as e Docentes das escolas públicas do Concelho. Gostaríamos ainda de agradecer, nas pessoas da Dr.<sup>a</sup> Maria Luísa França e da Dr.<sup>a</sup> Filipa de Sousa Pereira, à Divisão da Rede Social e Igualdade de Género, assim como à Vereação da Habitação e Acção Social da Câmara Municipal de Cascais, na pessoa da Dr.<sup>a</sup> Mariana Ribeiro Ferreira, pelo apoio constante que nos prestaram ao longo de todo o processo de investigação.

# Índice

Índice de quadros	4
Índice de gráficos	6
<b>Parte I – Pesquisa</b>	<b>8</b>
1. Enquadramento	8
1.1. Âmbito e Objectivos	8
1.2. Enquadramento teórico-conceptual	10
1.3. Estratégia metodológica	19
1.4. Estrutura, dimensões e variáveis de vitimação e agressão do inquirido	22
1.4.1. Violência no namoro	22
1.4.2. Violência entre pares	24
1.4.3. Crenças e atitudes face à violência	26
2. Amostra de adolescentes inquiridos/as	28
2.1. Construção da amostra	28
2.2. Caracterização da amostra	29
<b>Parte II – Contextos</b>	<b>34</b>
1. Introdução	34
2. A visão dos/as Directores/as	36
3. Regras	40
<b>Parte III – Violência nas relações de namoro e entre pares na adolescência</b>	<b>43</b>
1. Violência nas relações de namoro	43
1.1. Situações de vitimação e de agressão no namoro	44
1.2. Violência no namoro segundo o género	53
1.3. Violência no namoro segundo a idade, repetência e tipo de ensino	56
1.4. Relevância, nas situações de violência no namoro, do nível de escolaridade e do grupo socioprofissional do/a encarregado/a de educação	60
1.5. A reacção à agressão	65
2. Violência entre pares	68
2.1. Situações de vitimação e agressão entre pares	70
2.2. Violência entre pares segundo o género	79

2.3. Violência segundo a idade, repetência e tipo de ensino nas relações entre pares	82
2.4. A reacção às situações de agressão	86
2.5. A importância da relação entre o sistema de regras e a intervenção	91
<b>Parte IV – Crenças e atitudes face à violência</b>	<b>94</b>
1. Introdução	94
2. Como percebem os/as adolescentes a legitimidade dos comportamentos violentos	95
2.1. Crenças e atitudes face à violência segundo o género	96
2.2. Crenças e atitudes face à violência segundo a idade, repetência e tipo de ensino	97
2.3. Crenças e atitudes segundo o conhecimento do Regulamento Interno	100
3. Atitudes face à violência física de género	101
3.1. Atitudes face à violência física de género segundo o género	104
4. Relação entre as crenças e atitudes face à violência e as práticas de violência no namoro e entre pares	106
<b>Parte V – Intervenção e prevenção</b>	<b>108</b>
4. Contributos dos/as jovens para fazer face à violência	108
5. Programas de Intervenção em Violência no Namoro	110
2.1. Programa Quatro R (de Relacionamentos)	112
2.2. <i>The White Ribbon Campaign</i> (WRC)	114
2.3. Projecto Direitos & Desafios / Programa Progride	116
2.4. Referências dos Programas	118
<b>Conclusões</b>	<b>119</b>
<b>Recomendações</b>	<b>126</b>
1. Abordar a violência como um fenómeno multidimensional	126
2. Centrar a atenção nos adolescentes	127
3. Conseguir a colaboração de famílias e comunidade	128
4. Aprofundar o funcionamento em rede	128
5. Colocar o debate sobre violência nos currículos	129
6. Criar uma rede de interlocutores	130
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>132</b>
<b>Anexos</b>	

## Índice de quadros

### Parte I

Quadro 2.1.1 - Distribuição dos/as inquiridos/as por escola	28
Quadro 2.2.1 – Situação face ao namoro	30
Quadro 2.2.2 – Subsídio de apoio aos estudos	33

### Parte III

Quadro 1.1 - Índices de violência nas relações de namoro	43
Quadro 1.1.1 - Situações de vitimação no namoro	45
Quadro 1.1.2 - Situações de agressão no namoro	46
Quadro 1.1.3 - Situações declaradas de vitimação e agressão no namoro	47
Quadro 1.1.4 – Violência nas relações de namoro segundo o papel desempenhado e o género	49
Quadro 1.1.4.1 - Violência nas relações de namoro segundo o papel desempenhado e o tipo de violência	50
Quadro 1.1.5 - Afirmações que mais se identificam com o/a teu/tua namorado/a	51
Quadro 1.2.1 - Situações de violência no namoro segundo o género	54
Quadro 1.4.1 – Violência no namoro segundo a categoria socioprofissional do/a encarregado/a de educação	63
Quadro 2.1 - Índices de violência entre pares	69
Quadro 2.1.1 - Situações de vitimação entre pares	73
Quadro 2.1.2 - Situações de agressão entre pares	74
Quadro 2.1.3 – Situações de testemunho de violência entre pares	75
Quadro 2.1.4 – Situações de vitimação, agressão e testemunho de violência entre pares	76
Quadro 2.1.5 – Violência entre pares segundo papel desempenhado e o tipo de violência	78
Quadro 2.2.1 - Situações de violência entre pares segundo o género	80
Quadro 2.4.1 - Comportamento dos/as professores/as perante situações de violência e exclusão	90
Quadro 2.5.1 - Violência entre pares segundo a variável “conhece o regulamento interno?”	92

### Parte IV

Quadro 2.1 – Crenças e atitudes dos/as adolescentes face à violência	95
Quadro 3.1 - Atitudes face à violência física de homens sobre mulheres	102
Quadro 3.2 - Atitudes face à violência física de mulheres sobre homens	103
Quadro 3.1.1 - Atitudes de género face à violência física de homens sobre mulheres	104

Quadro 3.1.2 - Atitudes de género face à violência física de mulheres sobre homens	105
Quadro 4.1 - Correlações entre atitudes face à violência e práticas de violência	107
<b>Parte V</b>	
Quadro 1.1 - Sugestões dos/as adolescentes para fazer face à violência	109

## Índice de gráficos

### Parte I

Gráfico 2.2.1 – Distribuição dos/as inquiridos/as por idades	29
Gráfico 2.2.2 – Distribuição dos/as inquiridos/as por sexo	29
Gráfico 2.2.3 – Distribuição dos/as inquiridos/as por tipo de ensino	30
Gráfico 2.2.4 – Quem é o/a encarregado/a de educação	31
Gráfico 2.2.5 – Escolaridade o/a encarregado/a de educação	31
Gráfico 2.2.6 – Situação na profissão do/a encarregado/a de educação	32
Gráfico 2.2.7 – Categoria socioprofissional do/a encarregado/a de educação	32

### Parte III

Gráfico 1.1.1 - Situações declaradas de vitimação e agressão no namoro	47
Gráfico 1.1.2 – Como se sentem nas relações	52
Gráfico 1.2.1 - Violência no namoro segundo o género	55
Gráfico 1.3.1 – Violência no namoro segundo a idade	58
Gráfico 1.3.2 – Violência no namoro segundo a variável “passou de ano?”	59
Gráfico 1.3.3 – Violência no namoro segundo o tipo de ensino	59
Gráfico 1.4.1- Violência no namoro segundo o nível de escolaridade do/a encarregado/a de educação	62
Gráfico 1.4.2 - Vitimação no namoro segundo a categoria socioprofissional do/a encarregado/a de educação	63
Gráfico 1.4.3 - Agressão no namoro segundo a categoria socioprofissional do/a encarregado/a de educação	64
Gráfico 1.5.1 - A quem costuma contar em situações de violência no namoro	67
Gráfico 1.5.2 - A quem recorre para pedir ajuda em situações de violência no namoro	67
Gráfico 2.1 – Situações de vitimação, agressão e testemunho de violência entre pares	76
Gráfico 2.2.1 – Situações de violência entre pares segundo o género	81
Gráfico 2.3.1 - Situações de violência entre pares segundo a idade	84
Gráfico 2.3.2- Situações de violência entre pares segundo a variável “passou sempre de ano?”	84
Gráfico 2.3.3- Situações de violência entre pares segundo o tipo de	85
Gráfico 2.4.1 - A quem costuma contar quando vítima de alguma forma de violência	86
Gráfico 2.4.2 - Quem intervém para ajudar quando é vítima de alguma forma de violência?	87

Gráfico 2.4.3 - Comportamento dos/as jovens perante situações de violência e exclusão	88
Gráfico 2.4.4 - Comportamento dos/as professores/as perante situações de violência e exclusão	90
Gráfico 2.5.1 - Violência entre pares segundo a variável “conhece o regulamento interno?”	93

#### **Parte IV**

Gráfico 2.1 – Crenças e atitudes dos/as adolescentes face à violência	95
Gráfico 2.1.1 - Crenças e atitudes face à violência segundo o género	96
Gráfico 2.2.1 - Crenças e atitudes face à violência segundo o escalão	98
Gráfico 2.2.2 - Crenças e atitudes face à violência segundo a variável “passou de ano?”	98
Gráfico 2.2.3 - Crenças e atitudes face à violência segundo o tipo de	99
Gráfico 2.3.1 - Atitudes face à violência segundo a variável “conhece o regulamento interno?”	100
Gráfico 3.1 - Atitudes face à violência física de homens sobre mulheres	102
Quadro 3.2 - Atitudes face à violência física de mulheres sobre homens	103

## **Parte I – Pesquisa**

### **1. Enquadramento**

#### **1.1. Âmbito e Objectivos**

O estudo que aqui se apresenta inscreve-se nos objectivos estratégicos do Plano Municipal contra a Violência Doméstica de Cascais, que, entre outras medidas e acções, visa promover o conhecimento sobre as percepções dos adolescentes relativamente às relações sociais de género e à violência.

Os seus principais objectivos são caracterizar e analisar as percepções, atitudes e práticas dos/as adolescentes do concelho relativamente à violência entre pares e no namoro, de modo a fundamentar a prevenção e intervenção nestes domínios. Para tal, a autarquia definiu como grupo prioritário os/as adolescentes que frequentaram o 9º ano ou equivalente na escola pública durante o ano lectivo de 2009/2010.

Para atingir os referidos objectivos definiu-se o desenvolvimento das seguintes acções:

- Inquirição de uma amostra representativa da população de adolescentes a frequentar o 9º ano de escolaridade do ensino público no Concelho de Cascais sobre as questões em análise;

- Promoção do envolvimento das escolas no processo de diagnóstico, enquanto entidades colaborantes no estudo e enquanto agentes fundamentais para a intervenção futura ao nível da prevenção;
- Introdução da dimensão das questões de género, e da sua relação com a violência, na concepção do projecto de investigação, nos instrumentos de pesquisa e na análise dos resultados;
- Análise das percepções e estratégias dos/as dirigentes escolares envolvidos/as para lidar com situações de violência entre pares e nas relações de namoro entre alunas/os;
- Identificação de projectos ou actividades existentes nas escolas públicas do Concelho que tenham como objectivo a prevenção da violência ou, de um modo geral, a promoção de competências pessoais e sociais;
- Sistematização de experiências de intervenção nestes domínios noutros locais do País e noutros países;
- Com base na referida sistematização e nos resultados da pesquisa, elaboração de recomendações para uma intervenção estruturada ao nível da prevenção de comportamentos violentos nas crianças e adolescentes do Concelho de Cascais.

## **1.2. Enquadramento teórico - conceptual**

A crescente importância atribuída a temas ligados à infância e adolescência nos debates em torno das políticas públicas tem em grande parte resultado da chamada de atenção e crítica de comportamentos vistos como socialmente indesejáveis, e que, supostamente, deveriam ser erradicados pelos efeitos socializadores dessas mesmas políticas. Ocupando um lugar central nesse debate encontram-se os comportamentos violentos, aos quais são atribuídos efeitos fortemente desestabilizadores da vida em sociedade, esquecendo-se frequentemente a importância dos contextos e das características da posição social particular desses mesmos adolescentes nas sociedades contemporâneas.

O espaço/período de vida comumente designado por adolescência e juventude tem vindo progressivamente a alargar-se ao longo das últimas décadas, remetendo para um horizonte cada vez mais tardio a entrada dos indivíduos na vida adulta. Os/as adolescentes encontram-se na situação particular de já não serem crianças mas não serem ainda adultos, apesar das transformações biológicas manterem a sua progressão. O seu desenvolvimento físico e socioafectivo evolui rapidamente a partir da puberdade dando origem a novas e mais intensas formas de relacionamento, das quais as mais significativas são a afirmação do desejo de autonomia, o aparecimento de formas de amizade mais amplas e diversas ou novas experiências afectivas, nomeadamente o namoro. Esta expansão do universo socioafectivo dos/as adolescentes faz-se de forma bastante tumultuosa e por vezes conflitual, contribuindo para a sua progressiva maturidade individual e colectiva. Todavia este processo dá-se num quadro de contradições já que em paralelo à crescente maturidade e desejo de emancipação individual se vêm alargando formas institucionais de dependência e limitação da autonomia (como o alargamento da escolaridade obrigatória até aos 18 anos) que impedem os/as adolescentes de participar em contextos sociais relevantes, dos quais o mais significativo será o trabalho, mas que igualmente os mantêm afastados durante

largos períodos do dia do contacto com outro tipo de indivíduos (adultos ou crianças, por ex.). Como resultado desta situação peculiar de "semi-isolamento ecológico" produz-se um quadro em que a socialização resultante do contacto prolongado com indivíduos com as mesmas características sociais assume uma centralidade elevada, exigindo um esforço permanente a famílias e docentes para os conjugar com outros processos de orientação (seja na interiorização de quadros de valores ou na estruturação de futuros projectos de vida ou profissionais).

O aparecimento de situações de violência entre adolescentes é bem um exemplo da ambiguidade da posição em que se encontram. Ao partilharem quotidianamente durante longos períodos os mesmos espaços (principalmente o escolar), os diversos tipos de agressividade e violência sobrepõem-se, fazendo com que ocorrências de violência entre pares ou entre namorados sejam frequentemente classificadas pelos responsáveis dos estabelecimentos escolares como violência na escola, ignorando assim o facto de que esses acontecimentos resultam de situações e factores relacionais diversos. Torna-se deste modo mais complexo diferenciar os diversos tipos de ocorrências, e, também mais difícil promover processos de prevenção e intervenção.

Uma das ambiguidades mais significativas diz respeito à própria compreensão do que deve ser visto como violência, já que é frequente a existência de confusões e imprecisões relativamente aos conceitos e noções utilizados. Importa assim procurar uma definição, mesmo que provisória, para analisar os comportamentos violentos.

Podemos hoje verificar a existência nas escolas e comunidades de um número significativo de situações caracterizadas pela presença de agressividade entre adolescentes, diversidade de situações que coloca problemas classificatórios já que as distinções entre estas nem sempre são claras. Se existe alguma proximidade semântica entre conceitos como os de violência, agressividade,

incivilidade ou indisciplina, tal proximidade não significa nem implica necessariamente que descrevam os mesmos fenómenos nem que isso nos permita interpretá-los da mesma forma.

Um primeiro traço que diferencia as situações de violência é a presença de agressão, entendida esta como um comportamento levado a cabo por uma pessoa (o/a agressor/a) com a intenção de magoar outra pessoa (a vítima) que o/a agressor/a acredita estar motivada para tentar evitar essa ofensa. Esta acção possui um carácter intencional, podendo assumir um carácter físico ou psicológico, distinguindo-se assim de formas acidentais ou resultantes de consequências não esperadas. Se a intencionalidade do acto de agredir é um traço central nas situações de interacção (face a face ou indirecta, como na internet) que designamos como violentas, já estas podem possuir traços bastante distintos. Deste modo, podemos diferenciar formas reactivas/afectivas ou proactivas/instrumentais de agressão, remetendo estas para intencionalidades e fins diversos. No primeiro caso o objectivo central é claramente magoar o/a outro/a, tendencialmente uma reacção emocional a um impulso, a uma provocação ou atitude hostil, constituindo a agressão um objectivo em si; enquanto nas formas de agressão instrumental a acção violenta surge principalmente como um meio para atingir um objectivo (por exemplo, uma agressão para roubar um telemóvel, mas que na ausência de resistência da vítima não se efectiva).

Partindo desta distinção prévia, quando falamos de violência remetemos para o que noutra momento procurámos definir como o excesso que, numa relação social, condensa uma visão do mundo como um espaço social de relações conflituais, que tendem para uma qualquer forma de ruptura com a normalidade social considerada legítima. É uma relação que, pretendendo ser irreversível, visa a constituição de um estado de dominação, é uma relação em que a acção é imperativa. A violência pressupõe acção de alguém sobre outro(s), sendo que essa acção implica o condicionamento da capacidade de agir desses outros, seja pelo uso da força física ou de mecanismos de pressão psicológica. Trata-

se de uma configuração relacional particular, em que as relações de poder entre actores sociais são claramente assimétricas em desfavor da vítima, assimetria essa que limita a sua capacidade para reagir às consequências da agressão. É exactamente esta limitação que coloca a vítima numa situação específica de desprotecção, já que na maioria dos casos impede a actuação dos sistemas de regras sociais e/ou institucionais pois estes são muitas vezes marcados pela ambiguidade, ou, em outros casos, pela adesão de indivíduos e grupos agressores depender do seu conhecimento dos quadros de regras predominantes, ou em situações minoritárias, por lhes oporem quadros de regras particularistas.

É importante referir que os mesmos princípios explicativos não poderão ser utilizados em todas as situações, como resulta da análise dos debates sobre violência nas diversas áreas. Existem especificidades quando falamos de situações de violência entre pares, na escola ou no namoro, já que numas vezes remetemos para tipos de relações sociais particulares (entre pares, namoro) e noutras para contextos de interacção (a escola). Se no primeiro caso abordamos diferentes formas de tensão, conflito ou dominação no quadro de relações genericamente estabelecidas de modo espontâneo entre indivíduos com estatuto social semelhante; já no segundo abordamos formas de violência que se produzem num quadro de relações caracterizado por posições e papéis sociais institucionalmente diferenciados, e por essa razão, com capacidades de acção também diferenciadas. É possível em muitas situações confundir situações de violência entre pares e no namoro, porque se sobrepõem no espaço e no tempo, já as situações de violência resultantes da própria actividade da escola, como aquelas que se produzem durante actividades lectivas entre alunos/as, docentes e funcionários/as, ou encarregados/as de educação apresentam frequentemente características específicas que as tornam mais diferenciadas (como a intervenção/participação de adultos, por ex.). As ocorrências de violência no namoro partilham de uma parte das características anteriormente referidas, mas a especificidade da relação em causa torna necessário a sua análise de forma autónoma.

Um primeiro aspecto que ressalta da abordagem das situações de violência no namoro entre adolescentes é a relativa incredulidade com que estas situações são socialmente encaradas, já que parecem destruir uma suposta "pureza original" do amor romântico que seria típico da adolescência, embora a existência de situações de violência entre pessoas partilhando relações baseadas na afectividade não constitua um fenómeno recente ou desconhecido (nomeadamente devido aos ecos de situações extremas, como os homicídios em contexto de violência doméstica).

As situações de violência entre pessoas ligadas por laços afectivos, sob as mais diversas formas, têm sido prática corrente ao longo da História, e existem autores que advogam que as mulheres sempre foram maltratadas pelos homens, assumindo um estatuto de subordinação e subserviência. Porém, o desenvolvimento da investigação sobre a violência enquanto problema social específico ocorreu somente a partir da década de 1960, assistindo-se desde então a uma crescente atenção social e científica sobre a violência contra as mulheres no quadro das relações de namoro. As repercussões deste debate em Portugal fizeram-se sentir sobretudo a partir do início da década de 1990, como resultado da crescente consciencialização sobre a gravidade e dimensão do problema. Inicialmente a investigação confinou-se quase exclusivamente à violência entre cônjuges adultos, e só muito recentemente o enfoque recaiu sobre outros grupos sociais como os/as adolescentes e seus relacionamentos, sendo este tipo de violência referenciada a nível internacional como *dating violence* ou *courtship violence*. Inquéritos internacionais à vitimação administrados em finais da década de 90 evidenciaram níveis elevados de violência na intimidade juvenil, expondo relações de namoro caracterizadas por estratégias de controlo e restrição da autonomia das raparigas, e demonstrando, assim, que este tipo de abuso não era exclusivo das relações conjugais.

A relação entre violência e gênero no âmbito das relações de namoro motiva discussões no seio da comunidade científica, sendo que diversos estudos vieram questionar a asserção dominante segundo a qual o homem é normalmente o perpetrador e a mulher a vítima deste tipo de abuso. As diversas pesquisas podem globalmente ser agrupadas em duas grandes linhas de pesquisa, uma de orientação feminista, a outra ligada à sociologia da família, sendo que como resultado da sua actividade foi evidenciada a existência de diferentes tipos de violência nas relações conjugais. As abordagens feministas, utilizando maioritariamente metodologias qualitativas e realizando as pesquisas junto de mulheres vítimas de agressão, mostraram a existência de um tipo de violência "patriarcal", cujo fim é o controlo da vítima e da sua vida. Neste tipo de violência a frequência e gravidade das agressões tende a aumentar com o tempo, assim como as consequências sobre as vítimas. São essencialmente as mulheres as vítimas deste tipo de situações de violência, que se caracteriza por consequências graves tanto no plano físico, como psicológico como e familiar.

Um outro tipo de violência, estatisticamente mais frequente, foi identificado pelas pesquisas levadas a cabo no âmbito da investigação sobre violência na família. Utilizando abordagens teóricas e metodológicas diferentes das anteriores, nomeadamente através da aplicação de inquéritos e da utilização de escalas de conflitualidade (*conflict tactic scales*) procuraram identificar a existência e extensão das situações de violência na conjugalidade não apenas junto das mulheres vítimas, mas utilizando amostras representativas da população a viver em situação de conjugalidade.

Aqui a maioria das investigações nacionais e internacionais desenvolvidas conclui que a violência entre parceiros amorosos se caracteriza por trocas mútuas de agressões, mostrando diversas pesquisas que as mulheres podem ser tão ou mais violentas fisicamente que os homens. Trata-se contudo de uma forma diferente de violência, já que esta resulta predominantemente de

situações de tensão ou conflito presentes no quotidiano familiar, tendendo a não aumentar de intensidade ou frequência com o passar do tempo.

A identificação deste tipo de situações na adolescência assume necessariamente características diversas, já que não apenas a situação de conjugalidade se encontra ausente, como se trata de um período de iniciação e experimentação no que respeita ao estabelecimento de relações de namoro, mas de igual forma, no desenvolvimento de competências sociais mais estruturadas no que respeita às formas de lidar com situações de tensão e conflito interpessoal. A prevenção de comportamentos violentos reveste-se de particular acuidade na adolescência, porquanto é nesta faixa etária que se podem acentuar as diferenças entre papéis de género, consolidando-se eventualmente a aceitação da violência como uma versão do amor ou como aceitável em certas circunstâncias. É de salientar ainda que se trata de um período especialmente propício ao contacto com diversos mitos sobre as formas ideais de estabelecimento de relações românticas (indissolubilidade, associação do amor ao sofrimento), concepções essas que podem aumentar o risco de envolvimento ou aceitação passiva de formas de relação abusivas.

Embora subsista alguma controvérsia na comunidade científica relativamente à real dimensão do fenómeno e à sua distribuição em termos de género, os estudos realizados mostraram claramente a existência recorrente de fenómenos de violência nas relações de namoro entre adolescentes. Em sentido semelhante, um estudo realizado em 2002 em contexto universitário português concluiu que uma percentagem significativa das/os estudantes adoptava condutas violentas no contexto das suas relações íntimas: 15,5% havia sido vítima de pelo menos um acto abusivo durante o último ano e 21,7% admitiu já ter adoptado este tipo de conduta em relação às/aos parceiras/os.

Uma outra dimensão que importa tomar em conta diz respeito à eventual existência de continuidades ou rupturas entre a existência de situações de

violência no namoro e a sua prevalência nos grupos de pares em que os/as adolescentes se integram. Neste contexto, o desenvolvimento do debate sobre as situações de violência juvenil desenvolveu-se a partir do conceito de *bullying* (que tem sido traduzido por “abusar dos colegas”, “vitimizar”, “intimidar” e “violência na escola”) e que constitui uma forma particular de violência entre crianças ou adolescentes. A investigação mostrou como este se desenvolve maioritariamente em contextos de interação não regulados por adultos, sendo marcado pela utilização de formas de dominação e perseguição destrutivas da individualidade da vítima, já que se desenvolve por períodos de tempo prolongados, e é frequentemente caracterizado por uma significativa invisibilidade para os pais ou professores/as.

Estudos recentes sobre agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar apresentam algumas tendências comuns que importa salientar. Destaca-se desde logo o facto de muitos/as adolescentes experimentarem simultaneamente a condição de vítimas, agressores/as e observadores/as no que concerne à violência entre pares. Este resultado indicia a pertinência de, em programas de prevenção, as intervenções serem dirigidas a todo o grupo e às atitudes dos/as adolescentes face a este tipo de situações. Variáveis como o género e o nível de escolaridade frequentado denotam também claras associações à maior ou menor ocorrência de situações de violência. Constata-se, assim, que os rapazes tendem a envolver-se mais em situações violentas, sobretudo de tipo físico, quer como vítimas quer como agressores, não se verificando contudo diferenças significativas entre sexos no que se refere a outros tipos de vitimação e agressão, verbais e/ou psicológicos. No que respeita à frequência e intensidade das agressões, a tendência é para a diminuição das diferentes condutas violentas à medida que o nível de escolaridade aumenta, o que poderá ficar a dever-se em parte à aquisição de competências sociais no decorrer da adolescência. Por último, diversas pesquisas concluem pela não existência de relações assinaláveis entre o nível socioeconómico dos agregados familiares e as condutas violentas, tanto de vitimação como de agressão. Os vários estudos consultados enfatizam a necessidade de se elaborar e implementar programas de intervenção que

deverão, sempre que possível, envolver a comunidade, a organização escolar, as turmas e as actividades pedagógicas, e sobretudo deverão dirigir-se mais aos grupos do que aos indivíduos.

No presente estudo procurámos analisar algumas destas questões, com particular incidência nas práticas, percepções e atitudes dos/as adolescentes face à violência entre pares, à violência no namoro e à relação entre género e violência, partindo para tal das seguintes hipóteses:

- No que respeita à violência entre pares, existe uma predominância da participação de rapazes em situações de violência, seja como agressores ou como vítimas;
- No que respeita à violência no namoro e à sua relação com as questões de género, verifica-se uma simetria de género na perpetração e vitimação em situações de violência.

### **1.3. Estratégia metodológica**

Neste estudo optou-se pela utilização de uma estratégia metodológica intensiva, com recurso a técnicas qualitativas e quantitativas. Na sequência da sua atribuição ao CIES/ISCTE-IUL, procedeu-se à revisita da bibliografia já recolhida e a novo levantamento bibliográfico, de modo a consolidar o projecto de investigação e a preparar adequadamente a elaboração dos instrumentos de pesquisa.

Como metodologia para o estabelecimento de contactos com as doze Escolas do ensino público com o 9º ano no Concelho de Cascais foi elaborado e enviado um ofício conjunto da CMC e do CIES às Direcções de todas as Escolas, convidando-as a integrar o projecto como entidades parceiras e informando que a equipa de investigação iria estabelecer contacto no sentido de agendar uma reunião para apresentação detalhada do projecto. Durante os referidos contactos, todos/as os/as Directores/as de Agrupamento/Escola demonstraram interesse e disponibilidade em colaborar no projecto, tendo as doze reuniões decorrido entre 8 e 27 de Outubro de 2009. Os membros da equipa de investigação contaram igualmente nesta fase com o contributo de uma técnica da Divisão da Rede Social e Igualdade de Género da Câmara Municipal de Cascais.

As reuniões serviram uma dupla função: em primeiro lugar, a recolha de informações relevantes tendo em vista a contextualização de cada uma das Escolas e a elaboração dos instrumentos de pesquisa; em segundo lugar, a facilitação de contactos posteriores por parte da Divisão da Rede Social e Igualdade de Género para promoção de futuras acções de informação e sensibilização no âmbito da violência doméstica, da violência no namoro e das questões de género.

Uma vez estabelecidas as relações de parceria com as Escolas, procedeu-se à recolha dos Projectos Educativos e dos Regulamentos Internos actualizados, os quais foram objecto de análise no que respeita a medidas sobre violência e ao tipo de regras constantes dos mesmos. Foi igualmente efectuada a recolha dos registos de Ocorrências e Procedimentos Disciplinares verificados no ano lectivo transacto, em cuja análise se considerou particularmente os registos de violência nas relações de namoro e de violência entre pares.

Simultaneamente, foi levado a cabo um levantamento e sistematização dos projectos ou actividades existentes nos diversos Agrupamentos/Escolas visando a prevenção da violência ou, de um modo geral, a promoção de competências pessoais e sociais dos/as adolescentes.

Numa outra linha de actividade foram desenvolvidos os instrumentos de pesquisa, nomeadamente o guião de entrevista e do questionário. Assim foi elaborado um guião de entrevista passível de fornecer informação qualitativa acerca das percepções e das estratégias das Direcções das Escolas para lidar com as questões em análise, ao qual se aditaram indicadores sobre violência em geral, diferenças de género no comportamento violento e violência doméstica, entre outros. As entrevistas semi-estruturadas com informantes privilegiados/as (Directores/as) tiveram lugar entre Dezembro e Março de 2010, concomitantemente à aplicação dos inquéritos por questionário à amostra de alunos/as.

Como metodologia de recolha de informação junto dos/as adolescentes sobre as questões em análise, definiu-se a aplicação de um inquérito por questionário a uma amostra estatisticamente representativa da população que frequenta o 9º ano nas escolas públicas do Concelho de Cascais. Na construção do questionário foram operacionalizadas as dimensões da violência no namoro, da violência entre pares e da relação entre violência e questões de género.

Sendo os/as alunos/as a inquirir menores de idade na sua grande maioria, foi elaborado em estreita articulação com a Divisão um pedido de autorização aos Encarregados/as de Educação para que os/as respectivos/as Educandos/as pudessem colaborar no estudo. Todos/as os/as Directores/as de Agrupamento/Escola receberam esses pedidos, juntamente com as listagens de alunos/as seleccionados/as para aplicação do inquérito, e colaboraram activamente no seu envio e na posterior recolha.

A aplicação dos inquéritos beneficiou de um procedimento inovador a esta escala e neste tipo de estudo, uma vez que o questionário foi inserido numa plataforma online com recurso a software especializado, permitindo aos/às adolescentes responder-lhe a partir de computadores com ligação à Internet em sessões de aplicação colectivas. Estas sessões foram definidas pelas Escolas em função das disponibilidades horárias e de meios informáticos, demoraram entre 30 e 50 minutos cada e contaram exclusivamente com a presença de membros da equipa de investigação. A apresentação do estudo aos/às adolescentes foi efectuada pela equipa de investigação no início de cada sessão, explicando o seu âmbito, apelando à sinceridade nas respostas e garantindo a total confidencialidade da informação fornecida.

#### **1.4. Estrutura, dimensões e variáveis de vitimação e agressão do inquérito**

O inquérito por questionário utilizado para recolher informação junto dos/as adolescentes organizava-se em três grandes blocos centrados em dimensões específicas das situações de violência entre adolescentes, a saber a violência entre adolescentes no namoro, a violência entre pares na vida quotidiana e as crenças e atitudes face à violência. A sua inclusão e estruturação partiu do princípio da interligação entre os contextos de pertença dos/as adolescentes, nomeadamente os grupos de pares, as relações particulares de namoro e as crenças e atitudes face à origem e legitimidade dos comportamentos violentos. Nos três blocos de questões procurámos analisar a difusão e justificação dos comportamentos violentos, encontrando-se os mesmos estruturados da seguinte forma:

##### **1.4.1. Violência no namoro**

O questionário preenchido pelos/as adolescentes incluía questões sobre a ocorrência e frequência de situações de violência em que poderiam ter sido vítimas ou ter participado como agressores/as no âmbito das suas relações de namoro. É importante salientar que no que respeita à violência no namoro, e atendendo à idade dos/as adolescentes, optou-se por considerar toda a sua experiência de relações de namoro, já que no respeitante à violência entre pares, optou-se por delimitar o início do ano lectivo como baliza temporal para o relato de ocorrências. Esta decisão deve-se à menor frequência expectável de relações de namoro dos/as adolescentes, logo uma probabilidade de possuírem um registo de memória mais objectivo; enquanto as situações de relações entre pares, seriam relatadas de forma eventualmente desordenada do ponto de vista temporal, como resultado de um trajecto escolar muito mais alongado e cheio de ocorrências.

As diversas situações consideradas foram organizadas numa escala<sup>1</sup> de 18 itens, adaptada para este estudo do *Inventário de Violência Conjugal*, desenvolvida por uma equipa coordenada por Carla Machado da Universidade do Minho, que permite tipificar os actos de violência praticadas e sofridos nas relações de namoro:

- Insultar;
- Humilhar;
- Gritar ou ameaçar para causar medo;
- Proibir de contactar com outras pessoas;
- Partir objectos deliberadamente;
- Perseguir na rua ou na escola;
- Dar um estalo;
- Puxar o cabelo;
- Empurrar;
- Atirar objectos;
- Apertar o pescoço;
- Dar murros;
- Dar pontapés;
- Causar ferimentos que não necessitaram de assistência médica;
- Forçar à prática de actos sexuais não desejados;
- Ameaçar com armas ou com força física;
- Bater com a cabeça na parede ou no chão;
- Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica.

Seguindo os conhecimentos teóricos e modelos validados empiricamente e aplicados noutros estudos, construíram-se índices de violência com as seguintes formas de violência e respectivas medidas de adequabilidade<sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> A escala no seu total tem uma consistência interna de 0,884 na vitimação e 0,930 na agressão.

<sup>2</sup> Calcularam-se Alphas de Cronbach para medir a consistência dos índices.

- a) **Índice de violência emocional e de exclusão social**<sup>3</sup> – Insultar; humilhar; gritar ou ameaçar para causar medo; proibir de contactar com outras pessoas; partir objectos deliberadamente; perseguir na rua ou na escola.
- b) **Índice de violência física**<sup>4</sup> - Dar um estalo; puxar o cabelo; empurrar; atirar objectos; apertar o pescoço; dar murros; dar pontapés.
- c) **Índice de violência física grave**<sup>5</sup> - Causar ferimentos que não necessitaram de assistência médica; forçar à prática de actos sexuais não desejados; bater com a cabeça na parede ou no chão; causar ferimentos que necessitaram de assistência médica.

A construção destes índices permite analisar as situações de violência em função de algumas variáveis de caracterização sociodemográfica dos/as adolescentes inquiridos/as.

#### **1.4.2. Violência entre Pares**

O questionário preenchido pelos/as adolescentes incluía também questões sobre a ocorrência e frequência de situações de violência em que poderiam ter sido vítimas, ter participado como agressores/as ou ter sido somente testemunhas no âmbito das suas relações com os pares.

As situações consideradas foram organizadas numa escala<sup>6</sup> de 15 itens adaptada ao contexto e objectivos do presente estudo, com base no

---

<sup>3</sup> Alpha de Cronbach 0,752 na vitimação e 0,768 na agressão.

<sup>4</sup> Alpha de Cronbach 0,724 na vitimação e 0,808 na agressão.

<sup>5</sup> Alpha de Cronbach 0,872 na vitimação e 0,956 na agressão.

<sup>6</sup> A escala no seu total tem uma consistência interna de 0,872 na vitimação, 0,887 na agressão e 0,943 na observação.

*Cuestionario de Evaluación de la Violencia entre iguales en la Escuela y en el Ocio*, desenvolvido por Maria José Diaz-Aguado, e no *Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar*, adaptado por Maria José Martins a partir do primeiro:

- Ignorar propositadamente;
- Impedir de participar em actividades;
- Falar mal;
- Rejeitar;
- Humilhar;
- Insultar;
- Esconder coisas;
- Estragar coisas;
- Roubar;
- Bater;
- Ameaçar para meter medo;
- Obrigar, através de ameaças, a fazer coisas indesejadas;
- Insultar com comentários de carácter sexual;
- Obrigar a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual, contra a vontade;
- Ameaçar com armas.

Seguindo os conhecimentos teóricos e modelos validados empiricamente e aplicados noutros estudos, construíram-se índices de violência com as seguintes formas de violência e respectivas medidas de adequabilidade<sup>7</sup>:

- a) **Índice de violência emocional e de exclusão social**<sup>8</sup> – Ignorar propositadamente; impedir de participar em actividades; falar mal; rejeitar; humilhar; insultar.

---

<sup>7</sup> Calcularam-se Alphas de Cronbach para medir a consistência dos índices.

- b) **Índice de violência física**<sup>9</sup> - Esconder coisas; estragar coisas; roubar; bater; ameaçar para meter medo.
  
- c) **Índice de violência física grave**<sup>10</sup> - Obrigar, através de ameaças, a fazer coisas indesejadas; insultar com comentários de carácter sexual; obrigar a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual, contra a vontade; ameaçar com armas.

Embora os actos que os compõem sejam diferentes, é de salientar que os índices de violência entre pares agora apresentados são iguais, em termos de designação e definição conceptual, aos índices de violência no namoro apresentados anteriormente.

A construção destes índices permite analisar as situações de violência em função de algumas variáveis de caracterização sociodemográfica dos/as adolescentes inquiridos/as.

### **1.4.3. Crenças e atitudes face à violência**

O questionário incluía ainda um conjunto de afirmações que remetiam para crenças e atitudes relativas à origem e legitimidade dos comportamentos violentos entre pares e nas relações afectivas, sendo solicitado aos/às adolescentes que exprimissem o seu grau de concordância em relação a cada uma delas.

---

<sup>8</sup> Alpha de Cronbach 0,864 na vitimação, 0,843 na agressão e 0,929 na observação.

<sup>9</sup> Alpha de Cronbach 0,725 na vitimação, 0,759 na agressão e 0,878 na observação.

<sup>10</sup> Alpha de Cronbach 0,661 na vitimação, 0,712 na agressão e 0,838 na observação.

As referidas afirmações foram organizadas numa escala de 50 itens<sup>11</sup>, adaptada ao contexto e objectivos do estudo, com base na *Escala de Crenças sobre Violência Conjugal*, no *Cuestionario de Actitudes hacia la Diversidad y la Violencia* e na *Escala de Atitudes face à Violência*, escalas desenvolvidas, respectivamente, pela equipa de investigação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho coordenada por Carla Machado; por Maria José Diaz-Aguado; e por Maria José Martins.

Seguindo os conhecimentos teóricos e modelos validados empiricamente e aplicados noutros estudos, construíram-se índices com os seguintes tipos de crenças e atitudes justificativas da violência e respectivas medidas de adequabilidade<sup>12</sup>:

- a) **Crenças sexistas e de justificação da violência doméstica**<sup>13</sup>
- b) **Justificação da violência entre pares como reacção ou valentia**<sup>14</sup>
- c) **Justificação da violência pela normalidade**<sup>15</sup>
- d) **Justificação da violência pela externalização da culpa**<sup>16</sup>

A construção destes índices permite analisar as crenças e atitudes face à violência em função de algumas variáveis de caracterização sociodemográfica dos/as adolescentes inquiridos/as.

---

<sup>11</sup> Detalhe dos 50 itens no anexo I

<sup>12</sup> Calcularam-se Alphas de Cronbach para medir a consistência dos índices.

<sup>13</sup> Alpha de Cronbach 0,883; detalhe dos 27 itens no anexo I.

<sup>14</sup> Alpha de Cronbach 0,838; detalhe dos 11 itens no anexo I.

<sup>15</sup> Alpha de Cronbach 0,630; detalhe dos 8 itens no anexo I.

<sup>16</sup> Alpha de Cronbach 0,556; detalhe dos 4 itens no anexo I.

## 2. Amostra de adolescentes inquiridos/as

### 2.1. Construção da amostra

Tendo em vista a obtenção de uma amostra representativa da população que frequenta o 9º ano nas doze escolas públicas do Concelho com 3º Ciclo, recorreu-se à técnica de amostragem estratificada, considerando o peso relativo de cada escola e a respectiva distribuição por sexo. A selecção de alunos/as, ponderando os referidos estratos, foi realizada aleatoriamente.

A amostra é constituída por 501 alunos/as, correspondentes a cerca de 36% da população escolar inscrita no 9º ano no ano lectivo de 2009/2010 (1415 alunos/as), assegurando assim uma ampla relevância estatística aos resultados. O número de adolescentes a inquirir beneficiou de um aumento substancial em relação ao que constava da proposta apresentada à Câmara em primeira instância, uma vez que no périplo pelas Escolas se constatou que todas possuíam os recursos necessários para aplicação de um inquérito online, dispondo o CIES da tecnologia e das competências adequadas, pelo que se decidiu proceder ao referido aumento.

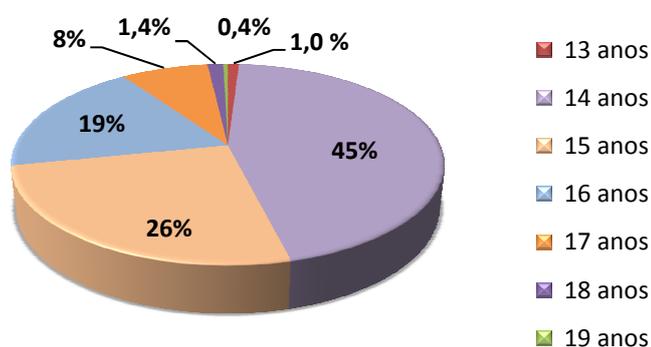
**Quadro 2.1.1 - Distribuição dos/as inquiridos/as por escola**

	População		Amostra	
	N	%	N	%
EB 23 Matilde Rosa Araújo	102	7,2	35	7,0
EB 23 Alapraia	156	11,0	56	11,2
EB 23 Galiza	56	4,0	20	4,0
EB 23 Santo António da Parede	75	5,3	17	3,4
EB 23 Alcabideche	53	3,8	19	3,8
Esc. Sec. de Alvide	93	6,6	31	6,2
Esc. Sec. de Carcavelos	147	10,2	46	9,2
Esc. Sec. Frei Gonçalo Azevedo	75	5,3	26	5,2
EB 23 Pereira Coutinho	52	3,7	20	4,0
Esc. Sec. Ibn Mucana	183	12,9	58	11,6
Esc. Sec. da Cidadela	269	19,0	101	20,2
Esc. Sec. Fernando Lopes Graça	154	11,0	72	14,4
Total	1415	100,0	501	100,0

## 2.2. Caracterização da amostra

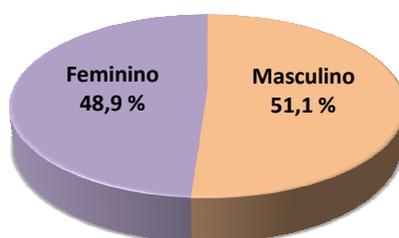
Começando por analisar a idade dos/as adolescentes inquiridos, constata-se que a média etária é de 14,93 anos, e que 72% têm no máximo até 15 anos. Os 14 anos são também a idade mais frequente neste grupo de adolescentes. De referir ainda que o mais novo tem 13 anos e o mais velho 19.

Gráfico 2.2.1 – Distribuição dos/as inquiridos/as por idades



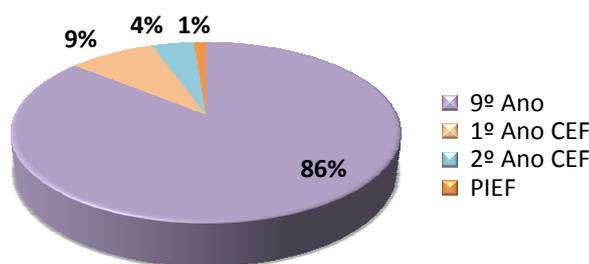
Analisando a amostra segundo o sexo dos respondentes, verifica-se que a maioria dos/as inquiridos/as é do sexo masculino, com 51,1%, contra 48,9% do sexo feminino, como se pode observar através do gráfico.

Gráfico 2.2.2 – Distribuição dos/as inquiridos/as por sexo



A distribuição dos/as adolescentes por tipo de ensino revela que 86% frequentam o 9º ano do ensino regular, 13% encontram-se inscritos/as nos Cursos de Educação e Formação (9% no 1º ano e 4% no 2º ano dos referidos cursos) e 1% frequentam o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF).

**Gráfico 2.2.3 – Distribuição dos/as inquiridos/as por tipo de ensino**



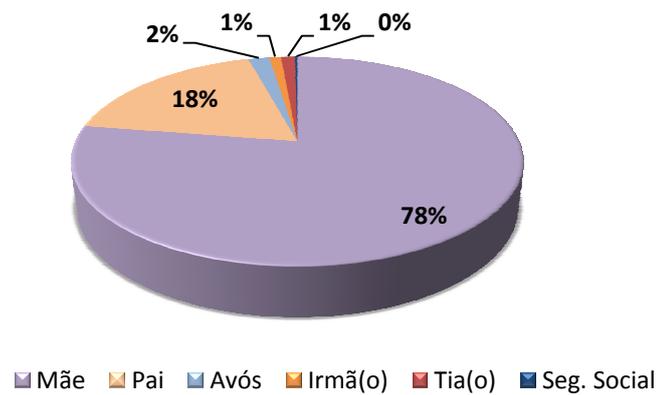
Relativamente à sua situação face ao namoro, pode verificar-se que 31% dos/as inquiridos/as namoravam aquando da aplicação do inquérito, 48% não namoravam mas já tinham namorado antes, e 21% nunca tinham namorado até à data.

**Quadro 2.2.1 – Situação face ao namoro**

	N	%
Nunca namorou	104	20,8
Não namora, mas já namorou antes	239	47,9
Namora, mas nunca namorou antes	8	1,6
Namora e já namorou antes	148	29,7
Total	499	100,0

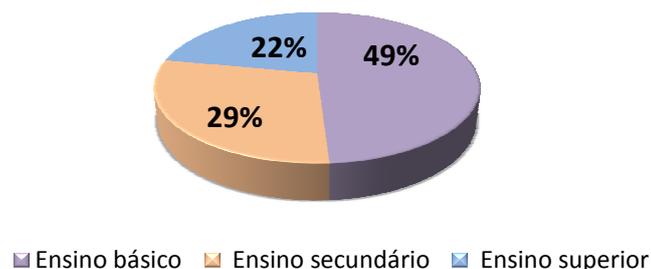
Analisando quem é o/a encarregado/a de educação dos/as inquiridos/as, constata-se que em 78% dos casos são as mães a exercer esta responsabilidade, em contraste com os 18% registados entre os pais. Os restantes 4% de inquiridos/as encontram-se a cargo de avós, irmãos, tios e da segurança social.

**Gráfico 2.2.4 – Quem é o/a encarregado/a de educação**



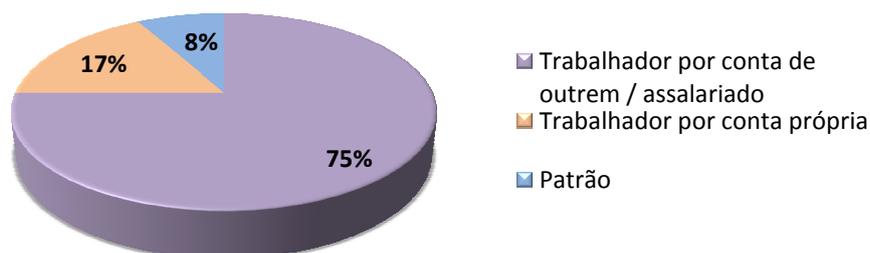
Numa análise à escolaridade do/a encarregado/a de educação, os resultados obtidos para o total da amostra apresentam diferenças relativamente às características conhecidas da sociedade portuguesa no tocante a este indicador. Assim, 29% dos/as encarregados/as de educação dos/as inquiridos/as têm como escolaridade o ensino secundário completo, enquanto 22% finalizaram o ensino superior, valores significativamente superiores aos existentes para o total da população portuguesa.

**Gráfico 2.2.5 – Escolaridade o/a encarregado/a de educação**



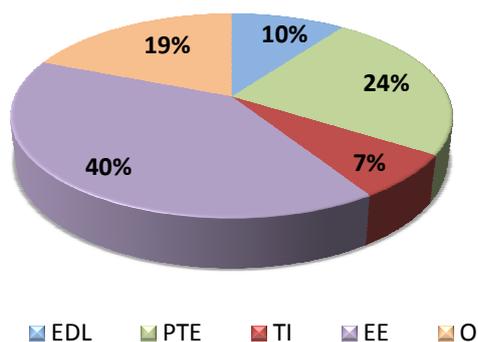
Quanto à variável situação na profissão do/a encarregado/a de educação dos/as inquiridos/as, os resultados indicam que a grande maioria trabalha por conta de outrem, com 75%, tendo ainda sido registados na amostra recolhida 17% de trabalhadores/as por conta própria e 8% de patrões.

**Gráfico 2.2.6 – Situação na profissão do/a encarregado/a de educação**



A categoria socioprofissional dos/as encarregados/as de educação dos/as inquiridos/as foi obtida através do cruzamento da profissão com a situação na profissão, utilizando para tal o modelo ACM<sup>17</sup>, utilizando para a definição do indicador uma agregação em 5 categorias. Como se pode observar no gráfico anexo, verificamos que a categoria socioprofissional mais frequente é a dos Empregados Executantes (EE), com cerca de 40%, seguida dos Profissionais Técnicos e de Enquadramento (PTE), na qual se posicionam 24% dos/as inquiridos/as.

**Gráfico 2.2.7 – Categoria socioprofissional do/a encarregado/a de educação**



<sup>17</sup> Desenvolvido pela equipa docente da cadeira de Sociologia das Classes e da Estratificação do ISCTE-IUL

Por fim, verifica-se que 34% dos/as adolescentes inquiridos/as recebem subsídio de apoio aos estudos.

**Quadro 2.2.2 – Subsídio de apoio aos estudos**

	N	%
Sim	171	34,1
Não	330	65,9
Total	501	100,0

## Parte II – Contextos

### 1. Introdução

A violência, seja entre pares ou no namoro, não ocorre num vácuo social, pelo que importa considerar e analisar os contextos de interacção e socialização em que esta se produz. Dado que os/as adolescentes em estudo se encontram na escolaridade obrigatória, é neste espaço que se dão a maioria das interacções com o grupo de pares, cujo peso socializador nestas idades é deveras importante no que toca à estruturação e reestruturação de práticas, valores e representações. A instituição escolar desempenha assim um papel relevante enquanto instância e espaço de socialização para todos/as eles/as, já que para além da transmissão dos saberes curriculares, ali ocorre igualmente a transmissão de regras formais tendo em vista o exercício de uma cidadania plena e responsável.

Afigurou-se-nos portanto essencial o envolvimento das Escolas no processo de diagnóstico, na qualidade de entidades colaborantes no estudo e de agentes fundamentais para a intervenção futura ao nível da prevenção. Uma vez estabelecidas as relações de parceria com as 12 Escolas envolvidas, procurou-se analisar estratégias para lidar com situações de violência entre pares e nas relações de namoro entre alunos/as, análise essa que se baseou na informação recolhida através da realização de um conjunto de entrevistas semi-estruturadas a uma amostra de informantes privilegiados constituída por Directores/as de Agrupamento/Escola<sup>18</sup>. Procedeu-se também à recolha dos Projectos Educativos e dos Regulamentos Internos actualizados, que foram objecto de análise no respeitante a medidas sobre violência e ao tipo de regras constantes dos mesmos. Simultaneamente, foi ainda levado a cabo um levantamento e sistematização dos projectos ou actividades existentes nos

---

<sup>18</sup> Os/As Directores/as de Agrupamento/Escola são também Presidentes dos respectivos Conselhos Pedagógicos, por inerência de funções.

diversos Agrupamentos/Escolas visando a prevenção da violência ou, de um modo geral, a promoção de competências pessoais e sociais dos/as adolescentes.

## **2. A visão dos/as Directores/as**

Os/As Directores/as são actores fulcrais na organização escolar na medida em que lhes compete a concepção e implementação do projecto educativo e a administração equilibrada de um conjunto de regras que assegurem a exequibilidade do mesmo. Mais concretamente no que respeita à violência, cabe-lhes promover e implementar estratégias capazes de lidar com a violência entre pares e nas relações de namoro entre alunos/as enquanto situações disruptivas do quotidiano escolar. Reveste-se portanto da maior importância a compreensão das suas visões acerca da violência no namoro, da violência entre pares e de eventuais diferenças de género nos comportamentos e nas atitudes face à violência.

Embora existam algumas excepções e especificidades, podemos afirmar que uma larga maioria dos/as Directores/as destas 12 Escolas/Agrupamentos tem vasta experiência acumulada, tanto na docência como no exercício de funções dirigentes. As suas formações são muito diversificadas e vão desde a Matemática às Línguas, passando pelas Artes e pela Economia. A maioria tem pouco mais de 50 anos e somente um terço é do sexo feminino.

Quando abordam a problemática da violência, a generalidade destes actores representam-na de uma forma multidimensional, referindo as suas expressões físicas, verbais, emocionais e/ou de exclusão social, e económicas. No que consideram ser as representações dos/as adolescentes acerca do mesmo fenómeno, os/as Directores/as são maioritariamente da opinião que a agressão física é a única forma de violência reconhecida por estes.

As opiniões divergem quanto aos factores que levam os/as adolescentes a ser violentos e à sua eventual caracterização social. Alguns Directores/as associam a manifestação de atitudes e comportamentos violentos à pertença a

famílias destituídas em termos socioeconómicos ao passo que outros/as não estabelecem qualquer distinção a esse nível, apontando ao invés para a transversalidade do fenómeno. Dois factores que merecem amplo consenso nos diferentes testemunhos são a reprodução de comportamentos observados em casa e/ou nos media e a falta de apoio e acompanhamento por parte das famílias.

Quando abordamos o conhecimento dos/as Directores/as acerca da ocorrência de situações de violência no namoro entre alunos/as, verificamos que é bastante reduzido. De acordo com os relatos, a frequência com que esses casos são reportados às respectivas Direcções é inferior a uma vez por ano. A maioria não deixa porém de salvaguardar que o desconhecimento de casos concretos não obsta a que estes possam existir, revestindo-se inclusive de alguma gravidade.

Já no que respeita a situações de violência que não têm lugar especificamente entre namorados/as mas que se encontram relacionadas com ligações afectivas entre os/as adolescentes, a experiência dos/as Directores/as é bem mais vasta. Este tipo de situações prende-se habitualmente com ciúmes, disputas, perseguições ou finais de relação menos bem aceites, e segundo a maioria dos/as responsáveis são protagonizadas sobretudo por raparigas, podendo em casos extremos redundar em *bullying*. Devido ao carácter essencialmente exploratório da pesquisa e às limitações típicas dos inquéritos, tais situações foram classificadas como violência entre pares pelos/as adolescentes que preencheram o questionário, diluindo-se portanto a sua especificidade. Todavia, a ênfase que os/as Directores/as colocaram nesta matéria abre novas e interessantes linhas de pesquisa, alertando-nos desde logo para a transversalidade e o enfoque na tolerância que deverão pautar futuras intervenções ao nível da prevenção de atitudes e comportamentos violentos em crianças e adolescentes.

Ao invés do que sucede com a violência no namoro, todos/as os/as Directores/as têm experiência de situações de violência entre pares, descrevendo-as e tipificando-as com facilidade. Em seu entender esta dimensão da violência pode ter expressão verbal, física, ou ambas, e ocorre principalmente como reacção em situações quotidianas de maior tensão entre alunos/as. Importa salientar neste contexto que as Escolas que têm espaços exteriores e/ou de convívio mais reduzidos consideram esse factor como propício à ocorrência de situações de violência. Nas Escolas observadas verificam-se ainda, embora em menor escala, situações que envolvem continuidade no tempo e um sentido estratégico subjacente ao exercício da violência. Nestes casos temos fenómenos de exclusão social continuada, perseguições, coacções e furtos ou roubos, nomeadamente de leitores de música e telemóveis.

A percepção dos/as Directores/as sobre as causas que levam à violência entre pares remete também para a reprodução de comportamentos observados em casa e/ou nos media, assim como para processos associados às transições entre ciclos de ensino, onde a afirmação de supremacia dos/as adolescentes mais velhos/as face aos/às mais novos/as é frequente.

As opiniões dividem-se quanto à evolução da violência na Escola portuguesa em geral. Há responsáveis que referem o seu aumento, outros consideram que se encontra estabilizada e outros ainda apontam para uma diminuição. Estes últimos apresentam reflexões interessantes acerca do aprofundamento do estudo da violência nas Escolas e da sua maior visibilidade e expressão mediática nos últimos anos, salientando que tais factos não significam forçosamente um aumento. Contudo, importa destacar que, salvo uma excepção, todos/as os/as Directores/as com quem conversámos referem uma diminuição substancial das situações de violência nas suas próprias Escolas.

Do ponto de vista da maioria destes actores, o sexo feminino merece claro destaque no tocante à exibição de comportamentos violentos, tanto em termos de violência emocional como física, embora deva também ser mencionada uma opinião inversa e outra segundo a qual não existe diferenciação por género nesta matéria. Genericamente é opinião consensual que os principais factores indutores das condutas de agressão se prendem com situações ligadas aos afectos entre os/as adolescentes.

### **3. Regras**

O campo de intervenção da acção dos/as Directores na gestão do quotidiano escolar, e mais concretamente nas situações de indisciplina e violência, encontra-se enquadrada por um conjunto de instrumentos que contêm os objectivos das Escolas/Agrupamentos, definindo as principais medidas a implementar e as regras e instrumentos considerados necessários para assegurar o seu cumprimento.

Não sendo esse o principal tema da pesquisa, e conseqüentemente sem pretensões de exaustividade na matéria, há todavia que atentar na forma como as Escolas actuam e nos recursos de que dispõem para fazer face à violência entre pares. Assim, devem referir-se desde logo os Projectos Educativos, que, não obstante as especificidades que os diferenciam e adequam aos respectivos contextos, apresentam como objectivo comum a formação pessoal e social do/a aluno/a através da aquisição de competências facilitadoras do sucesso educativo e, num sentido mais lato, de uma integração plena na sociedade. Os Regulamentos Internos estabelecem o quadro que regula e promove comportamentos adequados por parte do/a aluno/a, sendo no essencial baseados no Estatuto do Aluno.

Por razões burocráticas/administrativas e também devido a problemas de falta de comparabilidade de alguns dos elementos recolhidos, não foi possível levar a cabo uma análise comparativa e exaustiva dos registos de ocorrências disciplinares e das medidas sancionatórias entre as 12 Escolas em estudo. No entanto, da análise aos dados que nos foram fornecidos resultam algumas tendências que importa sublinhar e levar em conta na definição de programas de prevenção e intervenção. Os registos indicam que os/as alunos/as mais novos em geral, e especificamente os/as dos primeiros anos de cada ciclo de estudos, são os intervenientes mais frequentes em situações de indisciplina e violência detectadas pela Escola. Observando a evolução no decorrer do ano

lectivo verifica-se que o início é sempre mais conturbado, com as mudanças de Escola, ano, turma, e eventualmente de ciclo, a fazerem sentir os seus efeitos. Ao longo do ano estas situações vão decrescendo em virtude de uma melhor integração e adaptação dos/as adolescentes aos novos contextos, por um lado, e da eficácia das intervenções entretanto efectuadas, por outro. Os dados desvelam, ainda assim, determinados perfis e tendências particularmente associados à violência, que serão complementados mais adiante através dos resultados do inquérito preenchido pelos/as estudantes, e que poderão carecer de intervenções específicas em alguns dos casos.

No quotidiano da Escola, os referidos instrumentos normativos conhecem expressão prática através da interpretação que lhes é dada pelos diferentes actores. Neste sentido e no que respeita concretamente à actuação sobre indisciplina e a violência, existe todo um conjunto de procedimentos, acções, programas, parcerias, levados a cabo por todos/as aqueles/as a quem cabe garantir a aplicação dessas normas, à cabeça dos quais se encontram os/as Directores/as. Não cabendo neste estudo uma análise comparativa dos inúmeros dados existentes, destacamos contudo os principais elementos, em alguns casos pela sua transversalidade e noutros pelo exemplo de boas práticas que constituem. A existência de espaços para os quais os/as alunos/as são enviados/as em primeira instância quando se dão ocorrências de maior gravidade na sala de aula, com acompanhamento personalizado e eventual cumprimento de tarefas, são denominadores comuns à quase totalidade das Escolas. A presença e intervenção dos diversos agentes do programa Escola Segura constitui igualmente um traço comum nos discursos dos/as Directores/as, merecendo sempre referências elogiosas, quer pelo trabalho efectuado na prevenção e dissuasão dos comportamentos violentos, quer pela intervenção pronta e articulada com as Direcções sempre que se justifica. Para além da presença física dos/as agentes de segurança junto às Escolas, há ainda a salientar as acções de informação e sensibilização sobre diversas dimensões da violência que têm vindo a ser promovidas pela Escola Segura junto de alunos/as, encarregados/as de educação, professores/as e funcionários/as. No domínio da informação e sensibilização tem ocorrido, aliás,

um vasto conjunto de iniciativas dirigidas à comunidade educativa na maior parte das Escolas/Agrupamentos, em parceria com diferentes entidades (CMC, CPCJ, APAV, entre outras). O óbice que se coloca nesta matéria é o carácter esparso das iniciativas, que no futuro poderão decerto beneficiar de uma articulação estreita entre as Escolas e destas com outras entidades, nomeadamente o Fórum Municipal contra a Violência Doméstica. É também de referir o importante papel dos/as Directores/as de Turma, que desenvolvem acções formais e informais de prevenção e resolução de situações de violência entre os/as adolescentes de modo continuado ao longo do ano lectivo. Os serviços de psicologia - mais apetrechados numas Escolas do que noutras -, constituem outro importante recurso no tratamento de problemáticas relacionadas com a violência. No entanto, os condicionalismos com que se debatem em termos de recursos humanos, associado ao facto de se encontrarem orientados prioritariamente para outro tipo de atribuições, designadamente a orientação vocacional, leva a que a intervenção destes serviços acabe por ser mais reactiva do que propriamente preventiva na generalidade dos casos. No entender dos/as Directores/as, a constituição de equipas multidisciplinares em parceria com a Câmara Municipal poderá constituir um recurso muito relevante na prevenção e intervenção sobre a violência.

Há que salientar, por fim, a existência nas Escolas de diversas actividades que visam a promoção de competências pessoais e sociais dos/as adolescentes e cujos efeitos dissuasores da violência devem ser valorizados. Desde logo a disciplina de Formação Cívica, cujo contributo neste como noutros domínios é fundamental para que os/as jovens adquiram plena consciência das normas de conduta mais adequadas à vida em sociedade. Depois, todo um conjunto de projectos, que vão desde o Desporto Escolar nas suas múltiplas expressões até às parcerias com associações desportivas, culturais e/ou solidárias de implantação local, entre outras, passando também pelo trabalho conjunto com entidades públicas como as Juntas de Freguesia e a Câmara Municipal.

## Parte III – Violência nas relações de namoro e entre pares na adolescência

### 1. Violência nas relações de namoro

A abordagem às situações de violência no namoro entre os/as jovens inquiridos/as foi desenvolvida, como referido anteriormente, a partir de uma escala com dezoito itens, com o objectivo de conhecer a difusão e tipo de comportamentos violentos (Quadro 1.1).

**Quadro 1.1 - Índices de violência nas relações de namoro**

Insultar Humilhar Gritar ou ameaçar para causar medo Proibir de contactar com outras pessoas Partir objectos deliberadamente Perseguir na rua ou na escola	Índice de violência emocional e de exclusão social
Dar um estalo Puxar o cabelo Empurrar Atirar objectos Apertar o pescoço Dar murros Dar pontapés	Índice de violência física
Causar ferimentos que não necessitaram de assistência Forçar a prática de actos sexuais não desejados Ameaçar com armas ou com força física Bater com a cabeça na parede ou no chão Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica	Índice de violência física grave

## **1.1. Situações de vitimação e agressão no namoro**

Procurámos em primeiro lugar conhecer a distribuição das situações de vitimação e de agressão em que os/as adolescentes tenham participado no âmbito das suas relações de namoro.

De acordo com as distribuições de frequências das respostas dadas às diferentes situações de vitimação verificamos que os/as adolescentes que declaram serem vítimas de violência, identificam como situações mais frequentes a violência emocional e de exclusão social (“Insultou-me” 19,7% e “Proibiu-me de contactar com outras pessoas” 22,5%) e, em seguida, os actos de violência física (“Deu-me um estalo” e “Empurrou-me” com 12% de respostas positivas). Convém referir que os restantes actos de violência considerados na presente escala não obtiveram respostas positivas superiores a 7%, mas que, mesmo assim, se deve atribuir alguma atenção para as situações mais graves de violência, já que alguns/algumas jovens admitem ter sido forçados/as a praticar actos sexuais não desejados (11 respostas) ou sofrido ferimentos que necessitaram de assistência médica (4 respostas) (Quadro 1.1.1).

Em convergência com a informação relativa às situações de vitimação, as situações de agressão mais frequentemente relatadas, tal como se constatou para as situações de vitimação, são a violência emocional e de exclusão social (“Insulte” 20,2% e “Proibi de contactar com outras pessoas” 15,4%), seguidas de algumas condutas de violência física (“Dei um estalo” 9,2% e “Empurrei” 8,1%).

A forma de agressão mais reiterada, tal como na vitimação, também remete para a violência emocional e de exclusão social. De salientar o facto de nas situações de vitimação alguns dos comportamentos de violência mais graves

apenas deterem percentualmente valores residuais, mas cuja gravidade implica sem dúvida maior atenção. Diversos jovens admitem terem forçado a prática de actos sexuais não desejados, ameaçado com armas ou com força física e/ou causado ferimentos que necessitaram de assistência médica.

A comparação das percentagens de jovens que se afirmam como vítimas ou agressores podem reflectir, como tem sido referido noutros estudos, que o número de vítimas é superior ao número de agressores.

**Quadro 1.1.1 - Situações de vitimação no namoro**

	Nunca		Só uma vez		Algumas vezes		Muitas vezes	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Insultou-me	317	80,3	47	11,9	28	7,1	3	0,8
Humilhou-me	368	93,1	17	4,3	5	1,3	5	1,3
Gritou ou ameaçou para me causar medo	370	93,7	14	3,5	9	2,3	2	0,5
Proibiu-me de contactar com outras pessoas	306	77,5	49	12,4	34	8,6	6	1,5
Partiu objectos deliberadamente	378	95,7	8	2,0	9	2,3	0	0,0
Perseguiu-me na rua ou na escola	366	92,7	15	3,8	12	3,0	2	0,5
Deu-me um estalo	348	88,1	34	8,6	11	2,8	2	0,5
Puxou-me o cabelo	380	96,2	7	1,7	5	1,3	3	0,8
Empurrou-me	348	88,1	30	7,6	12	3,0	5	1,3
Atirou-me objectos	384	97,2	5	1,3	6	1,5	0	0,0
Apertou-me o pescoço	389	98,4	2	0,5	3	0,8	1	0,3
Deu-me murros	385	97,4	3	0,8	5	1,3	2	0,5
Deu-me pontapés	384	97,2	5	1,3	4	1,0	2	0,5
Causou-me ferimentos (que não necessitaram de assistência médica)	378	95,7	12	3,0	4	1,0	1	0,3
Forçou-me a praticar actos sexuais não desejados	384	97,2	8	2,0	3	0,8	0	0,0
Ameaçou-me com armas ou com força física	390	98,7	3	0,8	2	0,5	0	0,0
Bateu-me com a cabeça na parede ou no chão	391	99,0	2	0,5	2	0,5	0	0,0
Causou-me ferimentos que necessitaram de assistência médica	391	99,0	3	0,7	1	0,3	0	0,0

(N=395)

**Quadro 1.1.2 - Situações de agressão no namoro**

	Nunca		Só uma vez		Algumas vezes		Muitas vezes	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Insultei	315	79,8	47	11,9	29	7,3	4	1,0
Humilhei	376	95,2	10	2,5	5	1,3	4	1,0
Gritei ou ameacei para causar medo	371	93,9	15	3,8	5	1,3	4	1,0
Proibi de contactar com outras pessoas	334	84,6	36	9,1	19	4,8	6	1,5
Parti objectos deliberadamente	387	98,0	6	1,5	0	0,0	2	0,5
Persegui na rua ou na escola	378	95,7	12	3,0	3	0,8	2	0,5
Dei um estalo	359	90,8	26	6,6	5	1,3	5	1,3
Puxei o cabelo	383	96,9	6	1,5	3	0,8	3	0,8
Empurrei	363	91,9	21	5,3	8	2,0	3	0,8
Atirei objectos	383	97,0	8	2,0	2	0,5	2	0,5
Apertei o pescoço	389	98,5	2	0,5	2	0,5	2	0,5
Dei murros	388	98,2	3	0,8	2	0,5	2	0,5
Dei pontapés	386	97,7	4	1,0	3	0,8	2	0,5
Causei ferimentos (que não necessitaram de assistência médica)	385	97,5	8	2,0	0	0,0	2	0,5
Forcei a praticar actos sexuais não desejados	390	98,7	2	0,5	1	0,3	2	0,5
Ameacei com armas ou com força física	392	99,2	1	0,3	0	0,0	2	0,5
Bati com a cabeça na parede ou no chão	393	99,5	0	0,0	0	0,0	2	0,5
Causei ferimentos que necessitaram de assistência médica	391	98,9	1	0,3	0	0,0	3	0,8

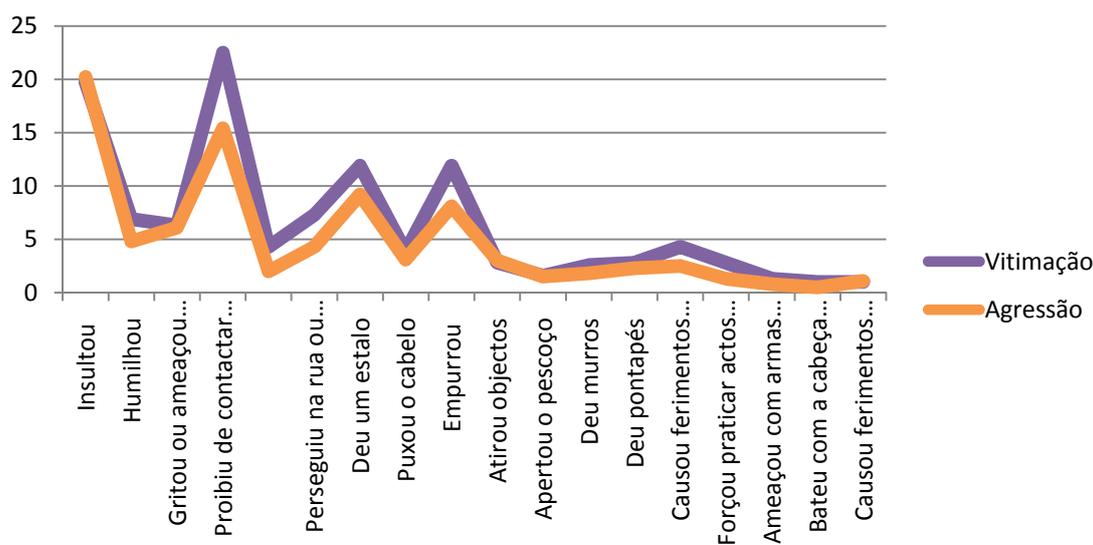
(N=395)

**Quadro 1.1.3 - Situações declaradas de vitimação e agressão no namoro**

	Vitimação	Agressão
	%	%
Insultou	19,7	20,2
Humilhou	6,9	4,8
Gritou ou ameaçou para me causar medo	6,3	6,1
Proibiu de contactar com outras pessoas	22,5	15,4
Partiu objectos deliberadamente	4,3	2,0
Perseguiu na rua ou na escola	7,3	4,3
Deu um estalo	11,9	9,2
Puxou o cabelo	3,8	3,1
Empurrou	11,9	8,1
Atirou objectos	2,8	3,0
Apertou o pescoço	1,6	1,5
Deu murros	2,6	1,8
Deu pontapés	2,8	2,3
Causou ferimentos (que não necessitaram de assistência médica)	4,3	2,5
Forçou praticar actos sexuais não desejados	2,8	1,3
Ameaçou com armas ou com força física	1,3	0,8
Bateu com a cabeça na parede ou no chão	1,0	0,5
Causou ferimentos que necessitaram de assistência médica	1,0	1,1

(N=395)

**Gráfico 1.1.1 - Situações declaradas\* de vitimação e agressão no namoro**



\* Agregaram-se todas as situações em que houve contacto com situações de violência

A participação em situações de violência atrás descrita poderá ser melhor compreendida quando analisamos as diferentes configurações que estas adoptam de acordo com o papel assumido por cada um dos namorados na situação e tipo de violência desencadeado.

Em termos de participação em situações de violência estamos perante um panorama marcado pela elevada percentagem de envolvidos/as, já que 49,6% declaram ter participado em situações de violência no namoro. Contudo estes dados recobrem situações bastante distintas, pois podemos identificar diversos perfis face a essa participação (Quadro 1.1.4.1) que manifestam interpretações opostas acerca da relação de namoro, embora sendo necessário tomar atenção às frequências que podem ser bastante reduzidas em algumas das categorias.

Em primeiro lugar é claramente identificável um pequeno grupo de inquiridos/as (4,5%) que poderemos designar como estritamente agressores/as, sendo este grupo caracterizado pela prática de todos os tipos de violência. Por oposição, é igualmente possível identificar um grupo mais significativo de respondentes (14,7%) cuja participação em situações de violência no namoro se traduz sempre por se encontrarem na posição de vítimas. Em paralelo a estas duas atitudes face ao namoro encontramos um grupo muito significativo de situações em que a violência é mútua (30,4%), envolvendo-se os participantes principalmente em situações de violência emocional e de exclusão social, e, em menor grau, de violência física.

Estes três perfis de participação nas situações de violência no namoro indiciam inseguranças e dificuldades em lidar com as emoções e os incidentes relacionais, embora com sentidos bastante diferentes. O caso dos/as agressores/as e das vítimas constitui uma situação de violência assimétrica em que uma das partes é sempre vitimada e a outra se coloca na posição de utilizador/a dos diversos tipos de agressão como instrumento relacional. No

caso da agressão mútua existe um quadro em que as agressões mútuas parecem fazer parte da própria relação, nomeadamente porque assumem sobretudo características de violência emocional e exclusão social.

Estas diferenças colocam questões quer à forma de abordagem das situações de violência no namoro, quer às estratégias para a sua intervenção e prevenção. Enquanto no último caso, provavelmente associado a situações de imaturidade afectiva ou inexperiência relacional, se torna necessário antes de mais iniciativas orientadas para o desenvolvimento de competências sociais e relacionais, já no segundo indica a necessidade de identificação dos/as agressores/as e das vítimas e da implementação de programas específicos de apoio às vítimas e intervenção com os/as agressores/as.

**Quadro 1.1.4 - Violência nas relações de namoro segundo papel desempenhado e o género**

	Total		Masculino			Feminino		
	N	%	N	% Linha	% Coluna	N	% Linha	% Coluna
Agressor	18	4,5	5	27,8	2,6	13	72,2	6,5
Vítima	58	14,7	43	74,1	21,9	15	25,9	7,5
Vítima e agressor	120	30,4	53	44,2	27,0	67	55,8	33,7
Não é vítima nem agressor	199	50,4	95	47,7	48,5	104	52,3	52,3
Total	395	100,0	196	49,6	100,0	199	50,4	100,0

**Quadro 1.1.4.1 - Violência nas relações de namoro segundo papel desempenhado e o tipo de violência**

	N	%
<b>Agressor</b>	<b>18</b>	<b>4,5</b>
Agressor - Violência emocional e de exclusão social	8	2,0
Agressor - Violência física	4	1,0
Agressor - Violência emocional e de exclusão social e física	6	1,5
<b>Vítima</b>	<b>58</b>	<b>14,7</b>
Vítima - Violência emocional e de exclusão social	30	7,6
Vítima - Violência física	18	4,6
Vítima - Violência emocional e de exclusão social e física	10	2,5
<b>Vítima e agressor</b>	<b>120</b>	<b>30,4</b>
Vítima e agressor - Violência emocional e de exclusão social	45	11,4
Vítima e agressor - Violência física	4	1,0
Vítima e agressor - Violência emocional e de exclusão social e física	31	7,9
Vítima (violência emocional e de exclusão social) e agressor (violência física)	2	0,5
Vítima (violência física) e agressor (violência emocional e de exclusão social)	2	0,5
Vítima (violência emocional e de exclusão social/física) e agressor (violência emocional e de exclusão social)	17	4,3
Vítima (violência emocional e de exclusão social/física) e agressor (violência física)	4	1,0
Vítima (violência emocional e de exclusão social e agressor (violência emocional e de exclusão social física)	11	2,8
Vítima (violência física) e agressor (violência emocional e de exclusão social física)	4	1,0
<b>Não é vítima nem agressor</b>	<b>199</b>	<b>50,4</b>
Total	395	100,0

Face a este contexto é interessante a forma como os/as adolescentes percebem a qualidade e satisfação com a sua relação de namoro, utilizando para isso o que podemos chamar como um "barómetro" da relação (Quadro 1.1.5). Da análise dos diversos indicadores é particularmente evidente que para os/as respondentes o namoro constitui uma relação compensadora do ponto de vista emocional em que as características positivas são largamente sublinhadas. Este facto não é necessariamente incompatível com a existência de situações de agressividade ou mesmo violência mútua, pois estas podem ser entendidas como formas relacionais normais, nomeadamente quando praticadas de forma corrente no grupo de pares.

**Quadro 1.1.5 - Afirmações que mais se identificam com o/a teu/tua namorado/a**

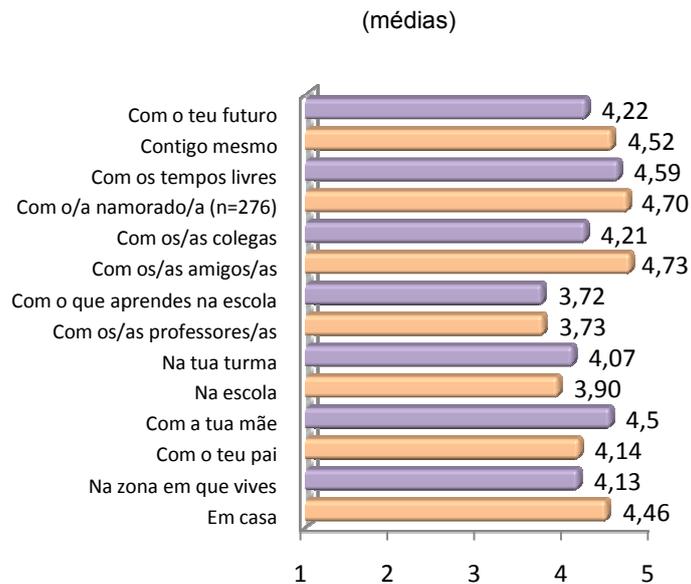
	N	%
Parece gostar de mim como pessoa	140	89,74
Respeita os meus sentimentos	133	85,26
Reage bem se eu digo que não a algo (incluindo na intimidade)	80	51,28
Gosta que eu tome as minhas próprias decisões acerca da minha vida	103	66,03
Tenta dialogar para resolvermos os nossos problemas	110	70,51
Não se importa que eu veja os/as meus amigos/as quando me apetecer	99	63,46
Não me deixa falar com outros rapazes/raparigas	13	8,33
Não quer que eu passe tempo com os/as meus amigos/as	3	1,92
Faz-me sentir que tenho de ter cuidado com o que faço ou digo	57	36,54
Põe-me para baixo ou critica-me frequentemente	2	1,28
Algumas vezes assusta-me ou magoa-me sendo agressivo/a ou violento/a	6	3,85
Poderia tentar magoar-me ou a si mesmo/a se eu quisesse acabar a relação	7	4,49
Faz-me sentir medo de discordar ou de dizer não às coisas	7	4,49

(N=156)

Esta conclusão é ainda confirmada com as respostas sobre o grau de satisfação dos/as adolescentes relativamente às relações que estabelecem com as pessoas com que lhes são (ou estão) mais próximas (Gráfico 1.1.2). Os/as adolescentes parecem sentir-se muito bem seja do ponto de vista da auto-estima, das relações familiares ou com namorados/as ou amigos/as, alcançando nas suas respostas pontuações muito próximas do valor máximo. A exceção, e mesmo essa com características positivas, é a redução no que respeita às situações relacionadas com a escola, com as aprendizagens e os/as professores/as.

Mais uma vez parece não existir grande contradição do ponto de vista dos adolescentes sobre a coexistência de relações de namoro e de situações de violência no namoro (nas suas várias formas), já que é com os/as namorados/as e amigos/as que se verificam as taxas de bem-estar relacional mais elevadas.

**Gráfico 1.1.2 – Como se sentem nas relações com outras pessoas e em vários lugares**



Valores médios entre 1 (Sinto-me muito mal) e 5 (Sinto-me muito bem)

Em síntese, a análise dos dados anteriormente apresentados permite constatar para esta população que a violência emocional e de exclusão social constitui globalmente a forma de vitimação/agressão mais frequente, sendo bastante menores as percentagens de alunos/as que afirmam sofrer formas de violência física mais graves. Trata-se na esmagadora maioria dos casos de formas de violência relacional que apontam para situações de insegurança e imaturidade afectiva e emocional. Já as formas mais graves de violência, embora numericamente reduzidas, remetem para um tipo qualitativamente diferente das anteriores, pois pressupõem estratégias de anulação e dominação das vítimas que exigem uma abordagem diferente e mais assertiva por parte das instituições educativas e de saúde.

Estes resultados vão globalmente em linha com as conclusões de outros estudos sobre o mesmo tema, mas refira-se que se identifica um predomínio do fenómeno um pouco superior, o qual pode ser em boa parte atribuído à metodologia, instrumento de recolha de dados e procedimentos de aplicação utilizados, já que baseados numa plataforma online de fácil adesão e utilização pelos/as adolescentes.

## **1.2. Violência no namoro segundo o género**

Uma das dimensões centrais deste estudo diz respeito ao peso relativo das dimensões de género na explicação das condutas de vitimação e agressão. Existindo um conjunto significativo de opiniões contraditórias acerca da relevância explicativa desta variável, foram conduzidos diversos testes estatísticos com o objectivo de avaliar a significância estatística das diferenças de género neles identificadas.

Ao considerarmos as situações de vitimação no namoro verificamos que as raparigas são globalmente mais vitimizadas (índice de vitimação no namoro), nomeadamente no que diz respeito às formas de violência física e violência emocional e de exclusão social. Contudo, em contraste com a tendência anterior, nas formas de violência física são os rapazes que relatam mais situações de vitimação. Pudemos assim verificar que em quase todas as condições de vitimação e de agressão as médias obtidas pelas raparigas são ligeiramente superiores às dos rapazes, com excepção da vitimação associada à violência física, em que a relação é inversa, ou seja, os rapazes obtiveram um índice de vitimação de violência física superior às raparigas. No que respeita às diferenças de género relativas à vitimação verificamos que estas são significativas na violência emocional e de exclusão social e, em termos de agressão, tornam-se relevantes em todas as formas de violência com excepção das situações de violência física mais grave (Quadro 1.2.1).

No que respeita às situações de agressão podemos globalmente afirmar que, as raparigas tendem de forma geral a ser mais agressoras (índice de agressão no namoro). Esta situação expressa-se principalmente em formas de violência emocional e de exclusão social e ainda de violência física. Estes resultados vão em linha com outras pesquisas desenvolvidas em Portugal, União Europeia e nomeadamente Estados Unidos da América durante a última década, que

mostram esta transformação dos comportamentos femininos no que diz respeito a atitudes violentas em relações de namoro entre adolescentes.

A aparente discrepância entre o facto de as raparigas serem simultaneamente mais vítimas e mais agressoras poderá estar associada no caso da vitimação a estas manterem frequentemente relações de namoro com rapazes mais velhos que por essa razão não são inquiridos; a serem mais susceptíveis e não considerarem negativo partilhar com amigas comportamentos abusivos por parte dos namorados, nomeadamente do tipo emocional e de exclusão social e, ainda, aos rapazes poderem demonstrar, por razões culturais e sociais, algum retraimento em afirmarem-se publicamente como vítimas de agressão pelas namoradas.

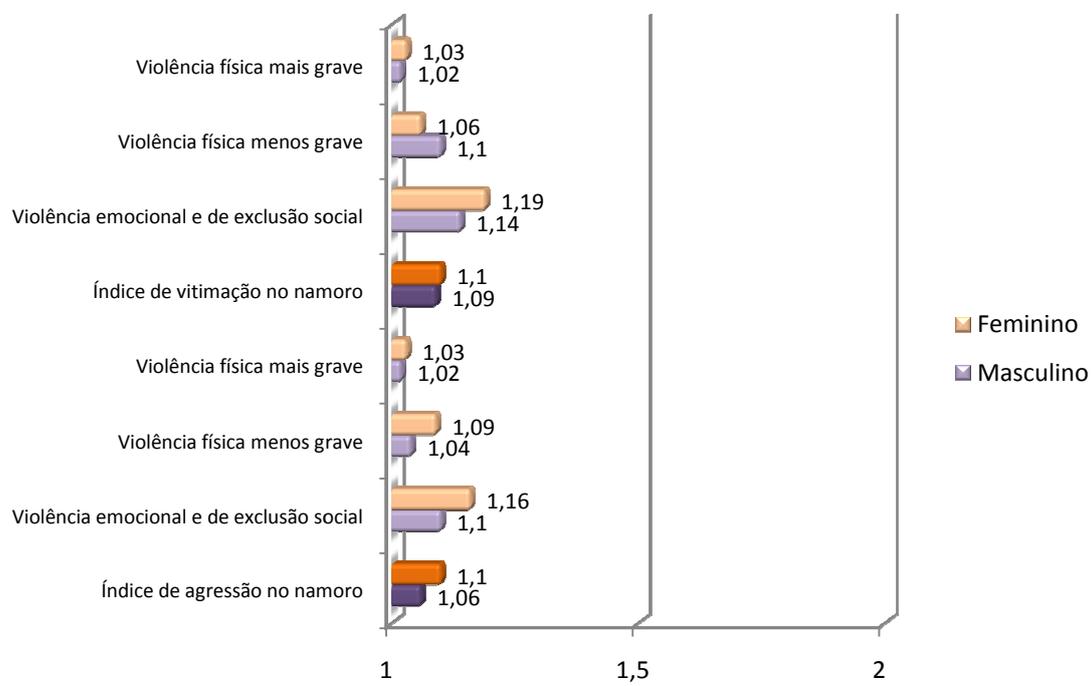
**Quadro 1.2.1 - Situações de violência no namoro segundo o género**

	Masculino		Feminino	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
<b>Índice de agressão no namoro</b>	<b>1,06**</b>	<b>0,230</b>	<b>1,10**</b>	<b>0,261</b>
Violência emocional e de exclusão social	1,10*	0,286	1,16*	0,338
Violência física	1,04*	0,238	1,09*	0,293
Violência física mais grave	1,02	0,218	1,03	0,223
<b>Índice de vitimação no namoro</b>	<b>1,09</b>	<b>0,193</b>	<b>1,10</b>	<b>0,254</b>
Violência emocional e de exclusão social	1,14**	0,269	1,19**	0,395
Violência física	1,10	0,251	1,06	0,280
Violência física mais grave	1,02	0,154	1,03	0,141

\*A diferença entre médias é significativa ao nível 0,05.

\*\*A diferença entre médias é significativa ao nível 0,10.

**Gráfico 1.2.1 - Violência no namoro segundo o género**



### 1.3. Violência no namoro segundo a idade, repetência e tipo de ensino

Tendo sido inicialmente predefinida como população alvo os/as alunos/as do 9º ano de escolaridade, o contacto com as escolas permitiu verificar a existência de alguma diversidade de situações relativamente à sua frequência. Assim pudemos encontrar alunos/as que se encontravam a frequentar o 9º ano dentro do intervalo de idade ideal (14-15 anos, para alunos sem reprovações ou situações de abandono) em paralelo com alunos mais velhos que frequentavam cursos de educação e formação (CEF), cursos esses destinados a tentar concretizar alternativas de educação - formação para alunos/as com percursos de insucesso ou abandono da escolaridade obrigatória. A oportunidade de inquirir alunos/as diferenciados/as e a pequena dimensão de algumas escolas levaram-nos a incluir na amostra parte desses/as alunos/as, facto que considerámos importante para a compreensão das tendências de variação das situações de vitimação e agressão. Este facto permitiu-nos a utilização de um conjunto de características socioeducativas respeitantes à população em estudo, nomeadamente a idade, percurso escolar (existência de repetências) e tipo de ensino que se encontram inter-relacionadas. Assim os/as alunos/as mais velhos/as encontrar-se-ão, neste caso particular, normalmente em cursos CEF e possuirão percursos escolares marcados pelo insucesso, pelo que tendencialmente se encontrariam valores semelhantes para as três variáveis.

Ao analisarmos a influência da idade, repetência e tipo de ensino procuramos compreender até que ponto as situações de violência no namoro são influenciadas por algumas das características associáveis a este grupo de idade, já que essas variáveis proporcionariam informação relativamente coerente sobre uma parte relevante dos seus quadros de vida.

Como uma primeira constatação verificamos que as médias obtidas pelos grupos etários **até 15 anos e 16 anos ou mais** são bastante diferentes, sendo

que entre os jovens com 16 ou mais anos os índices de violência são mais elevados, tanto de vitimação como de agressão, claramente superiores ao grupo de jovens que têm até 15 anos (Gráfico 1.3.1; Gráfico 1.3.2; Gráfico 1.3.3).

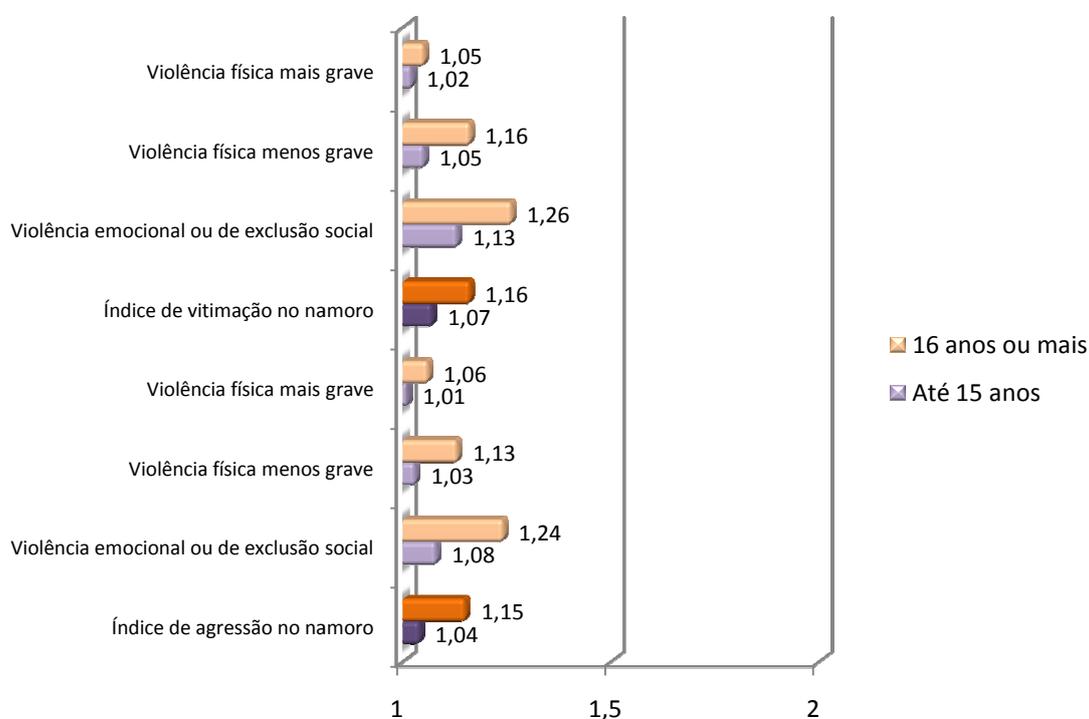
A aplicação de testes estatísticos para verificar o significado dessas diferenças, indica que o efeito da idade é significativo em todas as formas de violência (emocional e de exclusão social, física e física grave) e, esse efeito verifica-se tanto para vítimas como para agressores/as.

Estes resultados revelaram-se um pouco surpreendentes face à bibliografia disponível, já que os estudos sobre violência na escola assinalam uma relação inversa entre violência e idade, descendo os episódios de violência à medida que a idade aumenta, assim como as pesquisas sobre violência no namoro no ensino universitário revelam a estabilização da violência com o aumento da idade. Para obter uma melhor compreensão deste facto seria necessário obter informação adicional sobre o grupo de maiores de 16 anos que foi inquirido. Será preciso tomar em conta que este é constituído por um número reduzido de indivíduos, que os seus percursos escolares os diferenciam tanto dos restantes membros da amostra como dos indivíduos pertencentes ao seu grupo de idade, factos que por essa razão em algumas destas escolas os colocam na situação particular de frequentar estabelecimentos escolares em que o seu grupo de idade se encontra ausente ou é minoritário (não sendo por isso nestes casos de desprezar a existência de eventuais efeitos de estigmatização). Devido a estas particularidades seria talvez mais prudente analisar cada grupo autonomamente, dando assim a possibilidade de considerar a composição e trajecto específico de cada um deles.

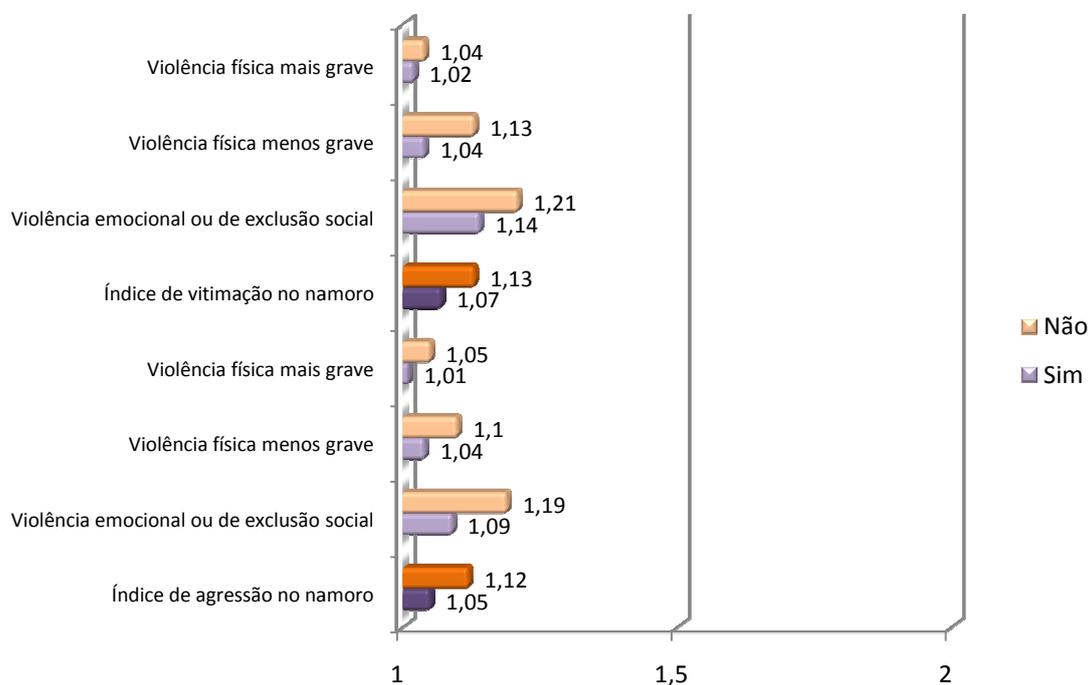
De qualquer forma, e tomando em conta as reservas atrás explicitadas, podemos afirmar que para esta amostra existe uma associação positiva entre ter mais idade, ter reprovado e o tipo de ensino frequentado na adopção de

comportamentos violentos no namoro (índice de agressão no namoro segundo a “idade”, “passou de ano” e “tipo de ensino”), assim como, de igual forma, para o facto de se ser vítima de situações de agressão (índice de vitimação no namoro segundo a “idade”, “passou de ano” e “tipo de ensino”).

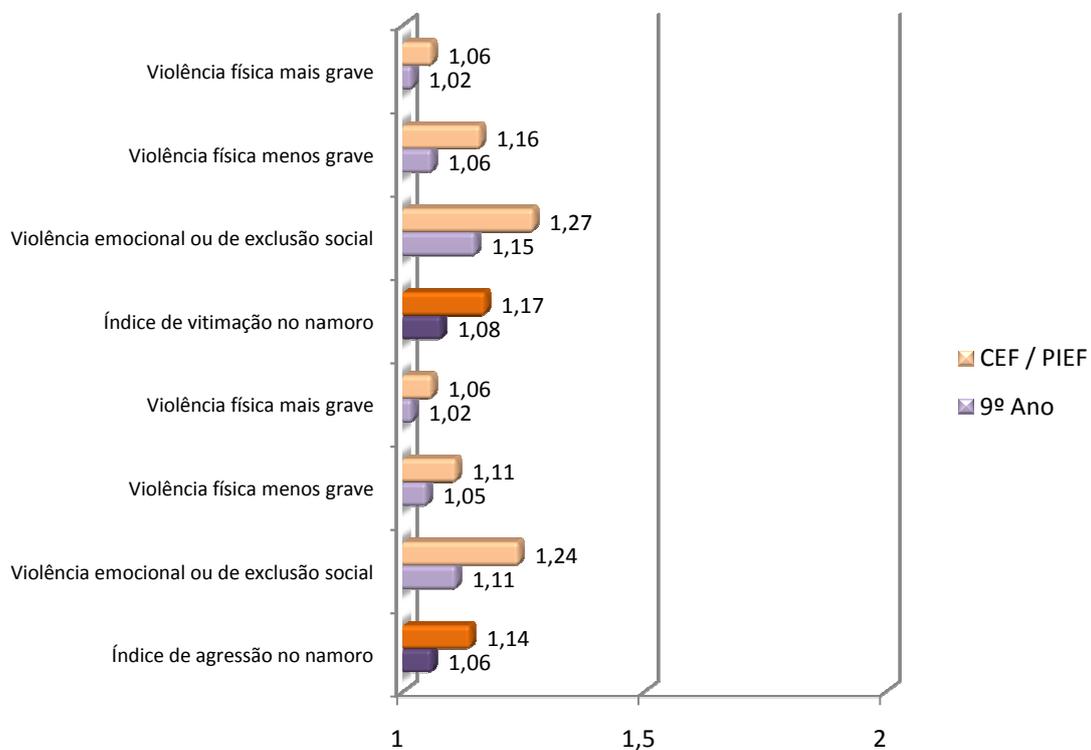
**Gráfico 1.3.1 – Violência no namoro segundo a idade**



**Gráfico 1.3.2 – Violência no namoro segundo a variável “passou de ano?”**



**Gráfico 1.3.3 – Violência no namoro segundo o tipo de ensino**



#### **1.4. Relevância, nas situações de violência no namoro, do nível de escolaridade e do grupo socioprofissional do/a encarregado/a de educação**

A tomada em conta de um conjunto de características associadas ao contexto de socialização familiar é hoje vista genericamente como um passo importante na compreensão e diferenciação dos diversos tipos de comportamentos e atitudes dos/as adolescentes e jovens. Parte-se do princípio genérico de que os modelos de socialização familiar se encontram associados e são interdependentes com a posição social ocupada e os recursos culturais detidos, em particular os escolares, já que estes proporcionariam formas diferenciadas de interpretar a realidade social e de agir em diversos contextos de interação social. No que respeita à violência entre/sobre adolescentes e jovens (ou crianças) estes princípios, que foram verificados e reconfirmados por inúmeras pesquisas nas mais diversas áreas e problemáticas das ciências sociais e humanas, parecem possuir uma capacidade explicativa limitada. É de salientar que a atribuição de características violentas a certos grupos sociais ou minorias culturais constitui uma das considerações mais fortes de senso comum, normalmente entendidas como resultantes de uma eventual natureza violenta ou resultado determinista dos processos de socialização familiar ou comunitária. Estas concepções têm sido contestadas pelos resultados de diversos estudos nacionais e internacionais que se debruçaram sobre as situações de violência social, nomeadamente violência na escola, maus tratos por adultos a crianças, violência doméstica e/ou conjugal entre adultos, assim como de violência entre adolescentes e jovens, tendo concluído por uma significativa transversalidade social da presença de situações de violência nas suas diversas formas.

Não existindo até ao momento resultados da investigação que permitam analisar de forma mais aprofundada este facto, utilizamos como hipótese de trabalho que este se deve a uma significativa transversalidade social das situações de violência de género, originada pela disseminação social e partilha

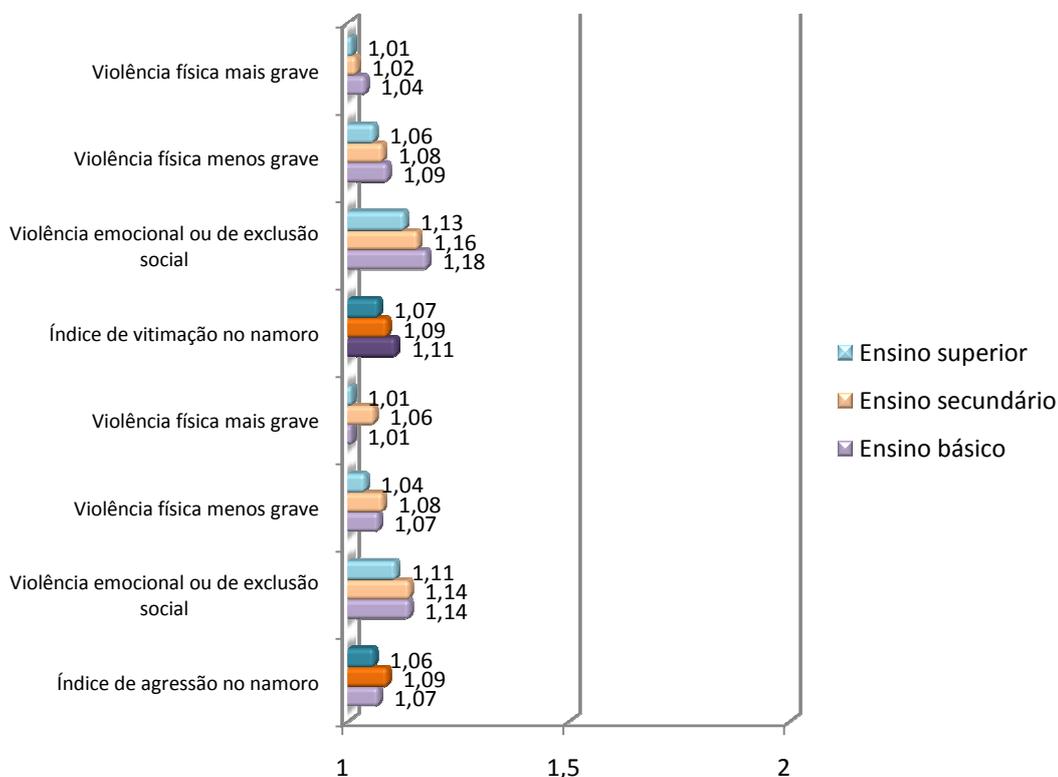
de elementos culturais comuns assim como de crenças e atitudes acerca das relações entre sexos.

Tomando em atenção o atrás referido procurámos compreender para a população em estudo a possível influência da escolaridade dos/as encarregados/as de educação dos/as adolescentes sobre os comportamentos de agressão ou de vitimação.

Ao procurarmos identificar a existência de uma relação estatística entre a categoria socioprofissional, a escolaridade do/a encarregado/a de educação dos/as adolescentes e os comportamentos de agressão ou de vitimação para ambas as variáveis foi possível verificar que para a informação recolhida não existe uma relação estatisticamente relevante (Gráfico 1.4.1), sendo que apenas numa situação podemos assinalar uma pequena variação, já que pode ser identificada uma diferença mais ou menos clara para os/as filhos/as de *Trabalhadores Independentes*, grupo em que tanto o índice de vitimação como o de agressão são mais elevados que no resto da amostra. Pode ser identificada alguma proximidade deste grupo apenas para os/as filhos/as de *Operários*, e apenas nas situações de violência emocional e de exclusão social (Quadro 1.4.1). A explicação para este facto, pelo menos parcial, poderá estar associada à composição do grupo e à forma como a própria amostra foi construída. Este grupo inclui apenas indivíduos que desenvolvem actividades por conta própria, embora apenas os/as que possuem profissões menos qualificadas escolarmente (pedreiros, cabeleireiras, pequenas lojistas, etc.) tendo os/as trabalhadores/as muito qualificados sido incluídos no grupo *Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais*, por razões ligadas ao domínio do conhecimento profissional, capacidade económica e recursos escolares. Torna-se ainda necessário sublinhar algumas precauções adicionais na leitura destes dados, já que o número de trabalhadores/as independentes presente na amostra ser bastante reduzido logo os resultados estarem sujeitos a enviesamentos.

Como conclusão central é de sublinhar que se pode afirmar ser a violência transversal a todos os grupos independentemente do nível de escolaridade e inserção socioprofissional dos/as encarregados/as de educação, embora com alguma expressão no que respeita à violência emocional e de exclusão social entre os *Operários* e *Trabalhadores Independentes*, ainda que com as limitações já referidas resultantes do seu reduzido número na amostra. A clarificação de que as situações de violência ocorrem em todos os grupos sociais é particularmente importante para limitar os efeitos dos estereótipos sociais sobre a origem da violência e os sujeitos violentos, pois ao acentuarem a sua prevalência em grupos sociais mais baixos impedem o delinear de estratégias de intervenção baseadas na crítica de elementos culturais partilhados por todos os grupos sociais.

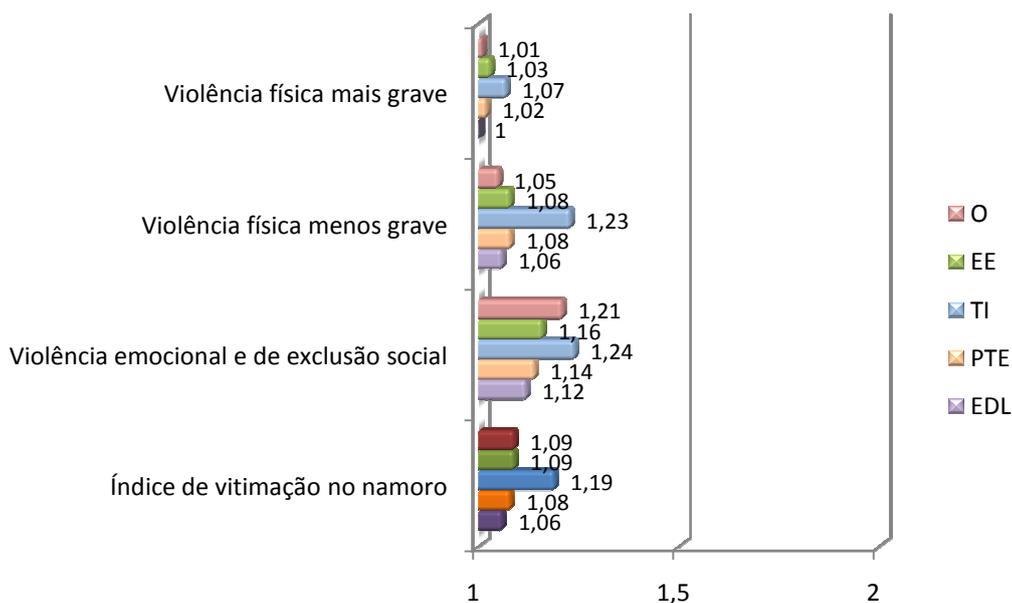
**Gráfico 1.4.1- Violência no namoro segundo o nível de escolaridade do/a encarregado/a de educação**



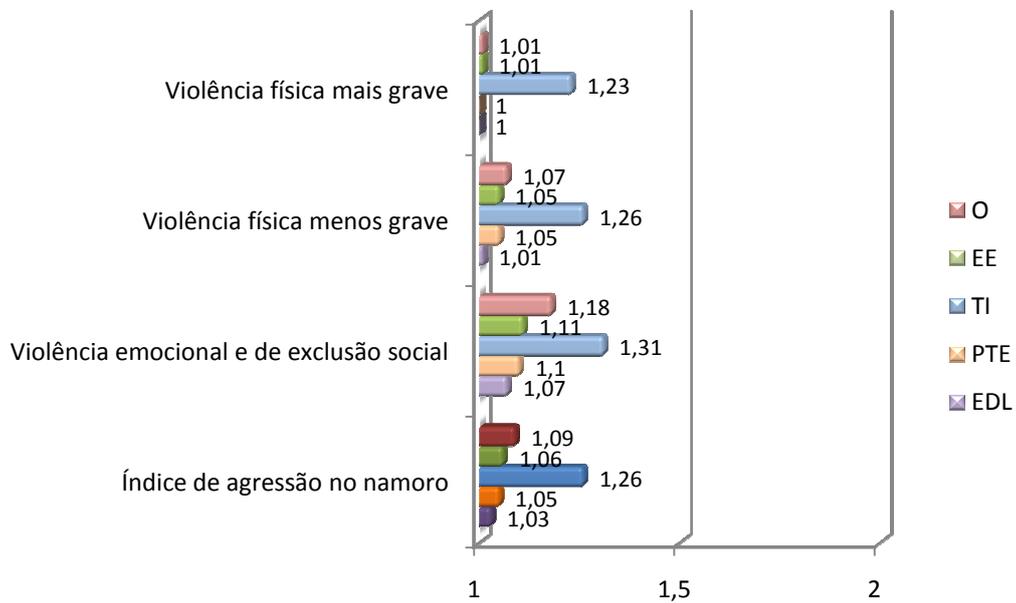
**Quadro 1.4.1 – Violência no namoro segundo a categoria socioprofissional do/a encarregado/a de educação**

		Maiores recursos		Menores recursos		
		EDL	PTE	TI	EE	O
<b>Índice de agressão no namoro</b>	Média	<b>1,03</b>	<b>1,05</b>	<b>1,26*</b>	<b>1,06</b>	<b>1,09</b>
	Desvio-padrão	<b>0,077</b>	<b>0,123</b>	<b>0,750</b>	<b>0,134</b>	<b>0,162</b>
Violência emocional e de exclusão social	Média	1,07	1,10	1,31*	1,11	1,18
	Desvio-padrão	0,167	0,213	0,772	0,218	0,320
Violência física	Média	1,01	1,05	1,26*	1,05	1,07
	Desvio-padrão	0,054	0,179	0,756	0,172	0,197
Violência física mais grave	Média	1,00	1,00	1,23*	1,01	1,01
	Desvio-padrão	0,031	0,031	0,759	0,071	0,039
<b>Índice de vitimação no namoro</b>	Média	<b>1,06</b>	<b>1,08</b>	<b>1,19</b>	<b>1,09</b>	<b>1,09</b>
	Desvio-padrão	<b>0,149</b>	<b>0,191</b>	<b>0,398</b>	<b>0,242</b>	<b>0,144</b>
Violência emocional e de exclusão social	Média	1,12	1,14	1,24	1,16	1,21
	Desvio-padrão	0,272	0,295	0,536	0,319	0,357
Violência física	Média	1,06	1,08	1,23*	1,08	1,05
	Desvio-padrão	0,180	0,255	0,500	0,272	0,113
Violência física mais grave	Média	1,00	1,02	1,07	1,03	1,01
	Desvio-padrão	0,031	0,096	0,220	0,193	0,045

**Gráfico 1.4.2 - Vitimação no namoro segundo a categoria socioprofissional do/a encarregado/a de educação**



**Gráfico 1.4.3 - Agressão no namoro segundo a categoria socioprofissional do/a encarregado/a de educação**



## 1.5. A reacção à agressão

A abordagem da forma como reagem as vítimas constitui, em nosso entender, um elemento central para compreender as situações de vitimação e, a partir daí, delinear estratégias de intervenção e prevenção.

O desencadear de situações de agressão traduz-se pela redefinição de uma relação de namoro em bases diferenciadas, já que esta expressa nuns casos uma situação de dominação e anulação psicossocial da vítima, noutros uma situação de conflitualidade que apenas parece obter resolução através de formas variadas de violência interpessoal. Para lá das razões na origem do conflito e agressão, importa conhecer a reacção das vítimas face à agressão, nomeadamente se estas se isolam e, por esse facto aumentam a situação de vulnerabilidade face a possíveis novas agressões; ou se, pelo contrário, discutem a situação com outros sujeitos significativos na sua rede de relações e nela procuram ajuda para lidar com a situação. Procurámos por estas razões saber o que faziam quando confrontados/as com situações de agressão, nomeadamente a quem contavam as situações de agressão e a quem solicitavam apoio (caso o fizessem).

Um primeiro resultado resulta, em nosso entender, das características psicossociais da adolescência/juventude já anteriormente referidas, nomeadamente a importância dos grupos de pares no seu quotidiano. Quando em situação de vitimação são os/as amigos/as aqueles a quem os inquiridos/as recorreram quando confrontados/as com uma agressão (67%). Se estes dados confirmam outras pesquisas, já o papel desempenhado por outros sujeitos surge como bastante interessante. É na família (mãe, pai, irmãos/ãos) onde, depois dos/as amigos/as, se encontram aqueles que constituem os/as ouvintes privilegiados/as para relatar as situações de violência, mostrando que apesar da crescente autonomia dos/as adolescentes (expressa na importância que atribuem aos/às amigos/as) a família continua a constituir um elemento de

referência em momentos de crise, mesmo relacionados com a intimidade (Gráfico 1.5.1).

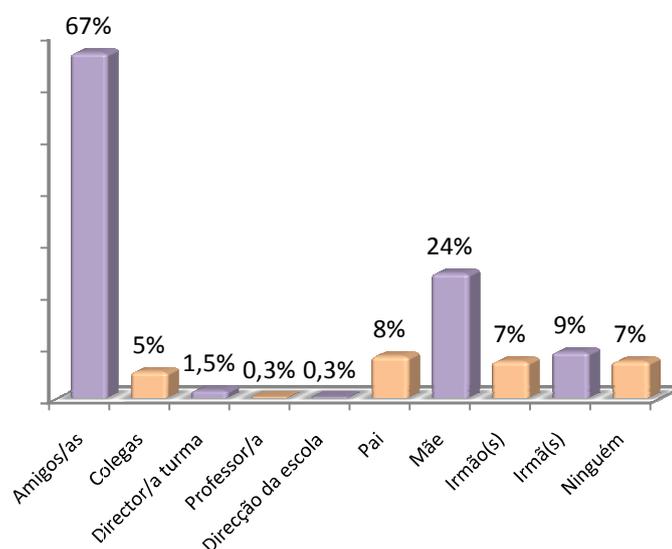
Um outro dado bastante interessante diz respeito à escola e aos/as professores/as, debaixo de cuja supervisão os/as adolescentes passam uma parte significativa do dia. A importância destes agentes educativos (sejam directores/as, directores/as de turma ou docentes em geral) enquanto interlocutores em situações de violência surge, para os/as alunos, como quase irrelevante, facto que não deixa de ser importante pois uma parte significativa das ocorrências se passa durante o tempo lectivo. Uma explicação possível (embora em diversas situações possa ser confundido com violência entre pares) poderá estar associada ao facto de os/as directores/as apesar de terem uma percepção relativamente clara da sua existência, como referiram durante as entrevistas, preferirem não intervir de imediato e de, para os/as alunos/as, estarem associados à estrutura disciplinar formal da escola.

Um último dado, de significativa importância, diz respeito à existência de um grupo de 7% de adolescentes que, quando agredidos/as se mantêm em silêncio, não relatando a ninguém as agressões de que são vítimas. Encontra-se aqui o que podemos designar como um grupo potencial de “grandes vítimas”, indivíduos que em situações de violência não parece ser capaz de accionar em sua defesa mecanismos informais ou formais de auto-defesa, ficando assim ainda mais desprotegido.

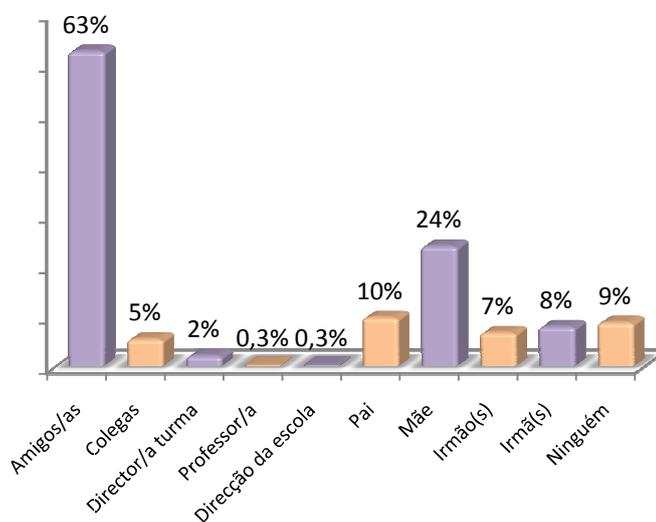
O conhecimento acerca da forma com quem as vítimas de violência partilham essa informação antecipa, desde logo, aqueles que são solicitados para ajudar a resolver ou ultrapassar essas situações (Gráfico 1.5.2). Mais uma vez são os/as amigos/as, seguidos pelos diversos membros da família que são mais solicitados/as para ajudar a resolver as situações de violência (com um ligeiro crescimento do papel dos/das pais/mães), sendo atribuído nas respostas aos diversos responsáveis da escola e agentes educativos (director/a, director/a de

turma ou outros/as docentes) um papel pouco relevante. É de salientar o crescimento da percentagem de alunos/as que não solicita ajuda a ninguém relativamente àqueles que não contavam a ninguém. Este constitui, sem dúvida, um grupo em que importaria conhecer melhor as razões do isolamento (e se de facto este é real) e, sendo esse o caso, ser alvo de uma linha própria de prevenção.

**Gráfico 1.5.1 - A quem costuma contar em situações de violência no namoro**



**Gráfico 1.5.2 - A quem recorre para pedir ajuda em situações de violência no namoro**



## **2. Violência entre Pares**

A análise das situações de violência entre pares possui no âmbito deste trabalho uma importância significativa, já que se considera que as situações de violência no namoro entre adolescentes se produzem num contexto sociocultural em que a violência existe e constitui uma realidade com que estes contactam quotidianamente. A importância do conhecimento sobre a extensão e tipo de situações de violência resulta da importância assumida pela intensa participação em grupos de pares neste intervalo de idade, já que estes constituem parte significativa da moldura relacional em que as situações de violência no namoro se produzem. Este facto permite assim esperar uma relativa continuidade entre a disseminação de situações de violência no namoro e entre pares, embora com variações e diferenças associadas às especificidades de cada um dos tipos de relação.

As relações entre pares são marcadas por uma orientação e interacção grupal forte, com diversos tipos de hierarquias interaccionais que condicionam e promovem determinados comportamentos e atitudes face à violência. Já as relações de namoro, embora se desenvolvam frequentemente no seio dos quadros de relações grupais, são por natureza relações singulares, condicionadas pela maturidade, motivações e valores de cada um dos participantes. Constituem relações sociais de tipo diferente, que se aproximam e distanciam conforme os momentos, situações e intervenientes.

Tomando em consideração estas diferenças, analisaremos de seguida a disseminação de situações de violência entre pares a partir de uma tripla perspectiva. Consideraremos os intervenientes directos nas situações de violência entre pares, nomeadamente os/as agressores e agredidos/vítimas, mas também aqueles/as que presenciam o momento da agressão mas não participam nela. A tomada em conta das testemunhas, ou seja jovens que se encontram na posição de observadores/as presenciais resulta da importância

crecente que na investigação tem vindo a ser dada à sua intervenção (ou apatia), seja no desencadear das situações de violência, seja na gravidade relativa que estas acabam por assumir.

A abordagem às situações de violência entre os/as jovens inquiridos/as foi desenvolvida, como referido anteriormente, a partir de uma escala com quinze itens, com o objectivo de conhecer a difusão e tipo de comportamentos violentos, a seguir apresentada (Quadro 2.1).

**Quadro 2.1 - Índices de violência entre pares**

Ignorar Impedir de participar em actividades Falar mal de um/a colega Rejeitar um/a colega Humilhar um/a colega Insultar um/a colega	Índice de violência emocional ou de exclusão social
Esconder as coisas de um/a colega Estragar as coisas de um/a colega Roubar as coisas de um/a colega Bater num/a colega Ameaçar um/a colega, para lhe meter medo	Índice de violência física
Obrigar com ameaças um/a colega a fazer coisas que não quer Insultar um/a colega com comentários de carácter sexual Obrigar um/a colega a ter comportamentos ou a participar em Ameaçar um/a colega com armas	Índice de violência física grave

## **2.1. Situações de vitimação e de agressão entre pares**

À semelhança das situações de vitimação no namoro também no quadro das relações entre pares as formas de violência emocional e de exclusão social são as mais frequentes. São diversas as modalidades como este tipo de violência se expressa, sendo as mais frequentes os comportamentos que procuram ferir outros através do prejudicar do seu estatuto social ou relações de amizade, tendencialmente um tipo de agressão indirecta ou relacional. Assim o facto de o/a agressor/a "falar mal" com terceiros sobre a vítima foi considerado por 66,3% destas como a forma de violência mais frequente a que tinham sido sujeitos, seguida por actos como "esconder coisas" com 47,7%, "insultar" com 43,1% e ser "ignorado de propósito" com 42,3%. Outras formas de vitimação mais graves, nomeadamente por resultarem de agressões físicas graves ou ofensas sexuais possuem uma difusão bastante menor, embora ainda significativa. Dos/as jovens que se declararam alvo de situações de violência mais graves, 12% afirmaram já ter sido alvo de "ameaças com o objectivo de meter medo" e 11,6% foram alvo de "insultos com carácter sexual", enquanto num grau de gravidade ainda mais elevado 9,4% foram agredidos, 8,8% alvo de "comportamentos sexuais contra a vontade", 3,6% foram "obrigados, através de ameaças, a fazer coisas que não quero" ou " 3,2% "ameaçados com armas (Quadro 2.1.1).

O tipo de situações e a difusão destas formas de vitimação mostra um quadro relacional em que os conflitos interpessoais são frequentes, mas essencialmente dentro de limites aceitáveis de agressividade. Importa contudo tomar em conta o ponto de vista das vítimas, já que estas situações tanto podem aumentar a resiliência de quem as sofre como transformar-se em factores de desequilíbrio pessoal e social, quando não resolvidas de forma positiva. Em paralelo com este quadro é ainda identificável um pequeno conjunto de situações violentas em que as consequências para as vítimas aumentam significativamente de gravidade, e cuja natureza implica da parte

dos/as responsáveis educativos uma abordagem diferente da necessária para as de carácter essencialmente relacional.

Este mesmo quadro pode agora ser comparado com a informação relativa aos inquiridos que declararam ter desencadeado actos de agressão ou que se encontravam presentes no momento do desencadear de situações violentas (Quadro 2.1.2).

Ao abordarmos as situações de agressão declarada verificamos que, do mesmo modo, são as formas de violência emocional e de exclusão social as mais referidas. Aparentemente o essencial dos conflitos entre jovens desenvolve-se através de formas mais ritualizadas de agressão, constituindo a agressão ao estatuto social da vítimas a forma mais corrente de tentar atingir/magoar o(s) outro(s), nomeadamente através de "falar mal" com 78,2%, de "ignorar de propósito" com 74,1% ou "insultar" com 61,5%. Também é possível aqui identificar, de forma ainda mais clara, a existência de um leque de situações em que os/as respondentes assumem a prática de comportamentos violentos que designámos de violência mais grave. Entre estes encontramos um primeiro grupo de situações, no qual 29,8% dos/as inquiridos/as refere que já agrediu colegas, 25,8% ameaçou com o objectivo de meter medo, e 18,8% insultou com comentários de carácter sexual; em seguida podemos identificar um segundo grupo de situações, com percentagens de ocorrências significativamente menores mas de gravidade bastante maior, sendo que 5,8% dos/as inquiridos/as já obrigou colegas a fazer coisas contra a sua vontade (trazer dinheiro, etc.) e 4% já ameaçou outros/as utilizando para isso armas.

O terceiro vector dos conflitos entre pares é constituído por aqueles/as que testemunham as situações de violência sem serem intervenientes directos<sup>19</sup>. A consideração do papel desempenhado por aqueles/as que assistem constitui uma linha de interesse para a investigação sobre violência que agora se tem vindo a desenvolver, nomeadamente pela percepção crescente do papel constrangedor ou incentivador dos actos de agressão que a sua actuação muitas vezes possui. Não deixa a este propósito de ser demonstrativo da sua importância o facto de praticamente todos os itens mostrarem que os/as adolescentes testemunharam um conjunto muito alargado de situações de violência, mesmo que tal percentagem possa resultar parcialmente do facto de uma única ocorrência poder ser testemunhada por diversos indivíduos. Face à extensão desse contacto podemos falar de uma socialização intensa às situações de violência, já que esta parece constituir um elemento significativamente presente no quotidiano da maioria dos/as jovens, tratando-se de situações que se desenrolam em contextos com diversos intervenientes em presença (Quadro 2.1.3).

---

<sup>19</sup> Por intervenientes directos entendemos o agressor e a vítima, mas tal não implica que não desempenhem um papel relevante nas situações de violência, muitas vezes como resultado da simples inacção.

**Quadro 2.1.1 - Situações de vitimação entre pares**

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes
	%	%	%	%
Ignoram-me de propósito	57,7	32,3	7,6	2,4
Impedem-me de participar nas suas actividades	69,3	22,0	7,4	1,4
Falam mal de mim	33,7	44,1	15,0	7,2
Rejeitam-me	69,7	24,6	4,2	1,6
Humilham-me	74,5	19,6	4,2	1,8
Insultam-me	56,9	34,3	7,0	1,8
Escondem-me coisas	52,3	36,9	8,2	2,6
Estragam-me coisas	75,0	21,0	2,8	1,2
Roubam-me coisas	84,8	11,8	1,8	1,6
Batem-me	90,6	7,8	1,4	0,2
Ameaçam-me para me meter medo	88,0	9,6	1,6	0,8
Obrigam-me, através de ameaças, a fazer coisas que não quero (trazer e dar-lhes dinheiro, fazer-lhes tarefas, dar-lhes as minhas coisas)	96,4	2,8	0,4	0,4
Insultam-me com comentários de carácter sexual	88,4	9,0	2,0	0,6
Têm comportamentos de carácter sexual comigo, contra a minha vontade (apalpões, beijos,...)	91,2	6,6	1,8	0,4
Ameaçam-me com armas (navalhas, bastões,...)	96,8	2,6	0,6	0,0

(N=501)

**Quadro 2.1.2 - Situações de agressão entre pares**

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes
	%	%	%	%
Ignorei um/a colega	25,9	40,3	25,3	8,4
Impedi um/a colega de participar nas minhas actividades	59,7	26,7	11,4	2,2
Falei mal de um/a colega	21,8	52,5	19,8	6,0
Rejeitei um/a colega	58,9	29,5	8,4	3,2
Humilhei um/a colega	67,3	22,2	6,6	4,0
Insultei um/a colega	38,5	41,1	15,4	5,0
Escondi as coisas de um/a colega	50,5	31,3	13,8	4,4
Estraguei as coisas de um/a colega	77,2	18,2	2,8	1,8
Roubei as coisas de um/a colega	92,0	5,0	2,2	0,8
Bati num/a colega	70,3	22,4	5,2	2,2
Ameacei um/a colega, para lhe meter medo	74,3	19,4	4,6	1,8
Obriguei, através de ameaças, um/a colega a fazer coisas que não queria (trazer e dar-me dinheiro, fazer-me tarefas, dar-me as suas coisas)	94,2	4,2	1,0	0,6
Insultei um/a colega com comentários de carácter sexual	81,2	14,0	3,4	1,4
Obriguei um/a colega a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual, contra a sua vontade (apalpões, beijos,...)	94,6	4,2	1,2	0,0
Ameacei um/a colega com armas (navalhas, bastões,...)	96,0	2,4	1,0	0,6

(N=501)

**Quadro 2.1.3 – Situações de testemunho de violência entre pares**

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes
	%	%	%	%
Ignorarem um/a colega	21,4	34,9	28,9	14,8
Um/a colega ser impedido de participar em actividades	30,1	35,5	25,0	9,4
Falarem mal de um/a colega	13,6	25,3	33,1	27,9
Rejeitarem um/a colega	26,3	33,3	26,7	13,6
Humilharem um/a colega	27,1	29,7	23,4	19,8
Insultarem um/a colega	22,0	27,7	27,7	22,6
Esconderem as coisas de um/a colega	24,6	37,3	25,9	12,2
Estragarem as coisas de um/a colega	42,7	32,1	16,2	9,0
Roubarem as coisas de um/a colega	54,1	24,0	13,0	9,0
Baterem num/a colega	39,5	29,5	19,2	11,8
Ameaçarem um/a colega, para lhe meter medo	43,3	27,7	17,4	11,6
Obrigarem com ameaças um/a colega a fazer coisas que não quer (trazer e dar dinheiro, fazer tarefas, dar as suas coisas)	68,1	19,2	7,6	5,2
Insultarem um/a colega com comentários de carácter sexual	57,1	21,8	13,0	8,2
Obrigarem um/a colega a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual, contra a sua vontade (apalpões, beijos,...)	72,5	14,8	8,0	4,8
Ameaçarem um/a colega com armas (navalhas, bastões,...)	81,0	14,0	2,6	2,4

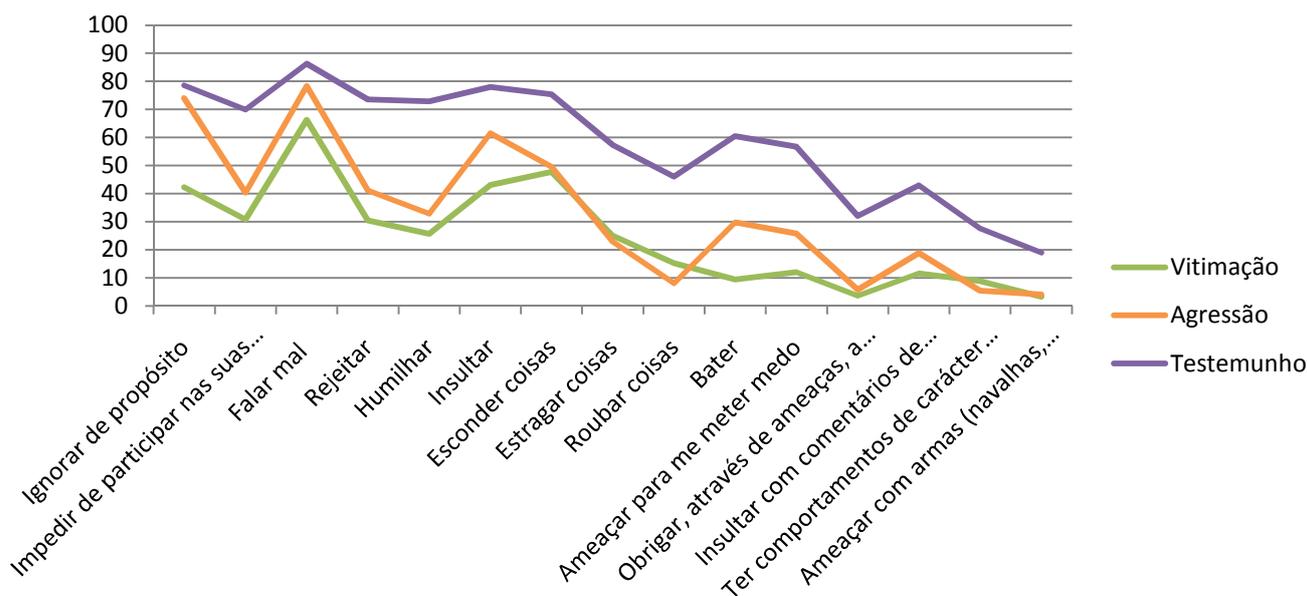
(N=501)

**Quadro 2.1.4 – Situações de vitimação, agressão e testemunho de violência entre pares \***

	Vitimação	Agressão	Testemunho
	%	%	%
Ignorar de propósito	42,3	74,0	78,6
Impedir de participar nas suas actividades	30,8	40,3	69,9
Falar mal	66,3	78,3	86,3
Rejeitar	30,4	41,1	73,6
Humilhar	25,6	32,8	72,9
Insultar	43,1	61,5	78,0
Esconder coisas	47,7	49,5	75,4
Estragar coisas	25,0	22,8	57,3
Roubar coisas	15,2	8,0	46,0
Bater	9,4	29,8	60,5
Ameaçar para me meter medo	12,0	25,8	56,7
Obrigar, através de ameaças, a fazer coisas que não quer (trazer e dar-lhes dinheiro, fazer-lhes tarefas, dar-lhes as minhas coisas)	3,6	5,8	32,0
Insultar com comentários de carácter sexual	11,6	18,8	43,0
Ter comportamentos de carácter sexual, contra a vontade (apalpões, beijos,...)	8,8	5,4	27,6
Ameaçar com armas (navalhas, bastões,...)	3,2	4,0	19,0

\* Agregaram-se todas as situações em que houve contacto com situações de violência

**Gráfico 2.1 – Situações de vitimação, agressão e testemunho de violência entre pares \***



\* Agregaram-se todas as situações em que houve contacto com situações de violência

A importância do contacto quotidiano com situações de violência expressa-se ainda na forma como as percentagens de vitimação e agressão declaradas são relativamente próximas, com ligeiras variações conforme o tipo. Diversos estudos apontam a existência de uma larga faixa de indivíduos que poderão em diversos momentos participar em situações de violência alternando de estatuto (vítima, agressor/a ou testemunha), constituindo aqueles/as que são exclusivamente vítimas ou agressores/as faixas relativamente minoritárias. Esta conclusão é confirmada pelos dados recolhidos, já que a quase totalidade dos/as adolescentes contactou com alguma forma de violência no período analisado (Quadro 2.1.5). As diversas formas de violência surgem largamente disseminadas no quotidiano, participando 81,6% dos/as alunos/as em situações diversas em que alternam a situação de vítima e agressor/a. Contrariamente às situações de violência no namoro, mais respondentes consideram assumir o papel de agressores/as, sendo aqueles/as que se consideram apenas vítimas pouco expressivo. Algumas hipóteses sugeridas em vários estudos podem ser consideradas, nomeadamente a vergonha ou o receio em assumir a posição de vítima (característica das situações de *bullying*, marcadas pela anulação da vítima) ou noutras situações o facto de considerarem que sendo vítimas também respondem à agressão, logo também seriam agressores/as; e, nalguns casos, a sobrevalorização perante os/as inquiridores/as da sua actuação e estatuto no interior do grupo, auto classificando-se por essa razão como agressores/as.

Estes dados mostram a extensão e importância da violência no quotidiano dos/as adolescentes, e realçam a importância de programas para a promoção de comportamentos não violentos, nomeadamente no que respeita à resolução de conflitos. Coloca ainda a questão das formas de prevenção, frequentemente demasiado centradas em estratégias que colocam a vítima no centro da intervenção, mas que tanto ignoram os/as agressores/as e as testemunhas, como o facto de os/as diferentes intervenientes poderem alternar de estatuto em diferentes momentos.

**Quadro 2.1.5 - Violência entre pares segundo papel desempenhado e o tipo de violência**

	N	%
<b>Agressor</b>	<b>69</b>	<b>13,8</b>
Agressor - Violência emocional e de exclusão social	23	4,6
Agressor - Violência física	2	0,4
Agressor - Violência emocional e de exclusão social e física	44	8,8
<b>Vítima</b>	<b>14</b>	<b>2,8</b>
Vítima - Violência emocional e de exclusão social	6	1,2
Vítima - Violência física	2	0,4
Vítima - Violência emocional e de exclusão social e física	6	1,2
<b>Vítima e agressor</b>	<b>409</b>	<b>81,6</b>
Vítima e agressor - Violência emocional e de exclusão social	52	10,4
Vítima e agressor - Violência emocional e de exclusão social e física	216	43,0
Vítima (violência emocional e de exclusão social) e agressor (violência física)	1	0,2
Vítima (violência física) e agressor (violência emocional e de exclusão social)	11	2,2
Vítima (violência emocional e de exclusão social/física) e agressor (violência emocional e de exclusão social.)	46	9,2
Vítima (violência emocional e de exclusão social) e agressor (violência emocional e de exclusão social/física)	58	11,6
Vítima (violência física) e agressor (violência emocional e de exclusão social/física)	25	5,0
<b>Não é vítima nem agressor</b>	<b>9</b>	<b>1,8</b>
Total	501	100,0

**Quadro 2.1.5.1 - Violência entre pares segundo papel desempenhado e o gênero**

	Total		Masculino			Feminino		
	N	%	N	% Linha	% Coluna	N	% Linha	% Coluna
Agressor	69	13,8	41	59,4	16,0	28	40,6	11,4
Vítima	14	2,8	6	42,9	2,3	8	57,1	3,3
Vítima e agressor	409	81,6	206	50,4	80,5	203	49,6	82,9
Não é vítima nem agressor	9	1,8	3	33,3	1,2	6	66,7	2,4
Total	501	100,0	256	51,1	100,0	245	48,9	100,0

## **2.2. Violência entre pares segundo o gênero**

Um elemento importante para a compreensão da relevância da variável gênero na explicação das situações de violência no namoro é, em nosso entender, o seu enquadramento no conjunto das situações de violência que se produzem no grupo de pares. As relações de namoro produzem-se tendencialmente nos quadros relacionais de proximidade dos/as jovens (com as exceções de situações como as férias, ou outras fora das rotinas espaço-temporais quotidianas) partilhando os/as jovens quadros de valores, elementos culturais e especificidades sociais resultantes da interação quotidiana em espaços comuns. Trata-se exactamente destas continuidades (e descontinuidades) que é possível identificar, pois podemos afirmar a este respeito que encontramos nas situações de violência física, emocional e de exclusão tendências genericamente semelhantes aquelas que já referimos para a violência no namoro, embora com variações que importa assinalar.

Ao analisarmos as situações de vitimação entre pares segundo o gênero encontramos um padrão de ocorrências parcialmente semelhante ao verificado nas relações de namoro, já que as raparigas são mais frequentemente alvo de formas de violência mais grave (embora de modo pouco significativo), sendo os rapazes mais vezes vítimas de situações de violência menos grave e violência emocional e de exclusão social, embora com diferenças estatisticamente significativas apenas para a violência menos grave. Globalmente as raparigas são mais vitimizadas que os rapazes, embora com uma diferença reduzida entre ambos (Quadro 2.2.1).

Já no que respeita às situações de agressão encontramos um panorama relativamente diferente. Os rapazes são mais agressores em todos os tipos de violência considerados, existindo uma maior diferença entre rapazes e raparigas no índice de agressão que para os outros índices, sendo estas

diferenças estatisticamente significativas para todos os tipos de violência (Quadro 2.2.1).

A terceira forma de participação nas situações de violência diz respeito à situação de testemunha. Também aqui existe uma maior diferenciação de género, sendo que as raparigas testemunham mais situações de violência emocional e de exclusão social, enquanto os rapazes presenciam mais situações de violência física de todos os tipos, embora apenas de forma estatisticamente significativa na violência mais grave), o que é coerente com a vivência de situações de violência enquanto agressor e vítima (embora estas em menor grau) anteriormente descritos (Quadro 2.2.1).

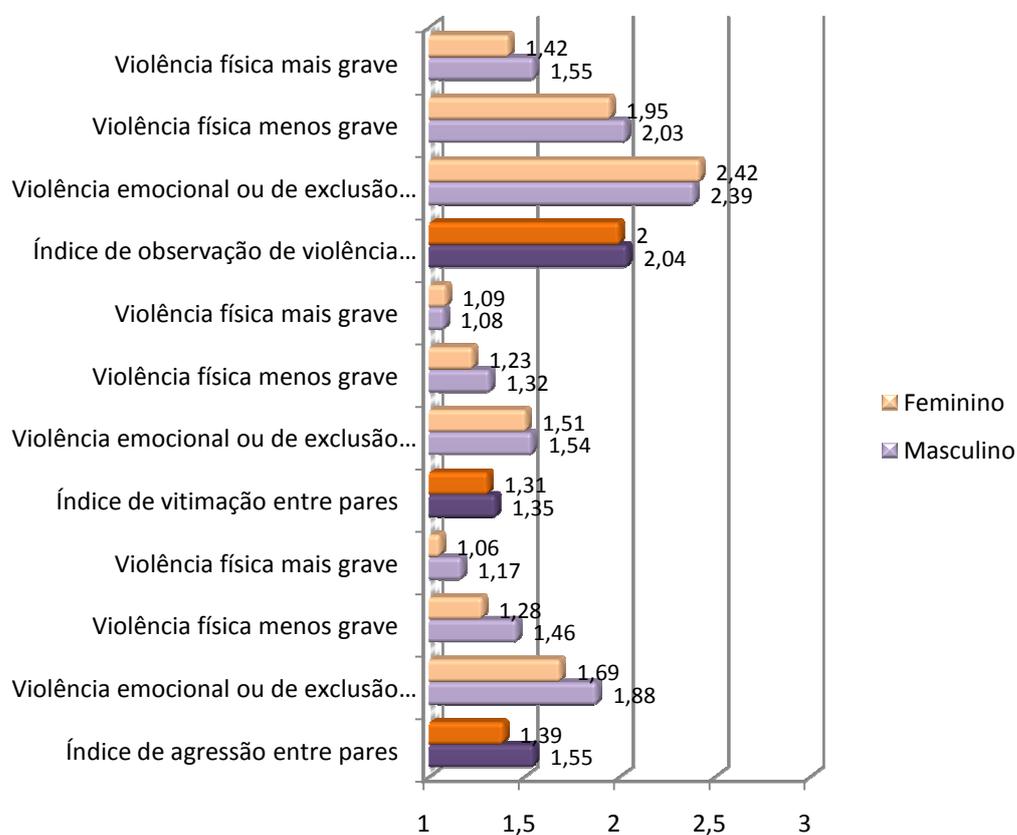
Globalmente as diversas formas de violência entre pares mostram uma clara acentuação de género, sendo os rapazes mais agressores que as raparigas, facto que contrasta com as situações de violência no namoro em que as raparigas são genericamente mais agressoras.

**Quadro 2.2.1 - Situações de violência entre pares segundo o género (médias\*)**

	Masculino		Feminino	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
<b>Índice de agressão entre pares</b>	<b>1,55*</b>	<b>0,465</b>	<b>1,39*</b>	<b>0,356</b>
Violência emocional ou de exclusão social	1,88*	0,650	1,69*	0,559
Violência física menos grave	1,46*	0,524	1,28*	0,394
Violência física mais grave	1,17*	0,349	1,06*	0,225
<b>Índice de vitimação entre pares</b>	<b>1,35</b>	<b>0,374</b>	<b>1,31</b>	<b>0,323</b>
Violência emocional ou de exclusão social	1,54	0,583	1,51	0,529
Violência física menos grave	1,32*	0,417	1,23*	0,339
Violência física mais grave	1,08	0,255	1,09	0,237
<b>Índice de observação de violência entre pares</b>	<b>2,04</b>	<b>0,741</b>	<b>2,00</b>	<b>0,694</b>
Violência emocional ou de exclusão social	2,39	0,880	2,42	0,868
Violência física menos grave	2,03	0,838	1,95	0,796
Violência física mais grave	1,55*	0,725	1,42*	0,626

\* Valores médios entre 1 (Nunca) e 4 (Muitas vezes). A diferença entre médias é significativa ao nível 0,05.

**Gráfico 2.2.1 – Situações de violência entre pares segundo o gênero (médias)\***



\* Valores médios entre 1 (Nunca) e 4 (Muitas vezes).  
A diferença entre médias é significativa ao nível 0,05.

### **2.3. Violência segundo a idade, repetência e tipo de ensino nas relações entre pares**

Tomaremos agora em consideração a forma como a idade, a repetência e o tipo de ensino interferem com a intervenção dos/as inquiridos/as nas situações de violência.

A primeira observação diz respeito à importância da idade e da repetência. Os dados mostram que, globalmente, nas situações de vitimação tanto a idade como a repetência constituem variáveis pouco discriminatórias relativamente à vivência de situações de violência, ou seja, a probabilidade de ser vitimizado/a é semelhante, independentemente da idade ou do facto de possuir um percurso escolar marcado pela repetência.

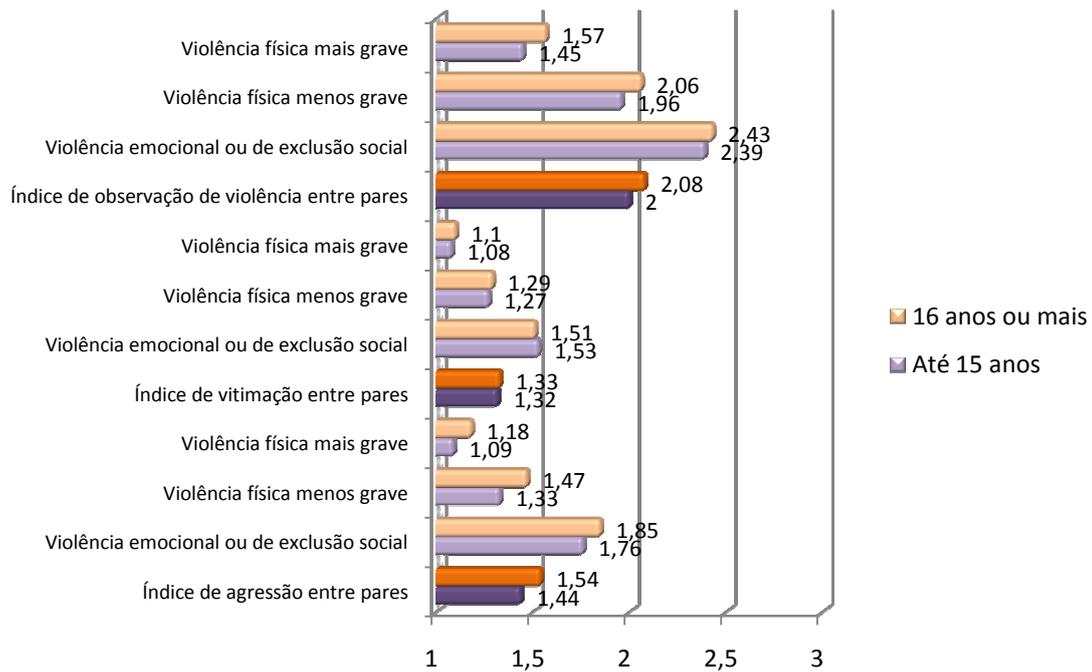
Esta constatação genérica possui alguns matizes pois no que respeita à vitimação segundo a idade podemos encontrar uma ligeira predominância dos/as alunos/as maiores de 16 anos nas situações de violência física (menos e mais grave), enquanto a situação se inverte no que respeita às formas de violência emocional e de exclusão social. A abordagem dos comportamentos de agressão mostra contudo uma situação mais definida, pois os/as alunos/as com 16 anos ou mais declaram mais comportamentos de agressão para todos os tipos de violência, sendo a diferença para o grupo até 15 anos estatisticamente significativa. Do ponto de vista da idade existe uma probabilidade semelhante de ambos os grupos presenciarem situações de violência (Gráfico 2.3.1).

A importância da variável repetência mostra igualmente um comportamento com sentidos diversos. Se não se encontram diferenças muito significativas do ponto de vista da existência de situações de vitimação entre o grupo dos/as que repetiram e o dos/as que não repetiram, quando abordamos as situações

declaradas de agressão verificamos a existência de uma diferença clara entre os dois grupos (Gráfico 2.3.2). É nos/as alunos/as com uma história de repetência no seu percurso escolar que encontramos maior percentagem de situações de agressão, sendo a diferença de médias, relativamente aos não repetentes, significativa para todos os tipos de violência. Situação semelhante se verifica para o presenciamento de situações de violência, já que os/as alunos/as que repetiram testemunharam mais os diversos tipos de violência.

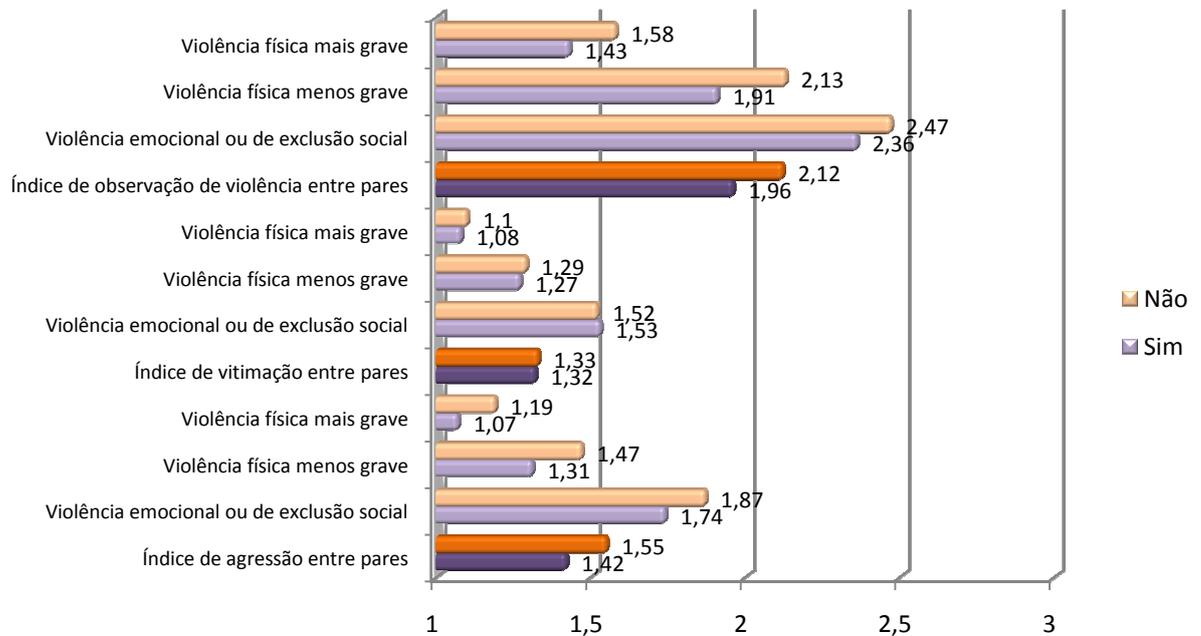
O impacto da variável tipo de ensino frequentado, olhado através da informação recolhida, merece uma análise distinta (Gráfico 2.3.3). É aqui que encontramos uma associação mais clara com as diversas formas de participação em situações de violência, já que são os/as alunos/as que frequentam os CEF/PIEF que declaram mais situações de vitimação, de agressão e de testemunho de situações de violência. Apesar do cuidado necessário com esta informação, como resultado da baixa percentagem de alunos que frequentam estes tipos de ensino, seria interessante compreender a razão desta sobre representação de situações de violência no quotidiano desses/as alunos/as. Insucesso escolar reiterado, situações de abandono e regresso pouco motivado à escola, comportamentos de reacção aos processos de estigmatização que em certos momentos afloraram nos contactos com as escolas, baixa auto-estima, poderão ser algumas das hipóteses a explorar para uma melhor compreensão destas situações.

**Gráfico 2.3.1 - Situações de violência entre pares segundo a idade (médias)\***



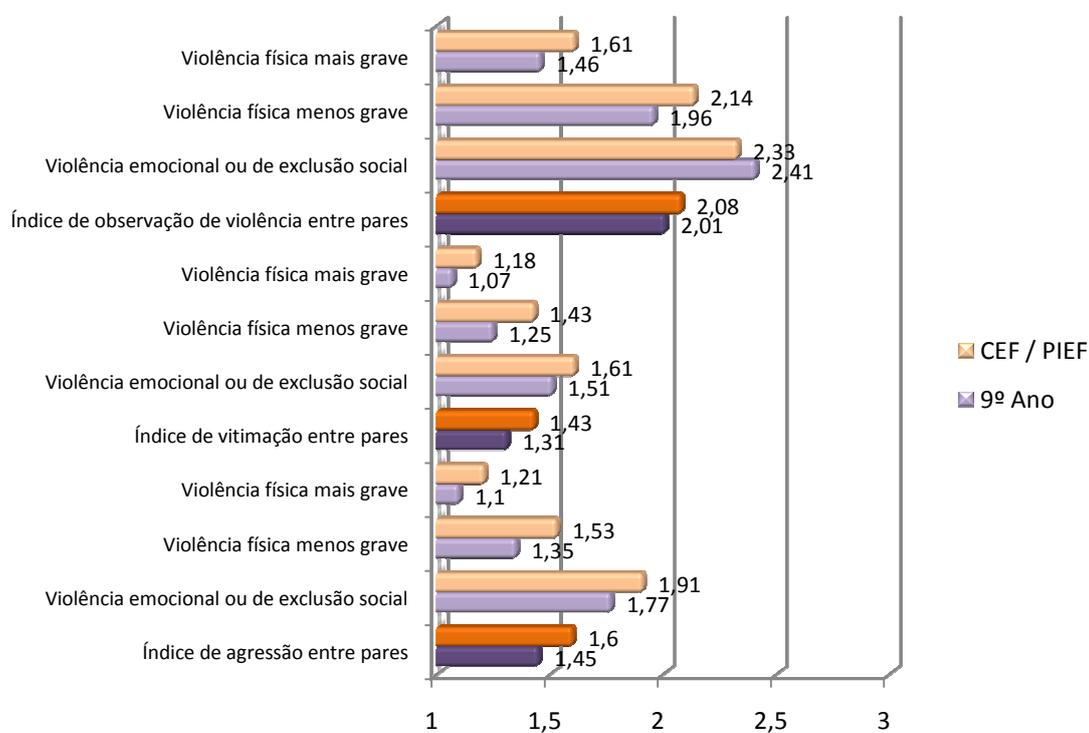
\* Valores médios entre 1 (Nunca) e 4 (Muitas vezes). A diferença entre médias é significativa ao nível 0,05.

**Gráfico 2.3.2 - Situações de violência entre pares segundo a variável “passou sempre de ano?” (médias)\***



\* Valores médios entre 1 (Nunca) e 4 (Muitas vezes). A diferença entre médias é significativa ao nível 0,05.

**Gráfico 2.3.3 - Situações de violência entre pares segundo o tipo de ensino (médias)\***



\* Valores médios entre 1 (Nunca) e 4 (Muitas vezes). A diferença entre médias é significativa ao nível 0,05.

## 2.4. A reacção às situações de agressão

A difusão das situações de violência entre pares anteriormente identificada coloca a questão de saber de que modos os/as adolescentes reagem a essas situações, por quem são apoiados/as, e de que forma o contexto institucional contribui para a limitação das ocorrências de violência.

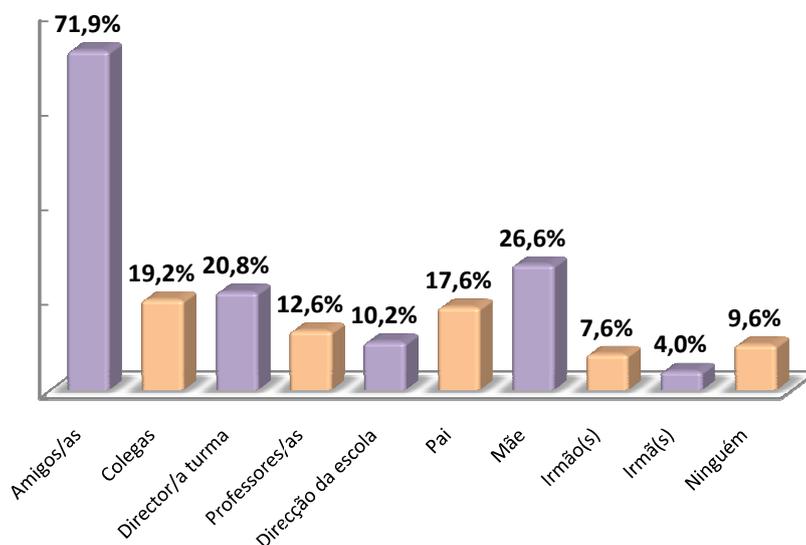
Quando inquiridos/as sobre a quem comunicam as situações de agressão verificamos que, à semelhança das situações de violência no namoro, é aos/às amigos/as que as vítimas mais recorrem como interlocutores/as (68,5%). Ao lado dos/as colegas a família surge igualmente como outro recurso central, sendo que nesse conjunto de apoios as mães se destacam claramente (35,7%). Os diversos elementos ligados à estrutura formal da escola (directores/as de turma, directores/as, professores/as) mantêm uma baixa percentagem de referências, embora tal não signifique necessariamente uma menor importância na resolução dos conflitos (Gráfico 2.4.1).

**Gráfico 2.4.1 - A quem costuma contar quando vítima de alguma forma de violência**



Num sentido semelhante ao anteriormente referido vai a intervenção de terceiros quando as vítimas são alvo de agressões. Mais uma vez são os/as amigos/as aqueles/as que com mais frequência agem para defender as vítimas, constituindo o principal elemento de defesa face à agressão, segundo 71,9% dos/as inquiridos/as. É importante assinalar neste caso algumas alterações, já que o papel dos agentes educativos (nomeadamente o/a director/a da escola e/ou o director/a de turma) cresce claramente (Gráfico 2.4.2), naturalmente porque são responsáveis pelo controlo e resolução dos conflitos no espaço escolar, nomeadamente dos que envolvem violência física. Deste ponto de vista é provável que o papel de mediador possua esta dupla dimensão, sendo desempenhado nas ocorrências mais graves pelos agentes educativos institucionais (directores/as, professores/as) e, nas situações de violência emocional e de exclusão social sejam exercidos exactamente pelos/as amigos/as, situações que frequentemente serão entendidas pelos adultos como desavenças temporárias e nas quais não consideram necessário intervir. Trata-se contudo de uma hipótese a testar noutra momento, embora já existam programas em diversas escolas nacionais e no estrangeiro que antecipam esta conclusão através da implementação de programas de mediação de conflitos pelos pares.

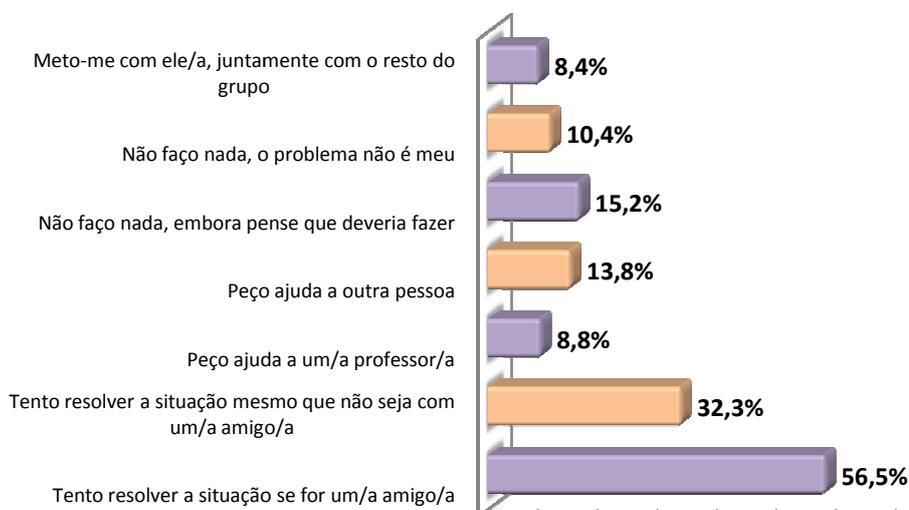
**Gráfico 2.4.2 - Quem intervém para ajudar quando é vítima de alguma forma de violência?**



Esta eventual divisão no processo de resolução de situações de conflitos compreende-se melhor quando analisamos as atitudes dos/as adolescentes e dos/as professores/as quando em presença de situações de violência (Gráfico 2.4.3).

Quando confrontados/as com uma situação de violência, encontrando-se portanto na situação de testemunha, 56,5% dos/as inquiridos/as referem que intervêm, desde que nela participe um/a amigo/a, contudo essa percentagem desce para 32,3% se essa condição não se verificar, o que mostra a importância das relações de amizade enquanto condição para a participação na resolução dos conflitos. Paralelamente podemos encontrar dois grupos, sendo o primeiro constituído por adolescentes que procuram uma solução através da procura de ajuda junto de outras pessoas (13,8%) ou de professores/as (8,8%); enquanto o segundo se afasta de qualquer intervenção seja porque receia agir (15,2%) ou que se fecha numa perspectiva insensível ou indiferente pois considera não ser da sua responsabilidade actuar já que o problema não é seu (10,4%). Por fim, ainda é possível encontrar um grupo claramente minoritário (8,4%) que contribui activamente para o desenvolvimento das situações de agressão.

**Gráfico 2.4.3 - Comportamento dos/as jovens perante situações de violência e exclusão**



Encontramos aqui informação significativa para qualquer processo de intervenção, pois a base de participação altruísta é condicionada pela existência de laços de afinidade, nomeadamente a amizade. Trata-se apesar de tudo de um quadro bastante positivo em que os indivíduos potencialmente renitentes a participar em processos de iniciação à prevenção dos comportamentos violento é significativamente reduzido.

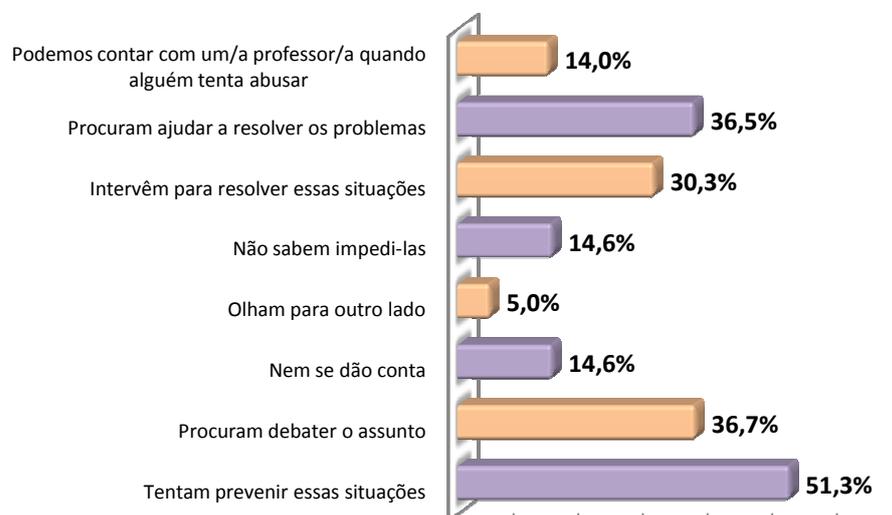
Um outro conjunto relevante de actores com intervenção nas situações de violência entre pares são os/as professores/as, mesmo que os conflitos não se tenham produzido originalmente dentro do espaço escolar. É interessante sublinhar o contraste entre a proactividade dos/as docentes, evidenciada pela forma como os/as adolescentes vêm a sua actuação (Quadro 2.4.1), e a informação anteriormente analisada sobre as pessoas a quem as vítimas recorrem em situação de agressão.

Um primeiro aspecto relevante é sem dúvida o facto de os/as adolescentes claramente não considerarem os/as professores/as como alheios ou indiferentes às situações de vitimação, afirmando que apenas 5% ignoram ostensivamente as situações de agressão, ou que 14,6% nem se apercebem dessas mesmas situações. Maioritariamente os/as docentes são vistos como empenhados/as na prevenção da violência (51,3%), intervindo directamente na sua resolução (30,3%), ajudando na procura de soluções (36,5%) ou promovendo o debate sobre as mesmas (36,7%). São portanto claramente vistos como interveniente activo na resolução das situações de violência, mesmo que os dados anteriores também indiquem que em certos momentos (e provavelmente certo tipo de problemas, como os do namoro) preferem a intervenção de outros/as não tão ligados à estrutura formal da escola.

**Quadro 2.4.1 - Comportamento dos/as professores/as perante situações de violência e exclusão**

	Nº	%
Tentam prevenir essas situações	257	51,3
Procuram debater o assunto	184	36,7
Nem se dão conta	73	14,6
Olham para outro lado	25	5,0
Não sabem impedi-las	73	14,6
Intervêm para resolver essas situações	152	30,3
Procuram ajudar a resolver os problemas	183	36,5
Podemos contar com um/a professor/a quando alguém tenta abusar	70	14,0

**Gráfico 2.4.4 - Comportamento dos/as professores/as perante situações de violência e exclusão**



## **2.5. A importância da relação entre o sistema de regras e a intervenção**

Uma outra dimensão relevante diz respeito à forma como os comportamentos violentos e as situações de vitimação são modificados pela acção das regras formais da escola. A ocorrência de comportamentos violentos entre alunos/as em contexto escolar tem vindo a ser alvo de crescente debate social e educativo nas últimas décadas, constituindo um dos elementos centrais desse debate a eficácia dos sistemas de regras formais da escola. É frequentemente criticada a perda de autoridade dos/as docentes como o elemento central que permite o desenvolvimento desses comportamentos, ficando normalmente para segundo plano a análise dos sistemas de regras formais e informais e os mecanismos de intervenção existentes nas escolas. Alguns estudos de carácter organizacional sobre violência na escola apontam exactamente para a forma como se articulam os sistemas de regras da escola com as práticas de intervenção dos diversos actores educativos enquanto um elemento chave para a compreensão do aparecimento e permanência desses comportamentos em meio escolar. Não constituindo esse o objectivo desta pesquisa, não deixam estes factores de possuir influência sobre os comportamentos violentos entre pares e no namoro que irrompem em contexto escolar. Procurámos assim apreender, embora de forma sumária e pouco aprofundada, até que ponto o conhecimento do regulamento interno das escolas pelos/as alunos/as afecta o aparecimento de comportamentos de agressão e vitimação, assim como as atitudes de docentes e alunos/as quando confrontados com situações de violência entre pares.

A influência do conhecimento do Regulamento Interno (R.I.) sobre os comportamentos de agressão e vitimação é interessante. Os/as alunos/As que conhecem o RI possuem médias de comportamentos de agressão mais baixas e estatisticamente significativas do que aqueles que o desconhecem. Aparentemente o RI parece ter um efeito moderador sobre os comportamentos de agressão, à excepção da agressão física mais grave, em que o seu conhecimento não parece desempenhar qualquer papel. Já para as situações

de vitimação esse efeito parece desaparecer pois ambos os grupos possuem médias semelhantes, excepto mais uma vez, para a agressão física mais grave, em que parecem ser os/as mais vitimizados/as aqueles/as que conhecem mais o RI.

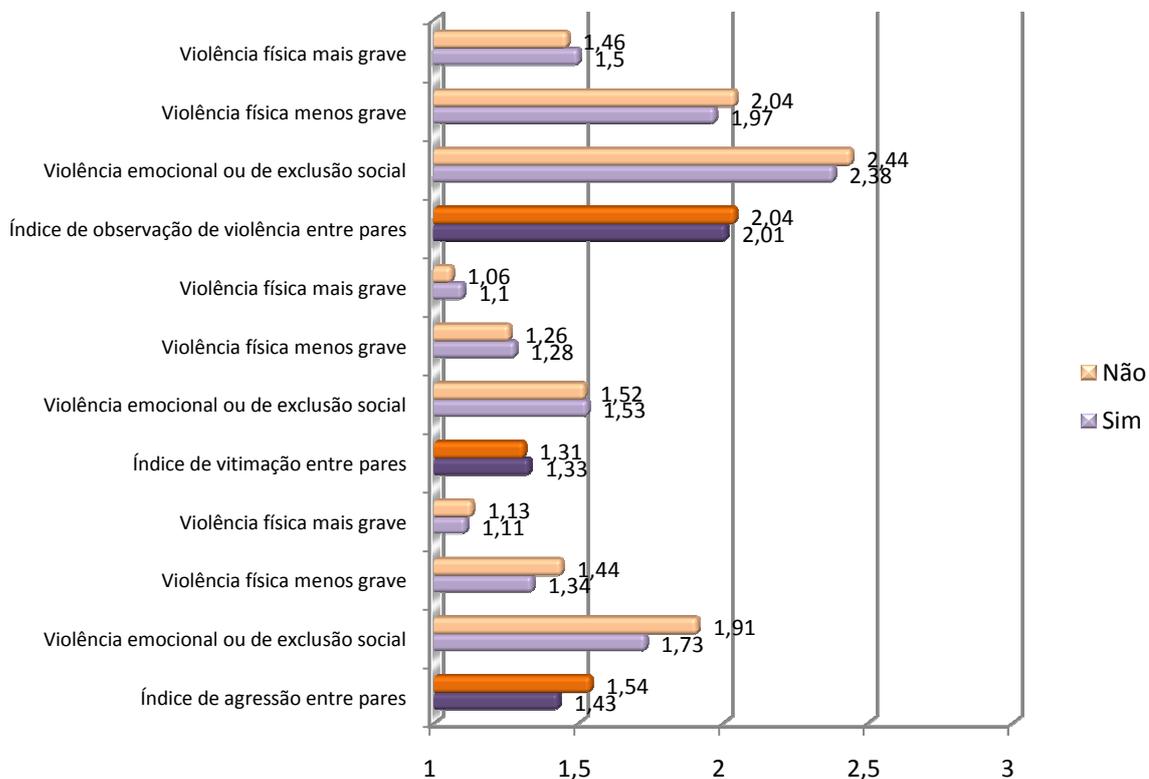
Já o presenciar de situações de violência parece ser bastante transversal, já que apesar seja ligeiramente superior para todos os tipos de violência (com excepção da agressão física mais grave) não existe um efeito diferenciador significativo do conhecimento do regulamento interno. Significativo o facto de as formas de violência física mais graves parecerem ser relativamente "imunes" ao sistema de regras da escola, pois não parecem ser afectadas pelo conhecimento que os/as adolescentes possuam do regulamento interno, embora esta conclusão necessite de ser considerada com algumas precauções, e posterior aprofundamento, devido ao reduzido número de situações de agressão mais graves, facto que pode facilmente enviesar as conclusões.

**Quadro 2.5.1 - Violência entre pares segundo a variável “conhece o regulamento interno?”\***

	Sim		Não	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Índice de agressão entre pares	1,43*	0,406	1,54*	0,446
Violência emocional ou de exclusão social	1,73*	0,590	1,91*	0,642
Violência física	1,34*	0,460	1,44*	0,496
Violência física mais grave	1,11	0,293	1,13	0,314
Índice de vitimação entre pares	1,33	0,356	1,31	0,338
Violência emocional ou de exclusão social	1,53	0,552	1,52	0,567
Violência física	1,28	0,395	1,26	0,360
Violência física mais grave	1,10*	0,277	1,06*	0,169
Índice de observação de violência entre pares	2,01	0,736	2,04	0,683
Violência emocional ou de exclusão social	2,38	0,881	2,44	0,860
Violência física	1,97	0,840	2,04	0,772
Violência física mais grave	1,50	0,700	1,46	0,643

\* Valores médios entre 1 (Nunca) e 4 (Muitas vezes). A diferença entre médias é significativa ao nível 0,05.

**Gráfico 2.5.1 - Violência entre pares segundo a variável “conhece o regulamento interno?”\***



\* Valores médios entre 1 (Nunca) e 4 (Muitas vezes). A diferença entre médias é significativa ao nível 0,05.

## Parte IV – Crenças e atitudes face à violência

### 1. Introdução

O modo como determinados grupos ou pessoas representam os/as outros/as é decisivo no risco de ocorrência de situações violentas. Por conseguinte, se o grupo ou pessoa em questão for representado como inferior ou adversário/a a probabilidade de ser vitimado/a aumenta substancialmente. Neste quadro o/a agressor/a poderá acreditar inclusive que o seu acto é inevitável e/ou justificável em virtude da relação negativa e assimétrica que estabelece *a priori* com a vítima. A violência sofrida por certos grupos, como por exemplo as mulheres, resulta muitas das vezes de estereótipos construídos em torno de características físicas ou biológicas, que podem levar os membros de outros grupos a justificar a violência que exercem associando-a a determinados valores em torno dos quais constroem a sua identidade, como sejam a honra, a auto-defesa ou a masculinidade, entre outros.

Uma das causas mais relevantes para a violência que é exercida contra determinados grupos prende-se precisamente com as diferenças de poder e estatuto inter-grupos, que os referidos estereótipos ajudam a legitimar e a perpetuar. No contexto deste estudo importa assim aprofundar o conhecimento sobre as crenças e atitudes sexistas e justificativas da violência mais disseminadas entre os/as adolescentes, de modo a delinear acções preventivas da violência que promovam eficazmente a construção da igualdade e da tolerância a partir da escola.

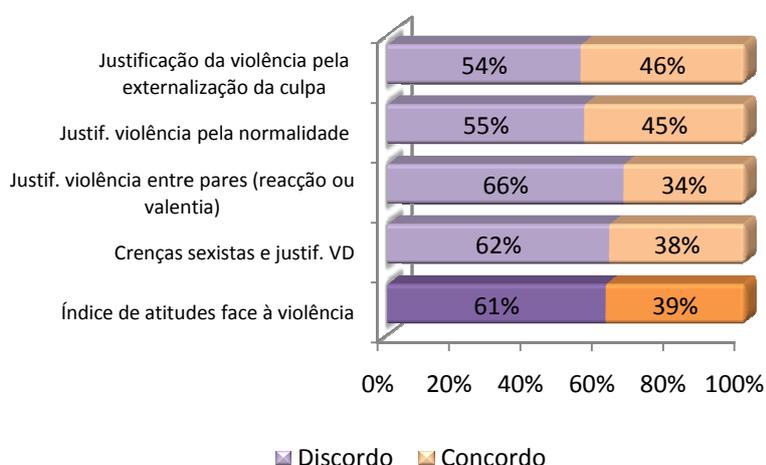
## 2. Como percebem os/as adolescentes a legitimidade dos comportamentos violentos

A maioria dos/as adolescentes que responderam ao questionário tem crenças e atitudes que não justificam nem legitimam a violência, independentemente dos motivos apresentados para o exercício da mesma. Verifica-se ainda assim uma adesão substancial a crenças e atitudes justificativas da violência, com especial relevância para as justificações pela sua normalidade e pela externalização da culpa. Por outro lado, é relativamente à justificação da violência entre pares como reacção e valentia que as crenças e atitudes dos/as adolescentes são mais discordantes (Quadro 2.1; Gráfico 2.1).

**Quadro 2.1 – Crenças e atitudes dos/as adolescentes face à violência**

	Discordo %	Concordo %
Índice de atitudes face à violência	61,4	38,6
Crenças sexistas e de justificação da violência doméstica	62,5	37,5
Justificação da violência entre pares como reacção ou valentia	66,5	33,5
Justificação da violência pela normalidade	54,6	45,4
Justificação da violência pela externalização da culpa	54,2	45,8

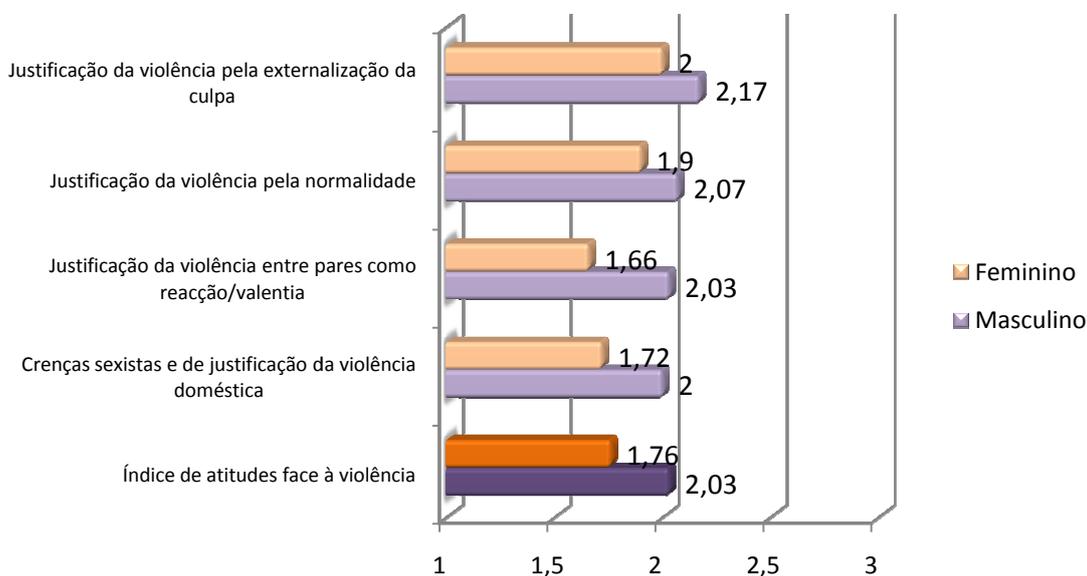
**Gráfico 2.1 – Crenças e atitudes dos/as adolescentes face à violência**



## 2.1. Crenças e atitudes face à violência segundo o género

De um modo geral as crenças e atitudes face à violência variam segundo o género, sendo que os adolescentes apresentam uma concordância significativamente maior do que as adolescentes em relação a todas as justificações da violência propostas (Gráfico 2.1.1). A referida assimetria é particularmente evidente nas crenças sexistas e de justificação da violência doméstica e, sobretudo, na justificação da violência entre pares como reacção e valentia. Este facto poderá associar-se, por um lado, ao processo de construção e afirmação de papéis de género que é típico da adolescência e, por outro, a quadros culturais em mudança que se caracterizam ainda, frequentemente, pela afirmação de determinados valores através da agressividade e da violência.

Gráfico 2.1.1 - Crenças e atitudes face à violência segundo o género

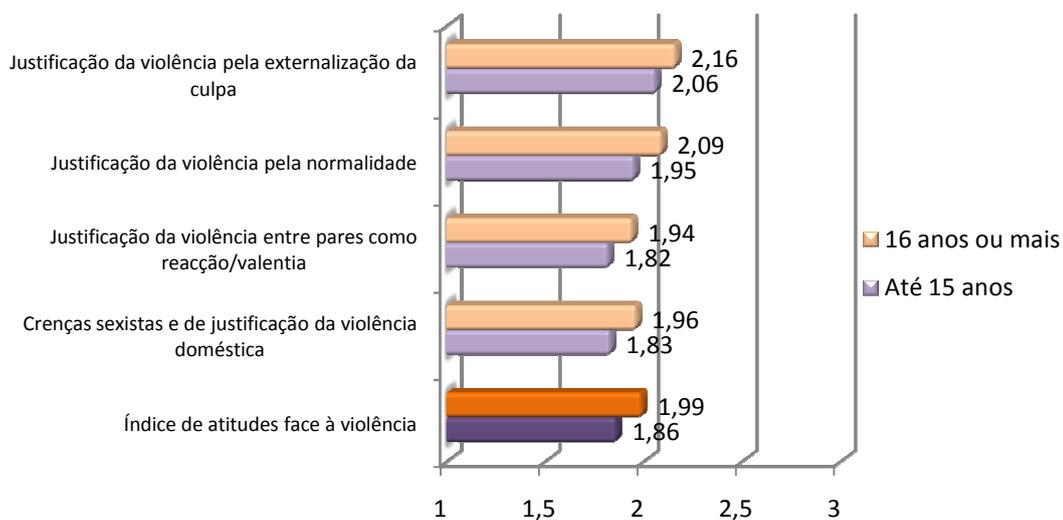


## **2.2. Crenças e atitudes face à violência segundo a idade, repetência e tipo de ensino**

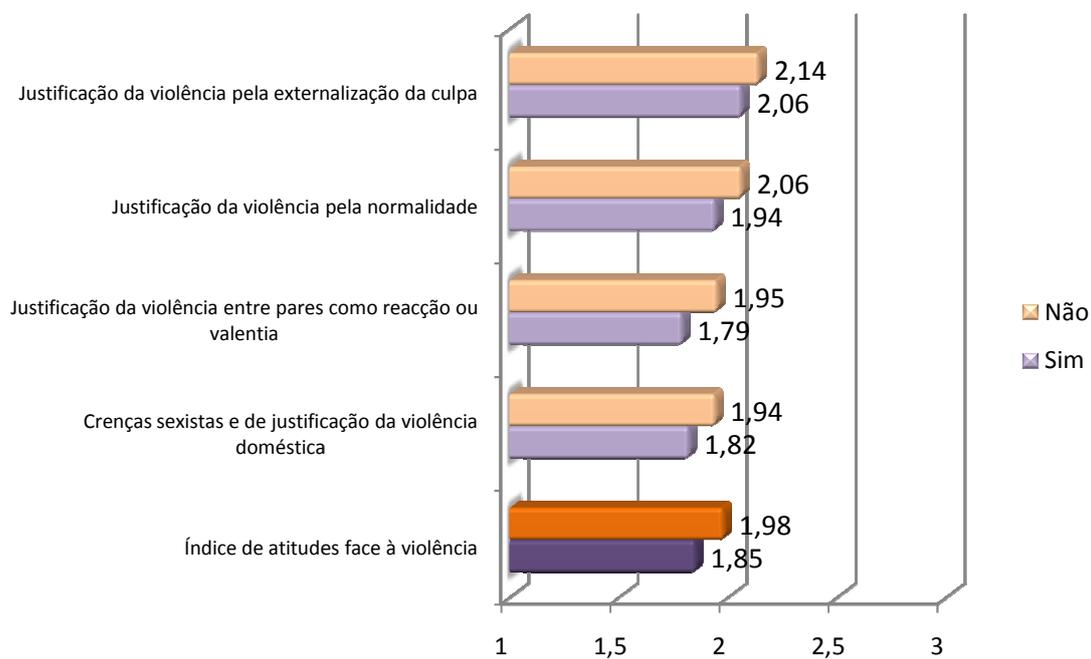
Olhando agora para a variação das crenças e atitudes justificativas da violência em função da idade, do percurso escolar e do tipo de ensino frequentado, constata-se a existência de diferenças significativas entre indivíduos dos diferentes grupos. Assim, os/as adolescentes com 16 anos ou mais, os/as que repetiram pelo menos um ano e ainda os/as que frequentam cursos CEF ou PIEF tendem a justificar mais a violência com base em determinadas crenças e atitudes do que os seus pares (Gráfico 2.3; Gráfico 2.4; Gráfico 2.5). Conforme foi salientado no ponto anterior, estas características socioeducativas aparecem normalmente inter-relacionadas na amostra de alunos/as em estudo, uma vez que é bastante provável que os/as mais velhos/as se encontrem em cursos CEF e contem com reprovações no respectivo percurso escolar, pelo que se observam resultados muito semelhantes quando analisamos a relação das crenças com cada um dos referidos factores. No entanto, trata-se aqui de um grupo de adolescentes cuja peculiaridade dos trajectos, já descrita em pormenor no ponto anterior, aconselha prudência na leitura desagregada dos dados e sugere a necessidade de análises autónomas, mais aprofundadas e comparativas tanto em relação aos/às colegas mais jovens como a outros indivíduos do mesmo grupo etário.

Uma vez que as origens sociais demonstraram fraca capacidade explicativa em relação às crenças e atitudes dos/as adolescentes face à violência, tal como se verificara aliás aquando da análise dos comportamentos violentos, coloca-se a possibilidade de que a violência e algumas das crenças que a legitimam sejam, pelo menos em parte, reactivas aos estigmas que acarreta a conjugação dos factores idade, repetência e tipo de ensino. Devidamente motivados/as e envolvidos/as, estes/as adolescentes poderão vir a ser actores muito relevantes em futuras estratégias de intervenção e prevenção, quer como grupo de controlo de resultados, quer como educadores/as de pares, para citar apenas dois exemplos.

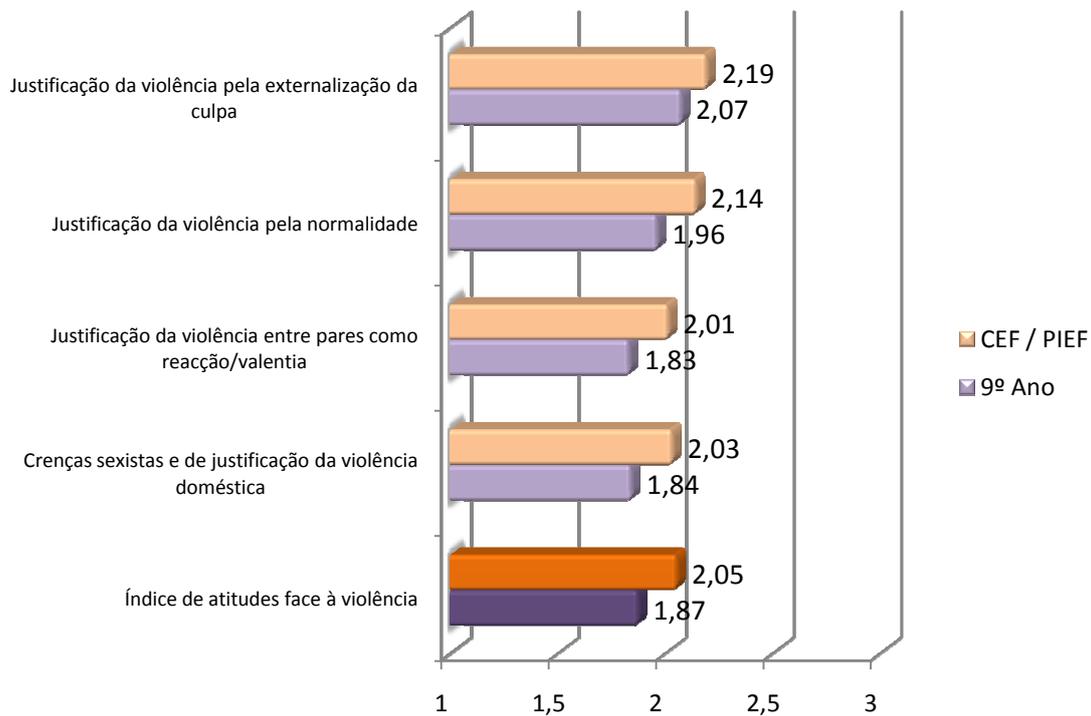
**Gráfico 2.2.1 - Crenças e atitudes face à violência segundo o escalão etário**



**Gráfico 2.2.2 - Crenças e atitudes face à violência segundo a variável “passou de ano?”**



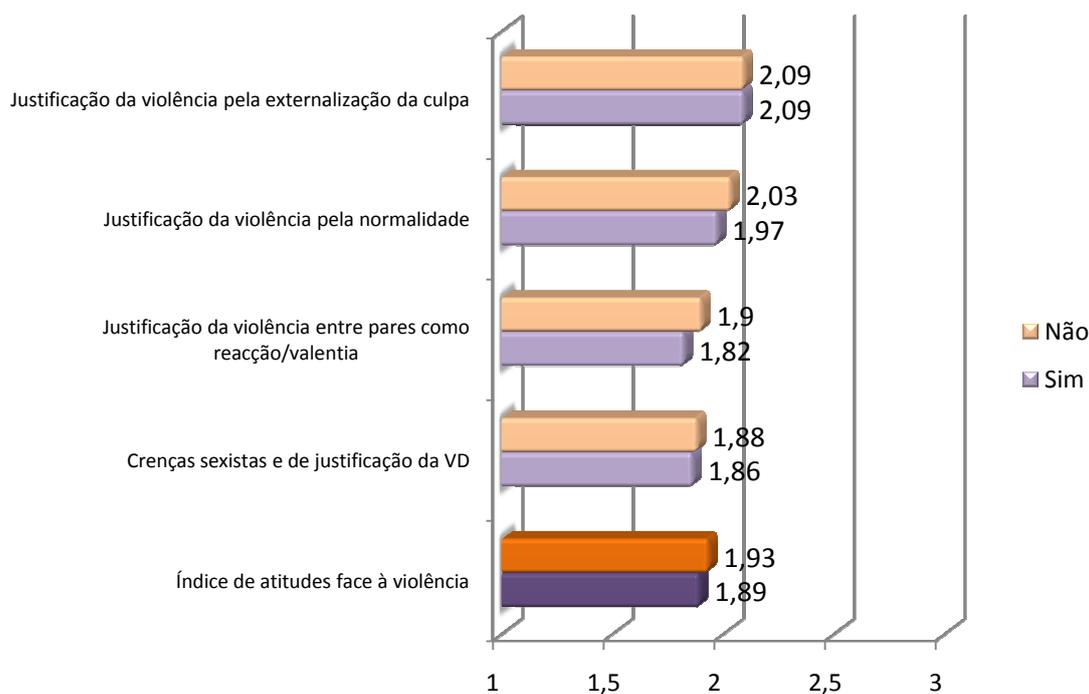
**Gráfico 2.2.3 - Crenças e atitudes face à violência segundo o tipo de ensino**



### 2.3. Crenças e atitudes segundo o conhecimento do Reg. Interno

Constatou-se também que algumas crenças e atitudes que justificam a violência tendem a variar de acordo com o maior ou menor conhecimento que os/as adolescentes têm das regras formais da escola, designadamente do Regulamento Interno. As diferenças são significativas em dois tipos de crenças: as que justificam a violência como reacção ou valentia em situações entre pares e as que a justificam pela sua normalidade. No primeiro caso o indicador foi especialmente concebido para avaliar crenças e atitudes sobre situações de violência na escola entre alunos/as, pelo que era de esperar uma relação inversamente proporcional entre a legitimação da violência e o conhecimento das regras da escola, como veio a verificar-se; No caso das crenças e atitudes que justificam a violência pela sua normalidade era igualmente esperado que a concordância dos/as adolescentes diminuísse mediante o maior conhecimento do Regulamento, uma vez que o documento advoga precisamente a violência como um facto censurável, logo não normal.

**Gráfico 2.3.1 – Crenças e atitudes face à violência segundo a variável “conhece o regulamento interno?”**



### **3. Atitudes face à violência física de género**

Quando questionados se acham correcto que em determinadas circunstâncias um homem bata numa mulher ou, ao invés, que uma mulher bata num homem por diversos motivos, os inquiridos fornecem um conjunto de respostas que denotam atitudes diferenciadas face à violência física de género (Quadro 3.1; Gráfico 3.1; Quadro 3.2; Gráfico 3.2). Perante a possibilidade de agredir alguém apenas por se tratar do/a respectivo/a companheiro/a, ou pelo facto de ter feito algo para irritar o/a agressor/a, os/as adolescentes respondem na sua esmagadora maioria que tal não é correcto. Porém, nota-se uma ligeira diferença conforme a violência seja exercida por homens ou por mulheres, visto que se for uma mulher a exercê-la verifica-se uma atitude mais tolerante por parte de quase 6% dos inquiridos ao passo que se for um homem esta tolerância desce para metade.

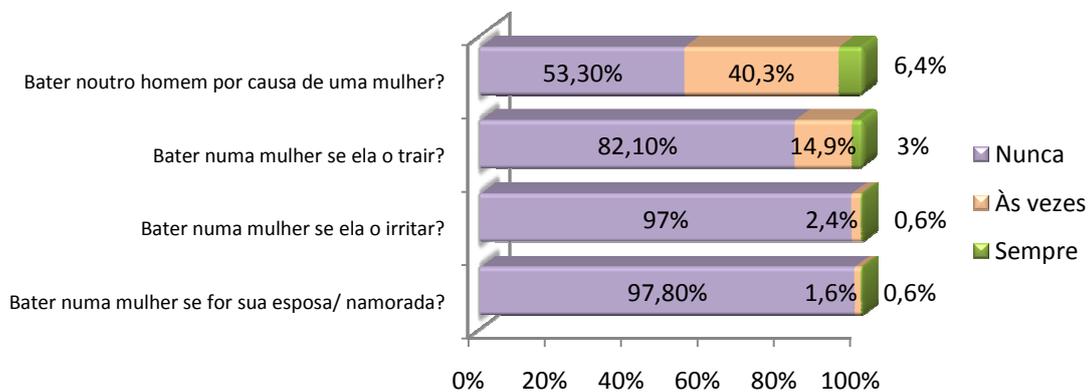
Quando a questão remete para a infidelidade afectiva ou, de um modo mais vago, para a possibilidade de se agredir alguém por causa de outro homem ou mulher, a admissão dessa agressão como correcta aumenta substancialmente. Embora a referência aos actos de irritar e trair, que neste caso se cruzam com o género, justifique a violência pela externalização da culpa em ambos os casos, a traição é percebida pelos/as adolescentes como um motivo mais válido para eventuais agressões, sobretudo se as mesmas forem perpetradas por mulheres, situação que merece a anuência de 27,5% dos inquiridos.

Se a agressão ocorrer por causa de outro homem ou mulher em sentido genérico (presumivelmente em defesa ou em disputa), inverte-se a tendência de maior legitimação da violência exercida por mulheres que se observou na situação anterior, uma vez que neste caso se for um homem a perpetrar a agressão quase 50% dos inquiridos tendem a concordar, ao passo que se for uma mulher apenas 35% o fazem.

**Quadro 3.1 - Atitudes face à violência física de homens sobre mulheres  
(Achas correcto um homem)**

	Sempre	Às vezes	Nunca
	%	%	%
Bater numa mulher se for sua esposa/ namorada?	0,6	1,6	97,8
Bater numa mulher se ela o irritar?	0,6	2,4	97,0
Bater numa mulher se ela o trair?	3,0	14,9	82,1
Bater noutro homem por causa de uma mulher?	6,4	40,3	53,3

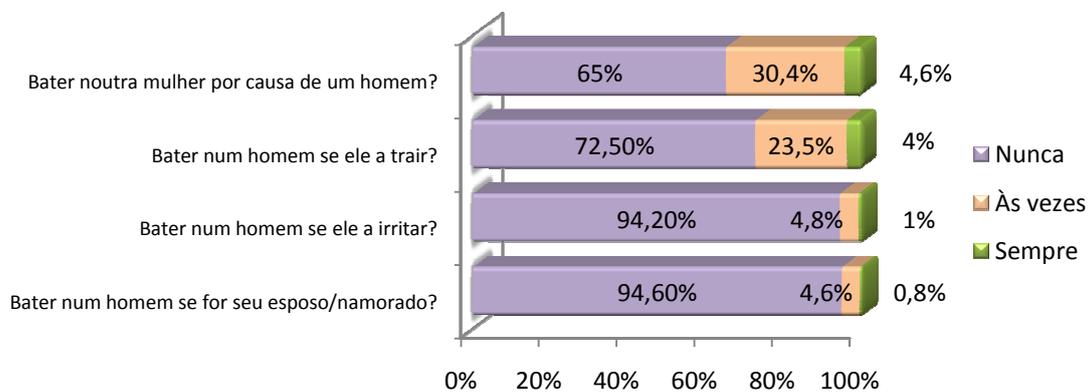
**Gráfico 3.1 - Atitudes face à violência física de homens sobre mulheres  
(Achas correcto um homem)**



**Quadro 3.2 - Atitudes face à violência física de mulheres sobre homens  
(Achas correcto uma mulher)**

	Sempre	Às vezes	Nunca
	%	%	%
Bater num homem se for seu esposo/ namorado?	0,8	4,6	94,6
Bater num homem se ele a irritar?	1,0	4,8	94,2
Bater num homem se ele a trair?	4,0	23,5	72,5
Bater noutra mulher por causa de um homem?	4,6	30,4	65,0

**Gráfico 3.2 - Atitudes face à violência física de mulheres sobre homens  
(Achas correcto uma mulher)**



### 3.1. Atitudes face à violência física de género segundo o género

A análise por género contrasta com os resultados gerais da amostra no que respeita a atitudes face à violência de género. Tal como se verificara na análise das crenças e atitudes, a conclusão geral é que os adolescentes apresentam sempre atitudes de maior tolerância e legitimação das condutas violentas e neste caso da violência física de género (Quadro 3.1.1; Quadro 3.1.2).

Nos casos em que as eventuais agressões físicas se justifiquem pela ocorrência de traições ou devido à interferência de outro homem ou mulher, os valores de resposta de ambos os sexos tendem a ser menos discrepantes, ainda que as adolescentes continuem a considerar o exercício da violência menos correcto do que os seus pares do sexo masculino. Poderemos encontrar-nos aqui perante um gradual esbatimento dos papéis de género, embora as crenças sexistas baseadas na posse e no exercício do poder permaneçam mais masculinizadas.

**Quadro 3.1.1 - Atitudes face à violência física de homens sobre mulheres segundo o género (Achas correcto um homem)**

		Masculino		Feminino	
		% Linha	% Coluna	% Linha	% Coluna
Bater numa mulher se for sua esposa/ namorada	Sempre	66,7	0,8	33,3	0,4
	Às vezes	87,5	2,8	12,5	0,4
	Nunca	50,2	96,4	49,8	99,2
Bater numa mulher se ela o irritar	Sempre	66,7	0,8	33,3	0,4
	Às vezes	66,7	3,2	33,3	1,6
	Nunca	50,4	96,0	49,6	98,0
Bater numa mulher se ela o trair	Sempre	66,7	4,0	33,3	2,0
	Às vezes	71,6	20,9	28,4	8,6
	Nunca	46,6	75,1	53,4	89,3
Bater noutro homem por causa de uma mulher	Sempre	87,5	11,1	12,5	1,6
	Às vezes	60,0	47,4	40,0	32,8
	Nunca	39,6	41,5	60,4	65,6

**Quadro 3.1.2 - Atitudes face à violência física de mulheres sobre homens segundo o género (Achas correcto uma mulher)**

		Masculino		Feminino	
		% Linha	% Coluna	% Linha	% Coluna
Bater num homem se for seu esposo/namorado	Sempre	50,0	0,8	50,0	0,8
	Às vezes	56,5	5,1	43,5	4,1
	Nunca	50,6	94,1	49,4	95,1
Bater num homem se ele a irritar	Sempre	40,0	0,8	60,0	1,2
	Às vezes	54,2	5,1	45,8	4,5
	Nunca	50,9	94,1	49,1	94,3
Bater num homem se ele a trair	Sempre	40,0	3,2	60,0	4,9
	Às vezes	58,1	26,9	41,9	20,1
	Nunca	49,2	70,0	50,8	75,0
Bater noutra mulher por causa de um homem	Sempre	60,9	5,5	39,1	3,7
	Às vezes	60,3	36,0	39,7	24,6
	Nunca	45,8	58,5	54,2	71,7

#### **4. Relação entre as crenças e atitudes face à violência e as práticas de violência no namoro e entre pares**

Como se pode concluir da análise ao Quadro 4.1, as crenças e atitudes que legitimam e justificam a violência correlacionam-se de forma significativa com as situações de agressão entre adolescentes. Esta relação é particularmente forte entre as crenças que justificam a violência como reacção ou valentia e os diversos tipos de agressão entre pares, o que corresponde ao resultado esperado uma vez que o referido conjunto de crenças remete directamente para situações de violência entre pares. Ainda que menos intensa, verifica-se também uma relação entre esse tipo de crenças e as práticas de agressão no namoro, o que pode significar de algum modo a transposição de atitudes e comportamentos do grupo de pares para as relações de namoro em contextos de socialização semelhantes.

O conjunto de crenças sexistas e de justificação da violência doméstica, bem como a justificação da violência pela sua normalidade, também se relacionam com a tendência dos/as adolescentes para a agressão, tanto no namoro como entre pares. Já as crenças que justificam a violência pela externalização da culpa apresentam correlações relativamente fracas com as práticas agressivas, indiciando uma certa transversalidade desse tipo de crença face às demais.

Do ponto de vista das vítimas apenas há a destacar a relação entre as crenças sexistas e de justificação da violência doméstica e as situações de violência física entre pares. Como seria de prever, o papel de agressor está muito mais relacionado com as crenças justificativas da violência do que o papel de vítima.

**Quadro 4.1 - Correlações entre crenças e atitudes face à violência e práticas de violência**

**(Coeficientes de correlação Pearson)**

	<b>Crenças sexistas e de justificação da violência doméstica</b>	<b>Justificação da violência entre pares como reacção ou valentia</b>	<b>Justificação da violência pela normalidade</b>	<b>Justificação da violência pela externalização da culpa</b>
<b>Agressão no namoro</b>				
Violência emocional e de exclusão social	0,186*	0,189*	0,204*	0,124*
	Sig. 0,000	Sig. 0,000	Sig. 0,000	Sig. 0,004
Violência física	0,150*	0,141*	0,171*	0,086*
	Sig. 0,001	Sig. 0,002	Sig. 0,000	Sig. 0,022
Violência física mais grave	0,158*	0,167*	0,133*	0,081
	Sig. 0,001	Sig. 0,000	Sig. 0,002	Sig. 0,027
<b>Vitimação no namoro</b>				
Violência emocional e de exclusão social	0,044	0,007	0,094*	0,010
	Sig. 0,096	Sig. 0,221	Sig. 0,016	Sig. 0,211
Violência física	0,061	0,087*	0,096*	0,009
	Sig. 0,057	Sig. 0,021	Sig. 0,015	Sig. 0,214
Violência física mais grave	-0,002	-0,004	0,010	-0,037
	Sig. 0,243	Sig. 0,236	Sig. 0,209	Sig. 0,116
<b>Agressão entre pares</b>				
Violência emocional e de exclusão social	0,155*	0,328*	0,170*	0,069
	Sig.0,001	Sig.0,000	Sig.0,000	Sig.0,126
Violência física	0,252*	0,389*	0,225*	0,101*
	Sig.0,000	Sig.0,000	Sig.0,000	Sig.0,024
Violência física mais grave	0,237*	0,301*	0,177*	0,105*
	Sig.0,000	Sig.0,000	Sig.0,000	Sig.0,019
<b>Vitimação entre pares</b>				
Violência emocional e de exclusão social	0,020	-0,015	0,024	-0,035
	Sig.0,663	Sig.0,736	Sig.0,592	Sig.0,430
Violência física	0,154*	0,118*	0,089*	0,062
	Sig.0,001	Sig.0,008	Sig.0,047	Sig.0,164
Violência física mais grave	0,076	0,041	0,021	-0,008
	Sig.0,092	Sig.0,357	Sig.0,643	Sig.0,860

\*Correlação significativa ao nível 0,05

## **Parte V – Intervenção e prevenção**

### **1. Contributos dos/as jovens para fazer face à violência**

Constituindo um dos objectivos deste trabalho a abordagem das experiências de prevenção das situações de violência, considerámos relevante solicitar aos/às jovens alguns contributos acerca das formas possíveis de o concretizar.

Quando questionados sobre as formas de enfrentar a violência (entendida em sentido geral) os adolescentes formulam um conjunto de sugestões que podemos genericamente agregar em duas grandes categorias, uma em torno de medidas repressivas, a outra centrada em acções de carácter educativo e de suporte às vítimas. Na primeira categoria encontramos sugestões relacionadas com o aumento da vigilância e da segurança associadas à implementação de formas de penalização e à responsabilização individual dos agressores, representando cerca de 40% das sugestões realizadas. No segundo caso existe um conjunto mais disperso de propostas, umas mais centradas na informação e no diálogo em contexto escolar, outras mais preocupadas com a criação de mecanismos de apoio às vítimas, representando este conjunto de sugestões cerca de 38% das respostas recolhidas. Um terceiro grupo de respostas evidencia ainda a existência de um significativo desconhecimento ou ausência de reflexão acerca do tema, já que quase 22% dos adolescentes não emitem qualquer opinião, neste caso sobre um assunto que se encontra presente e afecta o seu quotidiano.

**Quadro 1.1 - Sugestões dos/as adolescentes para fazer face à violência**

	N	%
Mais vigilância/segurança	149	24,87
Penalização	74	12,35
Sensibilização e prevenção	65	10,85
Diálogo na escola	47	7,85
Resolução pacífica	39	6,51
Apoio/atendimento às vítimas	32	5,34
Denúncia pelas vítimas	19	3,17
Inevitabilidade	19	3,17
Responsabilização individual	18	3,01
Defesa da escola	8	1,34
Não sabe	58	9,68
Não responde	39	6,51
Outras sugestões	32	5,34

Trata-se contudo de uma informação relevante quando se pensa delinear um programa de prevenção, pois estas respostas indiciam posicionamentos diferentes face aos comportamentos violentos, constituindo sem dúvida um ponto de partida para a reflexão sobre as causas, mas igualmente sobre as medidas a tomar.

## **2. Programas de intervenção em violência no namoro**

O surgimento e desenvolvimento de programas de prevenção da violência no namoro encontram-se relacionados no tempo ao desenvolvimento de linhas de investigação sobre o tema e ao aumento da preocupação social resultante da sua maior visibilidade. Este interesse está em boa parte associado aos programas de acção sobre violência sobre as mulheres, violência doméstica e/ou conjugal, cujos programas de intervenção e prevenção realçaram a necessidade de desenvolver essa mesma prevenção a partir de idades mais precoces. A pesquisa desenvolvida durante as décadas de 1990 e 2000 veio mostrar uma realidade até aí oculta, expondo a violência no namoro entre adolescentes como uma realidade recorrente e suficientemente grave para ser merecedora de programas específicos de intervenção.

Podemos identificar na expansão desses programas uma primeira fase em que a intervenção e prevenção se basearam na disponibilização de informação aos/às adolescentes sobre as consequências da violência no namoro como estratégia para a prevenção. As conclusões gerais desses programas mostravam que esse processo possuía virtualidades reais, levando os/as adolescentes a questionarem-se sobre os comportamentos violentos, contudo possuíam efeitos limitados na modificação duradoura dos comportamentos e crenças sobre a violência. A compreensão destas limitações levou ao desenvolvimento progressivo de novas abordagens, agora com carácter multidimensional, em que aos processos de informação vieram então juntar-se outras formas de intervenção mais centradas no desenvolvimento de competências. Passaram assim a ser abordados por esses programas temáticas como a resolução de conflitos, o treino de competências sociais, a recriação de actividades desenvolvidas em períodos não escolares. Outras técnicas capazes de proporcionar processos de interacção em que os adolescentes expunham e colocavam em causa as suas concepções sobre as relações interpessoais e os comportamentos violentos passaram também a ser utilizadas, nomeadamente o jogo dramático e as situações de simulação de

papéis (role-play). Temas como a desvalorização da pequena violência nas relações de namoro, a reciprocidade nos comportamentos e atitudes entre sexos, ou a discussão da culpa das vítimas na gênese das situações de agressão foram utilizados para questionar alguns dos principais estereótipos existentes nas relações de gênero.

Uma conclusão transversal às poucas sínteses destes programas diz respeito à fraca existência de processos de avaliação dos impactos a médio ou longo prazo (quando não mesmo a curto prazo).

Procuraremos em seguida apresentar de forma necessariamente sucinta alguns desses programas internacionais e nacionais, realçando as suas características mais significativas.

## 2.1. Programa Quatro R (de Relacionamentos)

### *The Fourth R: Relationship Based Violence Prevention*

Programa de prevenção centrado nas escolas desenvolvido pela University of Western Ontario/Canadá cujo objectivo é prevenir as diversas formas de violência com adolescentes existentes em espaço escolar e comunitário, nomeadamente *bullying*, violência no namoro, violência entre pares e violência de grupo. Desenvolve a sua actividade baseada numa concepção inclusiva de prevenção, dirigindo-se a todos os estudantes e não apenas a vítimas ou agressores, e procurando assim evitar os factores de estigmatização resultantes da definição de aluno de risco e o desenvolvimento de situações de exclusão.

O Programa 4R possui como elemento central um currículo que é ensinado nas escolas paralelamente às áreas de conhecimento tradicionais, baseado no pressuposto que o conhecimento e as competências sobre os relacionamentos sociais podem ser ensinados. A sua actividade centra-se na discussão dos objectivos e dificuldades das relações entre adolescentes, questionando os elementos que condicionam as decisões relacionais e ajudando-os a desenvolver competências que lhes permitam construir relações positivas e reduzir os factores de risco. Temas críticos como o uso de substâncias psicotrópicas, relações sexuais, *bullying* e violência são abordados tomando em consideração factores como a pressão dos pares, a exploração mediática, entre outros. Do ponto de vista da estratégia de participação, esta é dirigida à comunidade escolar em sentido amplo, envolvendo alunos, professores, pais e restante comunidade, criando eixos de participação interligados.

Em Portugal o Programa 4R foi testado experimentalmente na região norte pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima durante o ano lectivo de 2008/2009, junto de jovens de seis turmas do 9.º ano na disciplina de Área de Projecto, em

colaboração com a Universidade do Minho (Projecto APAV 4D – Prevenção Integrada em Contexto Escolar).

Tendo como objectivo geral a prevenção universal de comportamentos de risco e a promoção de comportamentos saudáveis, o programa inclui 4 módulos que consistem na prevenção do consumo de drogas, dos comportamentos sexuais de risco, da violência entre pares e a promoção da igualdade de género. As sessões que o compõem são conduzidas por professores que recebem formação especializada. Apesar de o programa decorrer em contexto escolar, procura envolver também outros elementos da comunidade, promovendo a proximidade entre os adolescentes e o seu meio envolvente, maximizando os recursos disponíveis e possibilitando a aplicação das novas aprendizagens em contextos diversificados. As principais áreas de acção do 4D incluem a clarificação de valores, o fornecimento de informação, a tomada de decisão e uma forte componente de desenvolvimento de competências. Outro nível de acção consiste no desenvolvimento de competências comportamentais, tais como a assertividade, comunicação e estratégias de resolução de problemas, garantindo oportunidades para as treinar através do recurso ao *role-play* (jogo de papéis). O programa APAV 4D prevê dois níveis de avaliação. O primeiro pretende identificar eventuais mudanças ao nível do conhecimento, atitudes e intenção de comportamento dos jovens e o segundo nível visa uma avaliação comportamental e ao vivo da aquisição de competências por parte dos participantes.

## **2.2. The White Ribbon Campaign (WRC)**

### Programa Laço Branco

Programa internacional iniciado em 1991 no Canadá com o objectivo de alertar os homens e implicá-los na prevenção da violência sobre as mulheres, estendeu-se hoje a cerca de 55 países através de organizações locais de diversos tipos e estratégias de intervenção. Baseado na ideia de que usar um laço branco constitui um compromisso pessoal para nunca cometer, desculpar ou permanecer calado acerca da violência sobre as mulheres.

No Canadá é um programa de homens dirigido a crianças e jovens, levando-os a discutir as suas crenças, linguagem e acções, debatendo os problemas mais generalizados como a violência física contra as esposas e namoradas (de bater até ao assassínio), a violência sexual (geralmente cometida por um namorado, marido, adulto próximo ou membro da família), ou diversas formas de abuso emocional (comportamento de controlo, assédio sexual no trabalho ou na rua, perseguição, etc.).

Em Portugal o Programa Laço Branco tem sido levado à prática a partir da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESenfC) desde 2007, e, por essa razão, possui uma dupla vertente de formação nos valores da igualdade e cidadania, considerando o seu impacto no exercício profissional dos futuros enfermeiros paralelamente ao desenvolvimento de uma actividade de ligação da Escola à comunidade.

O projecto procura informar, sensibilizar e educar jovens das escolas secundárias da região através dos seus pares, para prevenirem e combaterem a violência nas relações de intimidade, nomeadamente sobre as mulheres. O projecto baseia-se na promoção da consciência crítica dos jovens e tem como

objectivo o desenvolvimento de capacidades para lidar com a violência, utilizando para isso uma estratégia de intervenção baseada na metodologia de Paulo Freire e nas técnicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Trata-se de um programa de formação continuada em que os alunos da ESenfC são formadores dos estudantes do ensino secundário, sendo a educação pelos pares o elemento nuclear de todo o projecto. Um exemplo da difusão desta metodologia é a realização do PEER - Escola de Verão em Educação pelos Pares, destinado a profissionais de saúde e de educação; de ong's; a dinamizadores de grupos de jovens e estudantes do ensino superior.

### **2.3. Projecto Direitos & Desafios / Programa Progride**

Espaço trevo - Prevenção da violência doméstica em contexto escolar

Iniciativa da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, no âmbito do III Plano Nacional contra a violência doméstica (2007-2010), com o objectivo de implementar um programa municipal de prevenção e combate à violência doméstica, tendo sido criado um gabinete de apoio às vítimas designado Espaço Trevo. A acção deste gabinete desenvolve-se em duas vertentes:

- Remediativa: através de apoio social, psicológico, jurídico e terapia de casal;
  
- Preventiva (Universal e Primária):
  - Campanhas de sensibilização junto da comunidade;
  - Prevenção em contexto escolar através da metodologia do Teatro – Fórum;

Inicialmente apenas dirigido para a violência doméstica concluiu-se durante a implementação do programa, devido à elevada procura registada no gabinete de apoio, pela necessidade de desenvolver programas de prevenção dirigidos aos jovens. Através de um convénio com a Associação pelo Prazer de Viver, desenvolveu-se uma acção de prevenção universal dirigida aos alunos do 9º ano, utilizando como estratégia de intervenção a metodologia do Teatro-Forúm, que surge como uma das principais técnicas disponíveis do Teatro do Oprimido de Augusto Boal.

O objectivo das sessões do Teatro-Forúm é o de promover factores protectores através do desenvolvimento de competências sociais pelos/as adolescentes para lidar com situações de risco. A noção de “*espect-actor*” utilizada, que se refere à possibilidade de uma mesma pessoa alternar entre fases de

espectador da acção e actor dessa mesma acção, constitui uma estratégia com base na reflexão-acção e *role-taking*. Esta modalidade de intervenção baseia a aquisição de competências no “fazer” e não no “falar sobre”, promovendo a experimentação através da participação activa na alteração de determinadas situações no sentido de reconstruir as relações baseadas na dominação e na violência, proporcionando assim a possibilidade de os/as adolescentes experienciarem soluções alternativas para esses problemas. Estas situações são seguidas de debate e discussão procurando-se desta forma aprofundar a compreensão das relações violentas e reforçar competências sociais positivas.

## **2.4. Referências dos Programas**

### **Programa Quatro R (de Relacionamentos)**

The Fourth R: Relationship Based Violence Prevention

- <http://www.youthrelationships.org/>
- [http://www.apav.pt/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=140:apav-4d&catid=51:noticias-apav&Itemid=1](http://www.apav.pt/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=140:apav-4d&catid=51:noticias-apav&Itemid=1)

### **Projecto Direitos & Desafios**

- <http://www.direitosedesafios.com/mnu12845.php>

### **The White Ribbon Campaign (WRC) - Programa Laço Branco**

- <http://www.whiteribbon.ca/>
- [http://www.esenfc.pt/esenfc/projectos/index.php?target=showContent&tipo=APS&id\\_projecto=40&dado\\_pedido=Descricao&id\\_aps=9](http://www.esenfc.pt/esenfc/projectos/index.php?target=showContent&tipo=APS&id_projecto=40&dado_pedido=Descricao&id_aps=9)
- <https://sites.google.com/site/peerescolaverao09/programa-cient>

## Conclusões

O presente estudo faz parte dos objectivos estratégicos do Plano Municipal contra a Violência Doméstica de Cascais tendo como objectivo a promoção do conhecimento sobre as percepções dos/as adolescentes relativamente à violência e às relações sociais de género. Como objectivo mais específico foi proposta a caracterização e análise das práticas, percepções e atitudes dos/as adolescentes do concelho relativamente à violência no namoro e entre pares, de modo a fundamentar a prevenção e intervenção nestes domínios, tendo a autarquia estabelecido como grupo prioritário os/as adolescentes que frequentavam o 9º ano ou equivalente na escola pública durante o ano lectivo de 2009/2010.

Para o cumprimento dos referidos objectivos foi fundamental contar com o envolvimento das Escolas, sem o qual o estudo seria decerto muito mais pobre. Mediante esse envolvimento, pudemos aceder aos/às adolescentes em condições mais favoráveis, tomámos contacto com a visão institucional acerca dos fenómenos em estudo, conhecemos um conjunto de regras presentes no quotidiano dos/as alunos/as e, não menos importante, procurámos promover futuras parcerias entre os diversos agentes tendo em vista a prevenção e a intervenção em matéria de violência. A disponibilidade e apoio das Direcções, aliada aos recursos técnicos do CIES, possibilitaram desde logo o preenchimento do inquérito via Internet e o conseqüente aumento da amostra para cerca de 36% da população de adolescentes a frequentar o 9º ano ou equivalente, garantindo assim ampla fiabilidade estatística aos resultados do estudo.

No contacto com os/as Directores/as de Agrupamento/Escola, pudemos verificar que todos conhecem bem o fenómeno da violência entre pares, ao

passo que a violência no namoro apenas é conhecida parcialmente e não é ainda reconhecida pela maior parte dos inquiridos como uma problemática passível de intervenção específica. Não deixaram de salientar contudo as clivagens de género presentes em diversas situações de vitimação e agressão, nomeadamente naquelas que têm como motivação relações afectivas entre os/as adolescentes envolvidos/as.

Os/As Directores/as destacaram diversas causas possíveis para a violência entre os/as adolescentes, a saber: o impacto das transições de ciclo de ensino; as diferenças de idade; a reprodução de comportamentos observados em diversos contextos sociais (bairro/comunidade, família/casa, media); o impacto dos espaços físicos das escolas. Um aspecto relevante e comum a quase todos/as eles/as é a percepção de que nas suas próprias Escolas os níveis de violência têm vindo a reduzir-se.

É de enfatizar a participação e adesão das Escolas ao estudo e o interesse que todos/as os/as Directores/as e Professores/as manifestaram pelo tema desde a primeira hora. Do estabelecimento dos primeiros contactos com os Agrupamentos e Escolas até à participação da equipa de investigação numa reunião da Área Pedagógica 10, a inclusão do tema da violência entre adolescentes no diálogo inter-escolas constituiu sempre um elemento relevante do processo de pesquisa. No decurso dos referidos contactos pôde constatar-se igualmente o reconhecimento por parte das Escolas do interesse que teria a colaboração da Câmara de Cascais em termos de prevenção e intervenção. Importa aqui realçar que foram identificadas diversas iniciativas de mérito que têm vindo a ser implementadas pelas Escolas nestes domínios. Contudo, a maioria destas iniciativas não se encontra sistematizada nem enquadrada em programas coordenados, pelo que será de incentivar a partilha e coordenação sistemática de iniciativas e de boas práticas entre as Escolas.

Outro indicador interessante que emergiu do trabalho de campo, fornecendo pistas úteis para futuras intervenções, foi o impacto reflexivo da participação dos/as adolescentes no inquérito. Saliente-se a este respeito que algumas das Escolas já procedem à aplicação de inquéritos de preenchimento anónimo sobre práticas de violência em determinados períodos do ano, melhorando desse modo as condições para uma melhor compreensão e prevenção da violência.

A análise dos principais resultados do inquérito preenchido pelos/as adolescentes permitiu conhecer melhor as respectivas práticas, percepções e atitudes face à violência no namoro e entre pares, bem como a relação destas com as questões de género.

Relativamente ao envolvimento em situações de violência, no caso das relações entre pares verificou-se que desde o início do ano mais de 95% dos/as adolescentes estiveram envolvidos como vítimas ou como agressores em pelo menos uma situação de violência, sendo que na maioria dos casos assumiram mesmo ambos os papéis. Nas relações de namoro a questão era semelhante, remetendo no entanto para a globalidade das experiências dos/as adolescentes até à data. Neste caso pouco mais de metade declarou nunca se ter envolvido em situações de violência, ao passo que entre a metade que se envolveu pelo menos uma vez a maioria também já foi agressor e vítima, tal como se verificara para a violência entre pares. Face a este quadro é interessante constatar que a grande maioria dos/as adolescentes afirma sentir-se muito bem com os/as amigos/as, o/a namorado/a e os/as colegas, e percebe o namoro como uma relação compensadora do ponto de vista emocional. Estes resultados não são necessariamente incompatíveis com a existência de situações de agressividade ou mesma de violência entre os/as adolescentes, pois estas podem ser entendidas como formas relacionais normais, nomeadamente quando praticadas de forma corrente no grupo de pares.

O tipo de violência que ocorre mais frequentemente entre adolescentes é a violência emocional e de exclusão social. Isto é válido tanto no namoro como entre pares, embora neste último caso o fenómeno seja significativamente mais frequente do que entre namorados, o que não surpreende dadas as diferenças qualitativas e contextuais dos relacionamentos em questão. À medida que aumenta a expressão física e a gravidade dos actos agressivos a sua frequência diminui substancialmente, tanto num caso como noutro – não sendo todavia de descurar visto que no tipo de violência física mais grave encontramos actos como ameaças com armas e abusos sexuais, merecedores de especial atenção e intervenção junto de agressores e vítimas.

Ao analisar os comportamentos violentos em função do género é possível estabelecer diferenças muito claras, quer entre géneros, quer entre situações ocorridas nas relações de namoro ou com os/as pares. Assim, quando as referidas situações se dão no âmbito do namoro as adolescentes aparecem maioritariamente como agressoras nos diversos tipos de violência, e também como vítimas, nomeadamente de violência emocional e de exclusão social, ainda que os adolescentes apresentem um ligeiro ascendente no que respeita à vitimação física de gravidade média. Além das explicações já aludidas para esta aparente incongruência, poderá também indagar-se relativamente à tendência geral observada se não estaremos perante a incorporação pelas adolescentes de disposições sexistas tradicionalmente associadas ao sexo masculino, que têm como consequência, neste caso, uma participação mais activa em situações de violência no namoro. Outra interrogação que nos desafia perante tais resultados prende-se com as motivações e os contextos em que têm lugar os actos violentos entre namorados/as. Ambas as questões anteriores se afiguram muito relevantes para o conhecimento da relação entre violência e género, carecendo portanto de aprofundamento através da realização de pesquisas que adoptem metodologias qualitativas ajustadas aos resultados agora obtidos. Nas situações de violência entre pares, os adolescentes são os principais perpetradores dos diferentes tipos de violência

e são também mais vítimas da mesma, sobretudo em termos físicos, conclusões que se encontram em linha com o que se tem vindo a verificar noutros estudos nacionais e internacionais junto de populações semelhantes.

Outros factores relevantes nas práticas de violência entre adolescentes são a idade, a repetência e o tipo de ensino frequentado. Os/As adolescentes com idade igual ou superior a 16 anos agridem mais e são mais vitimados em situações de violência no namoro. É também neste grupo etário que se encontram os principais agressores entre pares. No grupo de adolescentes que já repetiram um ou mais anos as tendências são semelhantes às anteriormente observadas para o grupo dos/as mais velhos/as. Os/As adolescentes que se encontram a frequentar os CEF e os PIEF destacam-se dos/as demais, quer em termos de agressão, quer de vitimação, tanto no namoro como entre pares. Há contudo que ter alguma cautela na abordagem destes resultados, uma vez que os/as adolescentes com as referidas características são pouco numerosos/as para que se extraiam conclusões definitivas e a especificidade dos seus contextos e trajectórias leva a questionar se por detrás do factor idade não se ocultará um conjunto de estigmas e desigualdades indutores do comportamento violento. Esta tese é corroborada, aliás, por diversos estudos com adolescentes e jovens que apontam para uma diminuição ou estabilização das práticas de violência com o aumento da idade.

Na análise às crenças e atitudes dos/as adolescentes face à violência verificou-se que a maioria discorda da prática de actos violentos independentemente das justificações para a perpetração dos mesmos. Da análise segundo o género foi possível concluir que os adolescentes apresentam uma concordância significativamente maior do que as adolescentes perante todas as justificações da violência apresentadas, sendo essa diferença mais expressiva nas crenças sexistas e de justificação da violência doméstica e na justificação da violência entre pares como reacção e valentia. Tal facto poderá estar associado, por um lado, ao processo de construção e afirmação de papéis de género que é típico da adolescência e, por outro, a quadros culturais que se caracterizam

frequentemente pela afirmação de determinados valores através da agressividade e da violência.

Concluiu-se também que as crenças e atitudes que justificam a violência se correlacionam significativamente com as situações de agressão entre adolescentes, nomeadamente com as agressões ocorridas entre pares. Ainda que menos expressiva, essa relação verifica-se igualmente entre as crenças que legitimam a violência e as práticas de agressão no namoro, o que evidencia a transposição de atitudes e comportamentos do grupo de pares para as relações de namoro em contextos de socialização semelhantes. O conjunto de crenças sexistas e de justificação da violência doméstica, bem como a justificação da violência pela sua normalidade, também se relacionam com a tendência dos/as adolescentes para a agressão, tanto no namoro como entre pares, o que denota a necessidade de uma intervenção estruturada sobre os quadros culturais dos/as adolescentes no sentido de promover valores de igualdade e de respeito pelos direitos humanos.

A análise realizada sobre os efeitos das situações de agressão permitiu compreender melhor até que ponto os/as jovens encontravam recursos e possibilidades de apoio e defesa nas suas redes de relações sociais. A importância dos grupos de pares na adolescência constitui hoje um facto estabelecido e ilustrado na literatura científica, que aqui aparece claramente como um elemento central. Perante situações de agressão são os/as amigos/as que surgem como primeira referência, seja como interlocutores seja como elemento de defesa face a esses comportamentos. Este facto não diminui a importância de outros elementos centrais na vida dos/as adolescentes, como a família ou os professores, situação que ficou bem ilustrada pelos dados recolhidos, contudo a partilha de longos períodos em conjunto, a vivência de uma mesma situação social, leva a que os grupos de pares e de amigos/as assumam essa relevância. Constituem dessa forma um elemento que não se pode ignorar e um recurso precioso quando se pretende implementar estratégias de prevenção da violência. De salientar ainda que

os/as adolescentes mostram, como seria de esperar, uma certa divisão relativamente à intervenção conforme estejam ou não amigos/as em causa. Este tipo de dilemas constitui igualmente um ponto possível para iniciar um trabalho de prevenção da violência, até porque esta possui características principalmente sociais e consequências significativas sobre a vida social dos/as adolescentes.

Uma outra conclusão interessante, porque permite conhecer o que pensam os/as adolescentes acerca do contexto escolar, é a avaliação claramente positiva que fazem do papel dos/as professores/as, mesmo que muitas das vezes preferam não recorrer à sua mediação. A sua actuação é sem dúvida importante e múltipla, como mostra o efeito moderador sobre os comportamentos de agressão associável ao conhecimento pelos inquiridos do regulamento interno. É ainda mais importante a mobilização dos docentes e colegas, já que foi igualmente possível identificar dois grupos de adolescentes que quando agredidos/as ficam numa situação de particular desprotecção, pois ou não contam a ninguém as agressões de que foram vítimas, ou ninguém desenvolve nenhum tipo de acção para intervir.

Conhecer as regras, encontrar-se bem integrado/a nas redes de relações sociais da escola, encontrar interlocutores para as situações de agressão, debater colectivamente o papel destrutivo da violência nos diversos tipos de relações, promover a sensibilidade das Direcções das Escolas e docentes para esta problemática constituem assim algumas das principais prioridades identificadas.

## **Recomendações**

A elaboração de um quadro de recomendações constitui sempre um exercício de prospectiva em que as recomendações procuram um equilíbrio (necessariamente instável) entre o ideal e desejável e os constrangimentos existentes na actividade pública, sejam eles materiais, culturais ou outros. O exercício que desenvolveremos em seguida confronta-se com este dilema pois procura não apenas enunciar princípios gerais ideais, mas sugerir medidas concretizáveis no quadro da actividade municipal e da rede social local.

### **1. Abordar a violência como um fenómeno multidimensional**

A existência de continuidades entre a ocorrência e disseminação de situações de violência entre pares e as que se produzem nos contextos mais restritos das relações de namoro constitui um das conclusões centrais da investigação. Trata-se portanto de considerar que, ao abordar as formas de violência no namoro, é igualmente necessário lançar o debate sobre a redução das diversas formas de violência entre pares, de forma a que as situações e tipos de violência, mesmo que de carácter relacional, deixem de constituir uma situação corrente e entendida como normal na vida social dos/as adolescentes.

A violência no namoro, entre pares na escola ou na comunidade e o contacto com situações de violência doméstica, constituem realidades interligadas que se alimentam e reforçam mutuamente como diversas pesquisas e programas de intervenção já mostraram. Uma prática efectivamente inovadora seria considerar programas integrados que abordem as diversas dimensões da violência, situação para a qual a Câmara Municipal de Cascais e o Fórum Municipal de Cascais Contra a Violência Doméstica se encontram em posição

privilegiada. Deste ponto de vista a interligação com outras entidades já com programas no terreno, nomeadamente de prevenção da violência na escola, entre as quais algumas das escolas participantes no estudo, é um elemento que deveria constituir o núcleo central das actividades de informação e prevenção.

## **2. Centrar a atenção nos adolescentes**

Até ao momento a actividade de prevenção do Fórum Municipal de Cascais Contra a Violência Doméstica orientada para as escolas centrou-se essencialmente na produção de informação para educadores de infância e docentes, através da publicação de dois manuais com informações, alertas e sugestões de actuação relativamente à detecção de crianças expostas a situações de violência doméstica. Abordar a população adolescente de forma alargada, situação até agora não considerada nos planos de actividades do Fórum Municipal de Cascais Contra a Violência Doméstica, implica elaborar uma estratégia que a coloque no centro da actividade preventiva. Das actividades de contacto com os/as adolescentes durante a concretização da pesquisa ressaltou claramente o défice de informação e o facto de a maioria nunca ter sido solicitada para realizar uma reflexão acerca do tema, mas sobressaiu igualmente o interesse para participar em acções de informação e debate.

Parece-nos assim relevante a produção sistemática de informação especificamente dirigida aos/às jovens, utilizando para isso o conhecimento e experiência já acumulada pelo Fórum Municipal, mas centrando-se em meios inovadores e efectivamente utilizados pelos/as adolescentes, nomeadamente as redes sociais. A criação de uma página no Facebook, com informação e fóruns de debate, ou a criação de uma ilha no Second Life, com a possibilidade de desenvolvimento de actividades de simulação, constituem hoje instrumentos de fácil acesso e profundamente disseminados entre a população adolescente.

### **3. Conseguir a colaboração de famílias e comunidade**

Outro elemento central das estratégias de prevenção e intervenção nas situações de violência no namoro é a da participação das famílias e associações de pais e encarregados/as de educação nestas actividades. Se as características psicossociais dos/as adolescentes promovem uma procura activa de autonomia, em que as relações de namoro assumem um papel importante, as situações de agressão e isolamento passam-se muitas vezes no desconhecimento das famílias. Fornecer informação capaz de as alertar para indicadores de agressão, mobilizar as associações de pais e encarregados/as de educação para participar nas redes de difusão de informação, mobilizar as famílias para o debate em torno das relações de namoro dos/as filhos/as é igualmente uma forma de contribuir activamente para o desencadear de reflexividade sobre as próprias situações de violência entre adultos praticadas em contexto doméstico. Esta estratégia contribuiria para enfraquecer as situações de reprodução e reforço dos comportamentos violentos resultante da vivência de situações de violência em vários contextos, nomeadamente domésticos.

### **4. Aprofundar o funcionamento em rede**

A disponibilidade e interesse com que a equipa conjunta de investigadores do CIES e técnicas da CMC foi recebida nas escolas constitui outra conclusão retirada ao longo da pesquisa apresentada. Este facto é sem dúvida um elemento de partida muito importante, pois existe uma grande abertura dos estabelecimentos e respectivas direcções para estabelecer relações de troca de informação e colaboração. Esta disponibilidade foi expressa individual e colectivamente na reunião da Área Pedagógica 10 e constitui a base que permite estabelecer um plano de prevenção primária da violência no namoro (mas igualmente de outras formas de violência, como a doméstica ou entre pares). Apoiando-se no facto de os agrupamentos e escolas possuírem em

funcionamento uma estrutura de coordenação e cooperação (a AP 10) parece-nos existir uma base para estruturar uma programa conjunto entre esta, a Câmara Municipal de Cascais e o Fórum Municipal de Cascais Contra a Violência Doméstica, com significativos ganhos de eficácia e maximização de recursos.

Alargar o princípio de funcionamento em rede já adoptado pelo Fórum Municipal de Cascais Contra a Violência Doméstica e pela Rede Social de Cascais às escolas poderá criar sinergias significativas, pela incorporação como parceiros não apenas das escolas mas igualmente de outros programas de carácter nacional a elas associados e que possuem expressão local, como o Programa Escola Segura, o Programa Escolhas ou, em algumas escolas, o Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária. Este alargamento permitiria não apenas aumentar o número de parceiros mas igualmente os recursos humanos e as competências técnicas neles existentes, pela sua significativa experiência de trabalho com adolescentes. Outra dimensão deste trabalho em rede na prevenção da violência será a associação dos departamentos da própria Câmara Municipal de Cascais, nomeadamente os da Educação, Desporto e Juventude, mas igualmente do Conselho Municipal de Educação, enquanto fórum municipal de aconselhamento educativo. A constituição de equipas multidisciplinares, sejam de raiz, sejam através da concertação dos esforços das diversas entidades parceiras, constituiria um dos contributos mais relevantes a atingir.

## **5. Colocar o debate sobre violência nos currículos**

Uma outra medida, utilizando para tal um programa já em execução e desenvolvido por iniciativa do Ministério da Educação/Programa Escola Segura, é a introdução do debate sobre a violência no namoro nos currículos do ensino básico. É hoje leccionado no 5.º ano de escolaridade o módulo curricular não disciplinar Cidadania e Segurança, tendencialmente na área de

Formação Cívica. Trata-se de um módulo com carácter obrigatório em que são abordadas as questões da segurança e da não-violência, que integra os temas *Viver com os outros*, *As situações de conflito e violência* e *Os comportamentos específicos de segurança*. Encontrando-se previsto o alargamento do módulo aos 7º e 9º anos de escolaridade, é claramente uma possibilidade interessante acordar com as escolas a integração da prevenção da violência no namoro e da violência doméstica neste módulo, estabelecendo um quadro de colaboração entre as instituições participantes do Fórum Municipal de Cascais Contra a Violência Doméstica. Tal colaboração poderia passar, entre outras medidas pela realização por parte do Fórum Municipal de acções de informação e formação destinadas especificamente a docentes, nomeadamente aqueles/as que ocupam posições chave na intervenção e prevenção da violência entre pares, como os/as directores/as de turma, assim como, noutra perspectiva, de participação directa com os/as adolescentes nos momentos lectivos desses módulos.

## **6. Criar uma rede de interlocutores**

Abordar as formas de intervenção e prevenção da violência no namoro implica discutir os instrumentos a utilizar. Seja do ponto de vista mais restrito da violência no namoro, seja de um ponto de vista amplo, importa estabelecer uma rede de interlocutores a quem os/as jovens se possam socorrer e perante a qual se sintam seguros para recorrer. Este tipo de interlocutores poderá ser de diversos tipos, sejam institucionais e já existentes, como os gabinetes de apoio ao aluno, sejam adolescentes das próprias escolas com formação para mediadores de pares, sejam outras ofertas fora do espaço escolar, nomeadamente nas instituições que integram o Fórum Municipal de Cascais Contra a Violência Doméstica. O decisivo é a existência de interlocutores a quem os/as jovens se possam dirigir sabendo-se em segurança e que garantam os seus direitos enquanto menores.

A própria conclusão de que a maior percentagem de situações de violência diz respeito a tipos de violência emocional e de exclusão social, em boa parte devido ao próprio processo de desenvolvimento emocional e social na adolescência, indica que seria muito importante a proposição de actividades que proporcionassem o confronto das inseguranças e dificuldades relacionais dos/as adolescentes em contextos controlados. A realização de actividades de dinâmica de grupos, utilizando técnicas como a simulação de papéis (role-play) ou o confronto com situações face às quais é necessário tomar posição e fazer opções morais, como as implícitas no Teatro-Fórum utilizado pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, constitui uma possibilidade concretizável através da criação de protocolos com instituições culturais do concelho, nomeadamente as ligadas ao teatro com experiência de trabalho com crianças e jovens. No mesmo sentido, a experiência de formação de mediadores de pares desenvolvida em Coimbra constitui igualmente um exemplo a reproduzir, pois não apenas cria os instrumentos para intervir sobre os diversos tipos de violência existentes em espaço escolar, como permite difundir competências sociais para a comunidade.

## Referências Bibliográficas

Amado, João (1998), “Pedagogia e actuação disciplinar na aula”, *Revista Portuguesa de Educação*, 11 (2), pp. 35-56.

Amado, João (2000), *Interacção Pedagógica e Indisciplina na Aula*. Lisboa, Edições Asa.

Amado, João (2001), “Dinâmica de turma e indisciplina na aula”, *Violência e Indisciplina na Escola: Livro do Colóquio, XI Colóquio AFIRSE*. Lisboa, FPCE/UL.

Almeida, A. (1999), “Portugal”, in Smith, P., Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, e P. Slee (Eds.), *The nature of school bullying. A cross-national perspective*. London, Routledge.

Anderson, Craig A. (2000), “Agression”, in Borgatta, E.F. e R. J. Montgomery (Eds.), *International Encyclopedia of Sociology, vol. 1*. New York, Macmillan (pp. 68-78).

António, Maria João Pego (2004), *O que ficou na memória: os castigos corporais na escola primária. 1900-1960*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa, FPCE/UL.

Asseiceira, Fernanda (2007), “Relatório Final: Violência nas escolas”. Assembleia da República, Comissão de Educação, Ciência e Cultura.

Artal, Edith (2004), “Violencia en las escuelas”, *Revista Educación*, 29 (2), pp.139-155.

Bansel, P., e outros (2009), “Bullies, bullying and power in the contexts of schooling”, *British Journal of Sociology of Education*, vol. 30, nº 1, pp. 59-69.

Boudon, Raymond (1990), *O lugar da desordem*. Lisboa, Gradiva.

Burns, Tom, e Helena Flam (2000), *Sistemas de Regras Sociais. Teoria e Aplicações*. Oeiras, Celta Editora.

Canário, Rui, (1998), “*Exclusão social e exclusão escolar. A criação dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária*”. Lisboa, IIE.

Casimiro, Cláudia (2008), “Violências na conjugalidade: a questão da simetria do género”, *Análise Social*, vol. XLIII (3º), pp. 579-601.

Caridade, S., e C. Machado (2006), “Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração”, *Análise Psicológica*, 4 (XXIV), pp. 485-493.

Caridade, Sónia Maria Martins (2008), *Violência nas relações de intimidade: Comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Carvalhosa, S., L. Lima e M. Matos (2002), “Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português”, *Análise Psicológica*, 4 (XX), pp. 571-585.

Charlot, Bernard (1997), *Violences à l'école, Etat des Savoirs*. Armand Colin, Paris.

Charlot, Bernard (2002), “A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão”, *Sociologias*, ano 4, nº 8, pp. 432-443.

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (2007), *A Igualdade de Género em Portugal (2ª Ed.)*. Lisboa, CIG.

Debarbieux, Eric (2006), “*Violência na Escola, um Desafio Mundial*”. Instituto Piaget.

Debarbieux, Eric, Alix Dupuch e Yves Montoya (1997), “Pour en finir avec le «handicap socio-violent»: une approche comparative de la violence en milieu scolaire”, in *Violences á l'école – état de savoirs*. Armand Colin, Paris.

Debarbieux, Eric, e Yves Montoya (2003), *Microviolences et climat scolaire: évolution 1995-2003 en écoles élémentaires et en collèges*. Ministère de l'Education Nationale, DPD.

Diaz-Aguado, M. J., R. Martinez Arias e G. Martín Seoane (2004), *Prevención de la violencia y lucha contra la exclusión desde la adolescencia. Vol.1. La violencia entre iguales en la escuela y en el ocio. Estudios comparativos e instrumentos de evaluación*. Madrid, Instituto de la Juventud.

Diaz-Aguado, M. J. (2004), *Prevención de la violencia y lucha contra la exclusión desde la adolescencia. Vol. 2. La violencia entre iguales en la escuela y en el ocio. Programa de intervención y estudio experimental*. Madrid, Instituto de la Juventud.

Diaz-Aguado, M. J. (2004), *Prevención de la violencia y lucha contra la exclusión desde la adolescencia. Vol. 3. Intervención a través de la familia*. Madrid, Instituto de la Juventud.

Estrela, M<sup>a</sup> Teresa. (1992), *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto, Porto Editora.

Estrela, M<sup>a</sup> Teresa. (2001), “A investigação sobre a indisciplina em contexto escolar em Portugal”, *Violência e Indisciplina na Escola: Livro do Colóquio, XI Colóquio AFIRSE*. Lisboa, FPCE/UL.

Fernandes, António Teixeira (1998), *O Estado Democrático e a Cidadania*. Porto, Edições Afrontamento.

Freire, I., A. Simão e A. Ferreira (2006), “O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico — um questionário aferido para a população escolar portuguesa”, *Revista Portuguesa de Educação*, 19 (2), pp. 157-183.

Freire, Isabel (2007), “Violência nas escolas – que desafios educativos?”, in *Seminário Bullying, Violência e Agressividade em Contexto Escolar*, Lisboa, AAA FPCE/UL.

Fuchs, Marek (2008), “Impact of school context on violence at schools”, *International Journal on Violence and Schools*, (7), <http://www.ijvs.org/3-6224-Article.php?id=58&tarticle=0>

Gonçalves, S., e M. Matos (2008), “Bullying in Schools: predictors and profiles”, *International Journal on Violence and Schools*, (7), <http://www.ijvs.org/files/Revue-07/05.-Goncalves-ljvs-7.pdf>

Machado, C., e outros (2008), “Escala de crenças sobre violência conjugal”, in Almeida, L. S., e outro (Eds.), *Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa, Vol. II (2ª Ed.)*. Coimbra, Quarteto (pp. 134-149).

Machado, C., M. Matos e A. I. Moreira (2003), “Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária”, *Psychologica*, 33, pp. 69-83.

Machado, C., S. Caridade e C. Martins (no prelo), “Violence in Juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample”, *Journal of Family Violence*.

Marques, A. R., e C. Neto (2000), “Características do recreio escolar e os comportamentos agressivos das crianças”, in *Congresso Internacional Os Mundos Sociais e Culturais da Infância*. Braga, Instituto Estudos da Criança, Universidade do Minho.

Martins, M. J. D. (2005), "Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico", *Análise Psicológica*, 4 (XXIII), pp. 401-425.

Martins, M. J. D. (2009), *Maus tratos entre adolescentes na escola*. Editorial Novembro.

Mateo, Vicente, e Manuel Ferrer (2008), "Prevención de la violencia y promoción de la convivencia escolar en la Comunitat Valenciana (Plan PREVI)", *Aula Abierta*, Vol. 36, nº 1, 2, pp. 97-110. Universidad de Oviedo, ICE.

Matos, M., e S. Carvalhosa (2001), "Violência na escola: vítimas, provocadores e outros", *Aventura Social & Saúde*, 2, 1. Lisboa, FMH.

Matos, M., e outros (2006), "Prevenção da Violência nas Relações de Namoro: Intervenção com Jovens em Contexto Escolar", *Psicologia: Teoria e Prática*, 8 (1), pp. 55-75.

Meier, Ann, e Gina Allen (2009), "Romantic Relationships from Adolescence to Young Adulthood: Evidence from the National Longitudinal Study of Adolescent Health", *The Sociological Quarterly*, vol. 50, nº 2, pp. 308-335.

Molnar, B., e outros (2008), "Effects of Neighbourhood Resources on Aggressive and Delinquent Behaviours Among Urban Youths", *American Journal of Public Health*, vol. 98, nº 6, pp. 1086-93.

Infante, L. (2003), "Evaluación de actitudes violentas y clima escolar en situaciones de agresividad e alumnado de secundaria", *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4 (2), pp. 277-286.

Observatório de Segurança Escolar (2007), *Relatório de Segurança das Escolas Portuguesas. Análise dos Dados do Ano Lectivo 2007/08*. Lisboa, ME/ESES.

Oubrayrie-Roussel, N., e C. Safont-Mottay (2001), "Conduites a risques et devalorisation de soi: etude de la consommation de toxiques (tabac, alcool, et drogue) chez les adolescents scholarises", *Psicologia, Saúde & Doenças* 2 (1), pp. 59-75.

Olweus, D. (1997), "Bully/victim problems in school: facts and intervention", *European Journal of Psychology of Education*, 12 (4), pp. 495-511.

Paiva, C., e B. Figueiredo (2004), "Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses", *Psychologica*, 36, pp. 75-107.

Payet, Jean-Paul (2005), "A escola e a modernidade: o risco da etnicidade, o desafio da pluralidade", *Análise Social*, vol. XL (176), pp. 681-694.

Price, E. L., E. S. Byers e Dating violence research team (1999), "The attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation", *Journal of Family Violence*, 4, pp. 387-415.

Pereira, B., C. Neto e P. Smith (1997), "Os espaços de recreio e a prevenção do *bullying* na escola", in Neto, C., (coord.) *Jogo e Desenvolvimento da Criança*. Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana (pp. 238- 257).

Pereira, B., (2006) "Prevenção da violência em contexto escolar: Diagnóstico e programa de intervenção" in Neto, J. C. S. (coord.) *Infância: Violência, Instituições e Políticas Públicas*. São Paulo, Expressão e Arte Editora (pp. 43-51).

Pereira, B. et al (2006), "Bullying in Portuguese School", *School Psychology International*, vol. 25 (2), pp. 241-254.

Pinto, José Madureira (1996), "Tópicos para uma análise da produção de saberes sobre o social", in AAVV *Dinâmicas multiculturais: novas faces, novos olhares*. Lisboa, ICS.

Sarmiento, Ángela, e Isabel Marmolejo (2005), *Violencia entre compañeros en la escuela*. España, Centro Reina Sofía para el Estudio de la Violencia, Metraseis.

Scott, John (2007), "Power, domination and stratification: towards a conceptual synthesis", *Sociologia*, nº 55, pp. 25-39.

Sebastião, João, Teresa Seabra, Mariana Gaio Alves, David Tavares, José Garrucho Martins e Maria João Portas (1999), "A produção da violência na escola", *Revista da ESES*, Santarém.

Sebastião, João, Mariana Gaio Alves e Patrícia Amaral (2001), *A produção social da violência na escola*, Relatório de Investigação. Lisboa, IIE.

Sebastião, João, Mariana Gaio Alves e Joana Campos (2003), "Violência na escola: das políticas aos quotidianos", *Sociologia, problemas e práticas* nº 41.

Sebastião, João, Mariana Gaio Alves, Joana Campos e Patrícia Amaral (2004), *Escola e Violência: Conceitos, Políticas, Quotidianos*, Relatório de Pesquisa. Lisboa, IIE.

Silva, Maria, e Isabel Neves (2006), "Compreender a (in)disciplina na sala de aula: uma análise das relações de controlo e de poder", *Revista Portuguesa de Educação*, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, 19 (1), pp. 5-41.

Rebelo, Elsa Videira da Cunha (2008), *Jornalismo e Violência na Escola. A cobertura jornalística da violência na escola na imprensa portuguesa (1998-2002)*, Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.

Rochex, Jean Yves (2003), "Pistas para uma desconstrução do tema «a violência na escola»", in Correia, J.A. e M. Matos, *Violência e Violências da e na Escola*. Porto, Edições Afrontamento.

Underwood, Marion K. (2008), "Agression", in Drity Jr., William (Ed.), *International Encyclopedia of the Social Sciences*, 2ª ed.. New York, Macmillan, (pp. 55-57).

Visser, John (2006) "Keeping violence in perspective", *International Journal on Violence and Schools*, (1), <http://www.ijvs.org/3-6224-Article.php?id=15&tarticle=0>.

Williams, Kimberly (2006), "Collaboration between elementary schools and community agencies to reduce violence: Can it work?" *Current Issues in Education*, 9 (1). <http://cie.ed.asu.edu/volume9/number1/>

Zaluar, Alba (2002), "Oito temas para debate, Violência e segurança pública", *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 38, pp. 19-24.